



imago_

EBA

sobre(vivências)

eba
UFRJ
200
ANOS



imago_
EBA
sobre(vivências)

02
_Pintura

Capa: Maria Fernandes
Título: Flutuar (detalhe)
Série Afundo
Técnica: óleo sobre tela
Dimensão: 40x60 cm | 2021

eBa 200 ANOS

Revista de imagens do Projeto de Extensão Pintura Contemporânea e Sociedade: processos de criação, exposição e diálogos
Curso de Graduação em Pintura
Escola de Belas Artes da UFRJ

Coordenação, supervisão e projeto gráfico:
Profa. Dra. Martha Werneck / Dep. BAB - Setor Pintura

Conselho Editorial, diagramação,
tratamento de imagens e revisão:

- Beatriz Almeida
- David Ferreira
- Ester Genáio
- Joyce Caroline
- Samara Carneiro
- Saullo Storni

Divulgação, mídias sociais e revisão:

- Camila Albuquerque
- Helena Sanches
- Jorge Alberto (Jotta Frost)

Artistas e professores convidados:

- Prof. Dr. Rafael Bteshe / Dep. BAP
- Prof. Dr. Ricardo A. B. Pereira / Dep. BAB - Setor Pintura
coordenador do Curso de Graduação em Pintura EBA- UFRJ

Contato
revistaimagoeba@gmail.com

Instagram e Facebook
[@revistaimago_eba](https://www.instagram.com/revistaimago_eba)

Sites hospedeiros:
www.pintura.eba.ufrj
www.eba.ufrj.br
<https://issuu.com/revistaimagoeba>



Maria Fernandes >
Afogar (detalhe) | Série Afundo
Técnica: óleo sobre tela
Dimensão: 40x50 cm | 2021





I [Apresentação]

Ricardo A. B. Pereira

Instagram: @ricardo.ab.pereira

COORDENADOR DO CURSO
DE GRADUAÇÃO EM PINTURA

Já que me foi dada a grata oportunidade de escrever este texto para a Revista Imago_EBA sobre a nossa sobre(vivência) enquanto artistas em meio aos desastres atuais, aproveitarei para me expressar não tanto como professor e coordenador do curso de Pintura, mas como uma pessoa para quem a arte está presente de forma total em praticamente toda sua vida. Portanto, não faço uma abordagem teórica do tema, mas sim pessoal, uma espécie de declaração ou depoimento, visando alcançar diretamente aqueles que, além de interessados profundamente em arte, são nossos estudantes.

Estamos há dois anos vivenciando uma situação pela qual jamais pensáramos passar. O vírus Covid-19 obrigou o mundo todo a frear sua correria diária, caso quisesse sobreviver a uma das pandemias mais mortais da história recente. E uma das partes mais difíceis de suportar, além do terrível sofrimento nos hospitais superlotados e as milhares de mortes diárias, não só de pessoas anônimas e distantes, mas também de entes muito próximos, foi e prossegue sendo o distanciamento social. Para o ser humano, acostumado desde seu surgimento a viver em sociedade, ter que subitamente se isolar em sua casa, se afastar do convívio dos amigos, de muitos dos familiares, dos colegas de trabalho, enfim, da agitação social na qual sempre

Ricardo A. B. Pereira
Visitando o Multiverso
Técnica: acrílica, encáustica, óleo
e pasta de cera sobre colagem em
compensado
Dimensão: 70x55 cm | 2021

esteve mergulhado, tudo isso significa não só um grande sofrimento, mas também um grande desafio à sua própria saúde mental. Fomos postos à prova e ainda continuamos atravessando esta provação.

Todavia, para aquelas famílias que já viviam em condição de vulnerabilidade, sabe-se o quanto a pandemia tem sido ainda mais devastadora, particularmente num momento em que o país está sendo “dirigido” por um regime negacionista e sem qualquer empatia com os pobres. Aquela grande parcela do povo brasileiro, na verdade a maior, por estar mergulhada nesta dura realidade de pobreza, já ultrapassando outra vez à linha da miséria absoluta, é a que mais continua sofrendo com o contágio, a falta de adequado atendimento de saúde, o desemprego, o abandono e a fome. Em tais condições, como fica a educação das crianças e jovens, especialmente quando Educação e Cultura se encontram tão desprestigiadas por aqueles setores governamentais que mais as deveriam incentivar? Talvez seja essa uma das passagens mais trágicas desta terrível experiência sanitária, pois num país como o Brasil, cuja educação pública jamais alcançou o patamar de qualidade necessário, estamos vendo que a obrigatoriedade do ensino remoto redundou, fatalmente, em fracasso e abandono do aprendizado. Isso aconteceu por falta de condições financeiras e técnicas mínimas tanto por parte das escolas quanto dos alunos, seja para se produzir conhecimento à distância, seja para se assistir às aulas em formato remoto. Nas casas destes estudantes, a maioria localizada em comu-

nidades sem a menor assistência do poder público, muitas vezes existe um único e precário celular para atender a família toda (se existir), isso sem mencionar a falta de uma internet ao menos razoável que permita que se participe de tais aulas. Então, em tais condições precaríssimas o que se pode esperar do desempenho escolar dos alunos? Pouco ou nada, infelizmente.

No contexto da universidade pública, a realidade do ensino remoto não é tão diferente, o que vem gerando trancamentos e abandono dos cursos que com tanto esforço custaram para ser alcançados. Ou, então, tem causado desânimo por se saber que com o ensino remoto uma parcela fundamental do aprendizado, que tem relação direta com a prática e com a convivência presencial diária com colegas e professores, está sendo perdida. Desta forma, chegando ao ponto que nos toca, como fica a nossa sobre(vivência) no contexto do ensino universitário de arte numa instituição pública como a UFRJ, tão irresponsavelmente atacada, desprezada e sucateada na atual conjuntura política brasileira? O que estudantes da EBA e seus professores podem fazer para manterem vivo o interesse pela expressão pessoal através da arte? Como superar esta fase tão difícil em que o afastamento social nos obriga a ficar isolados uns dos outros, apenas postados diante de celulares, notebooks e PCs, nos enxergando em conversas através de janelinhas virtuais, falando teoricamente sobre a arte que produzimos, mas a qual precisamos e queremos muito mostrar uns para outros pessoalmente?

Nascida de si mesma
Técnica: acrílica, encáustica, óleo e
pasta de cera sobre tela colada em
compensado
Dimensão: 75x50 cm | 2021

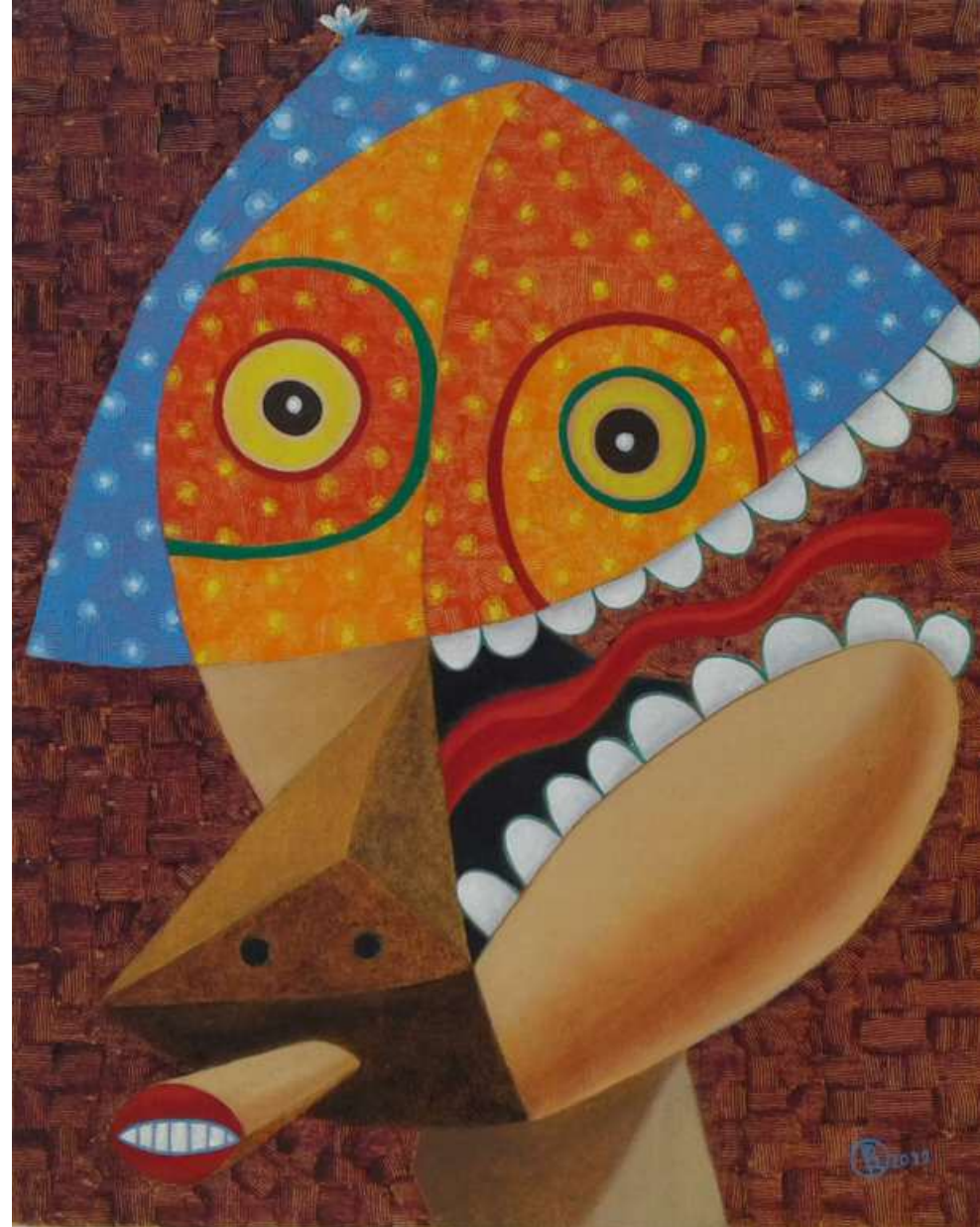


Gostaria de ter uma resposta clara e objetiva para tais questões, porém, infelizmente, não tenho. Contudo, ao ter que me reinventar dentro deste contexto tão trágico da pandemia, pude perceber e aprender algumas coisas que me ajudaram a sobreviver e a continuar tendo interesse naquilo que sempre foi essencial na minha vida: fazer arte. É sobre isso que falarei agora.

Inicialmente, independentemente da pandemia ou das circunstâncias normais da vida, para quem queira trilhar o caminho da arte, seja praticando-a, seja estudando-a, seja buscando viver a partir dela, é indispensável nela estar focado. Desta maneira, desde que me tornei consciente da existência da arte e de que ela corre em minhas veias (e isso tem por volta de 57 anos), naturalmente fui focalizando cada vez mais minha atenção nela, inicialmente em produzi-la e depois, já estudante do Curso de Pintura da EBA (no início dos anos 80), em entender sua teoria e conhecer sua história. Então, quando se abateu sobre nós a pandemia com todo seu cortejo de horrores mundiais e nacionais, especialmente quando no início de 2020 praticamente nada se sabia do vírus e do que ele realmente significaria num futuro próximo, gerando um terror planetário, ficou claro para mim que concentrar ainda mais meus esforços em fazer, estudar e tentar ensinar pintura era o que melhor poderia fazer para não cair na depressão total dentro do isolamento forçado a que todos fomos obrigados. Portanto, mesmo sabendo que muitos de nós não tem como plenamente fazer isso, penso que, dentro das condições possíveis para cada um, reservar um instante do dia que seja para externar artisticamente a própria subjetividade diante das difíceis questões colocadas pela vida (e pela morte) é de extrema importância. Fica aí, então, este conselho a todo estudante de arte, a todos nossos alunos da EBA: aproveitem intensa-

mente cada momento que for possível para praticarem sua arte ou para estudarem arte e também façam de cada exercício de aula mais do que um simples exercício, transformando-o numa verdadeira expressão de suas almas. Vocês perceberão que isso trará um poderoso sentimento de realização, de tempo bem aproveitado e contribuirá muito para o seu crescimento. E, além disso, os manterá ativos intelectual e emocionalmente, fornecendo-lhes forças de origem interna para seguirem adiante vivendo, estudando e aprendendo aquilo que escolheram para a vida de vocês. Por conta disso, quando finalmente chegar o momento do nosso retorno ao ateliê, às aulas presenciais, se verá que este tempo de isolamento não terá sido de todo perdido.

E por falar em “alma”, já que também fui convidado a apresentar aqui imagens das pinturas que tenho produzido durante o isolamento, aproveitarei para falar o que significam tais trabalhos para mim e qual relação possuem com a atual situação em que vivemos mundialmente em meio ao caos e sofrimento causados pela pandemia. Primeiramente, como é comum a todo artista, sempre fui alguém com a mente aberta para tudo o que seja diferente e visionário, ou que signifique uma percepção não usual sobre a Vida e o Universo. Dito isso, também em virtude de meus interesses espirituais e filosóficos, comecei a enxergar toda esta situação criada pelo Covid-19 como uma oportunidade para refletirmos sobre nossa transcendência enquanto seres nascidos no planeta Terra, seres ao mesmo tempo ínfimos diante da imensidão cósmica e gigantescos pela capacidade de especular sobre a própria existência, seres autoconscientes. A partir deste tipo de pensamento, tem me chamado cada vez mais a atenção o quanto, mesmo sob a pressão da pandemia, vem existindo um movimento por parte da ciência, de empresas privadas e



A carapuça
Técnica: acrílica, encáustica, óleo
e pasta de cera sobre tecido
colado em compensado
Dimensão: 70x55 cm | 2021



dos governos mais poderosos do mundo (no que pese os aspectos negativos relativos à competição meramente financeira e nacionalista de parte desse pessoal) em se aprofundar no conhecimento do Cosmos, em voltar ao espaço orbital, retornar à Lua, chegar em Marte e colonizá-lo. Some-se a isso as cada vez mais frequentes especulações sobre a existência de vida fora da Terra, ideia que se torna mais aceita no meio científico por conta do enorme aumento de exoplanetas descobertos, e teremos um claro encaminhamento do pensamento de parte da humanidade para um novo patamar. A este novo patamar só posso chamar de Cósmico.

Desta forma, relembro minhas pinturas “espaciais” do tempo da adolescência e outras que fiz ao longo da minha carreira, redirecionei meus interesses mais fortemente para tais questões transcendentais que envolvem nossa expansão para outros mundos, outras paisagens, outros níveis energéticos não só materialmente, mas espiritualmente também. Para mim, por exemplo, não se trata de saber quando faremos contato com outros seres inteligentes, mas sim de ter certeza, como tenho, que estes contatos já existem há muito tempo. Portanto, me interessa investigar plástica e semanticamente, de maneira intuitiva, as “travessias siderais”, especulando sobre a existência de “mundos paralelos”, de um “Multiverso” cheio de vida e assuntos afins, enfim algo que através da imaginação, estimulada por fatos e especulações, podemos alcançar e por meio da arte

podemos dar forma. É com base em tais especulações, sempre de maneira livre, bem humorada e nada dogmática, que tenho realizado minhas pinturas com forte interesse experimental tanto na forma quanto na técnica. Isso e o meu interesse na docência tem me permitido mais do que sobreviver, ou seja, estou conseguindo viver em meio ao caos proporcionado pela pandemia e por essa nossa triste situação política. Não se trata, no entanto, de mero escapismo, se trata da convicção de que a humanidade, no que pese a existência de certos setores ainda muito atrasados, está mudando para se adaptar a um contexto de inserção na Vida Cósmica.

Concluindo, não espero que meus colegas e alunos pensem como eu ou que sigam estas colocações, mas sugiro que aproveitem esta imensa dificuldade que se abateu sobre o mundo para dela tirar conclusões que possam ser construtivas, encontrando seus próprios caminhos criativos, pois saber superar desafios é a nossa grande característica enquanto humanos. Então, vamos fazer o nosso máximo, também enquanto artistas, para sairmos melhores deste extraordinário desafio mundial. E que a Revista_Imago EBA seja um veículo para nossas expansões criativas, um baluarte da Arte e da Cultura contra estes tempos soturnos cujas nuvens pesadas, esperamos, estejam realmente se dissipando no horizonte.

Vida longa a Revista_Imago EBA!

Ricardo Pereira

prof. Dr. Dep BAB EBA/UFRJ
Coordenador do Curso de Pintura

Figura
Técnica: encáustica, óleo, pasta
de cera e colagem sobre tela
colada em compensado
Dimensão: 70x55 cm | 2021



02

_Pintura

sobre(vivências)

APRESENTAÇÃO > p 07
Ricardo A. B. Pereira

ARTISTA CONVIDADO > p 16
Entrevista com Rafael Bteshe

ARTISTAS E POÉTICAS > p 41
Lucas Mourão / Luan Cruz / Vitoria Alves
Breno de Carvalho / Danilo Howatt
Maria Clara Gouvêa / Ana Carolina Oliveira
Vera Schueler / Maria Fernandes

EBA ALÉM DOS MUROS

- Monique Queiroz > p 86
Crítica por Caio Andrade
- Diana Chagas / Rafael Agostini > p 92
Crítica por João Paulo Ovidio
- Vinicius Gerheim > p 102
Crítica por Beatriz Almeida
- Cibelle Arcanjo > p 108
Crítica por Rafael da Silva
- Marcela Cantuária > p 120
Crítica por Beatriz Schreiner

ALÇANDO VOOS: FORMANDOS > p 129
Felipe Cavalcanti / João Torraca / Ravi Tumbershlak

GALERIA MACUNAÍMA > p 149
Maria Karenina / Lavínia Kerk
Alice Gastaldo / Lucas Garcia / Marcio Couto
Ricardo Ramos / Bruna Rafael / L. U. C. I

PORTFÓLIO COLETIVO > p 201
Rosita / Amanda Olbel / Barbaragelata
Clarice Saisse / Albarte / Mel Anselmo
Danda Odara / Bea Machado / Giu Cabral
Felipe Carnáuba

FICHAS TÉCNICAS > p 224

Ao lado: Rafael Bteshe
Os Pescadores do Evangelho
(Detalhe) | Técnica: afresco
Dimensão: 3,40x6,15 m | 2015



J (Artista Convidado)

Rafael Bteshe

Instagram: @rafaelbteshe
<https://www.rafaelbteshe.com/>

Rafael Bteshe é pintor, formado pelo Curso de Pintura/EBA UFRJ, mestre e doutor em História e Crítica da Arte pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Escola de Belas Artes da UFRJ. Realizou o Doutorado Sanduíche na *Université de Bourgogne*, na França, pelo Programa de Doutorado-Sanduíche no Exterior (PDSE) e pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Bteshe foi professor substituto do departamento de Pintura da EBA/UFRJ, lecionando a disciplina Pintura II durante os períodos de 2019.2 até 2021.1. Atualmente é professor efetivo de desenho no Curso de Graduação em Conservação e Restauração da UFRJ.

Além do trabalho que desenvolve como professor, Bteshe possui produções notáveis como a execução do painel “A Dança da Vida” (2018), localizado na Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) e o afresco “Os Pescadores do Evangelho” (2015), situado na Igreja Nossa Senhora dos Navegantes, em Bonsucesso. O artista também dispõe de um trabalho pessoal de estudo sobre a composição na pintura. Seu mestrado foi sobre a obra mural do artista Lydio Bandeira de Mello e o doutorado foi sobre os escritos dos artistas sobre composição, tendo como recorte a obra do pintor brasileiro Pedro Luiz Correia de Araújo. Nesses quatro anos de pesquisa, seu aprofundamento nos estudos sobre a composição na pintura reverberou na própria disciplina de Pintura II com a ideia de que os processos de construção não são fórmulas pré-estabelecidas, são partes do pensamento de composição.

Autorretrato
Técnica: têmpera de caseína
sobre tela
Dimensão: 30x20 cm | 2012



Conversa com Rafael Bteshe: Experiências sobre o magistério e a produção artística

Por David Ferreira, Helena Sanches e Camila Albuquerque
(graduandos do Curso de Pintura EBA/UFRJ)

Revista IMAGO_EBA: Você foi estudante do Curso de Pintura da Escola de Belas Artes na UFRJ e realizou mestrado e doutorado no Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, da EBA/UFRJ. Poderia nos contar um pouco deste percurso de formação artística e sobre os interesses de atuação profissional e de pesquisa que se desenvolveram ao longo deste processo?

Rafael Bteshe: Fiz minha graduação em Pintura e esse interesse pela composição já apareceu ali. Foi um despertar para essa consciência de que o modo de organização das formas no espaço construía sentido. Eu não tive uma iniciação nesse assunto antes da graduação, acho que quase nenhum de nós teve, então eu tinha uma ideia muito superficial do que era pintura. Foi no momento em que eu comecei a ter esse estudo mais aprofundado sobre a composição que esse universo começou a me atrair.

Outra questão que me chamou atenção foi a da materialidade, as texturas. Tinha esse interesse em trabalhar com madeiras antigas e colagens, e comecei a trabalhar com objetos reaproveitados; pegava muitas madeiras na lixeira da reitoria, que ficava no estacionamento. Nessa época me aproximei do professor Marcelo Duprat. Ele

foi meu orientador durante o TCC, que foi sobre composição, intitulado “A Poesia Escondida na Pintura”; essa poesia escondida seriam as formas, as diagonais que cortam o quadro, o jogo abstrato de luz e sombra, essas questões que ficam mais subliminares.

Concluí a graduação em 2008 e já em 2010 passei em um concurso para professor substituto. Entrei para Pintura I e Pintura II e foi uma experiência fantástica na minha vida. Pensei: ‘quero trabalhar nesse caminho do magistério, quero ser professor!’. Resolvi então fazer o mestrado em História e Crítica e outro universo se abriu para mim. Eu não tinha uma formação sólida nessa área e o que me marcou mais nesta pós-graduação foi a noção de que a História é uma construção cultural. Ter conhecido as várias vertentes historiográficas foi a grande contribuição na minha formação. Perceber essas várias perspectivas, com opiniões distintas, cada uma com sua argumentação. Foi assim que eu fiz o mestrado e o doutorado, mas conduzi também essas pesquisas na área da História e Crítica para algo que me interessava enquanto artista: os escritos dos artistas. Eu sempre quis saber como pensavam a composição, a imagem e o processo de criação.

Pixote
Técnica: têmpera e óleo sobre madeira
Dimensão: 2x1,5 m | 2007

A Mãe de Dürer
Técnica: acrílica e colagem sobre madeira
Dimensão: 123x76 cm | 2007

No mestrado me aproximei de Lídio Bandeira de Mello, um artista vivo que está com 92 anos de idade. Desde 2007 eu frequento seu atelier, e nessa época do mestrado eu já era assistente dele. Ou seja, tinha ao menos cinco anos de convivência com o Bandeira e já tinha muito material levantado sobre ele. Então o mestrado para mim foi muito natural. Parecia que eu estava pesquisando a obra dele desde 2008 e isso se refletiu no site dele, que reformulei com o material levantado no mestrado.

No doutorado comecei a pesquisa querendo voltar para a Antiguidade Grega. Comecei a analisar os escritos dos artistas de várias épocas distintas e a investigar os tratados de composição que já tinham sido marcos na história. Por meio desse mapeamento levantado, acabei chegando no artista Pedro Correia de Araújo, ainda pouco estudado, mas que tem uma obra fantástica. É um artista modernista brasileiro que deixou escritos preciosos sobre sua composição. Foi professor na França de vários artistas referenciais como Jean Dubuffet, Marcelle Cahn e outros ligados ao cubismo francês.

IMAGO: Existe uma distinção entre o professor e artista? O que é ser um artista atuando também em sala de aula?

Rafael Bteshe: É complexo discorrer sobre o que é ser um artista e, ao mesmo tempo, professor. Na graduação, eu tive um interesse muito grande por objetos reaproveitados que eu achava no lixo, madeiras antigas, colagens e materiais diversos; por outro lado, eu acabei me aproximando do Bandeira de Mello e iniciando uma pesquisa sobre materiais tradicionais. E realmente isso parece um paradoxo: essa relação entre objetos encontrados no lixo e ao mesmo tempo uma pesquisa sólida sobre questões tradicionais. Eu acho que isso reflete um pouco o que é a arte. A arte é um enigma e um paradoxo para o qual não temos respostas. Para mim, o trabalho como professor busca as certezas, uma sistematização das ideias, e passar essa confiança para o estudante. Já o artista não está atrás necessariamente de sistemas. Ele muitas vezes está interessado em descon-

truir e buscar sempre problematizar o que já foi feito. Essencialmente trabalha com paradoxos e questões que desconhece; está interessado em descobrir coisas novas que despertam seu interesse. Conciliar isso é realmente difícil. É algo em que eu sempre penso, um cuidado que eu tenho. Porque eu tenho medo de que esse excesso de sistematização que acabo desenvolvendo enquanto professor possa me engessar enquanto artista.

O trabalho como professor é gratificante porque você acaba estabelecendo laços com outros artistas e essa troca é realmente muito forte. Quando fiz a graduação em pintura, já trabalhava dando aula em vários projetos diferentes, então isso sempre foi forte na minha vida. Trabalhava em projetos mais variados: desde voluntário no Hospital Mário Kroeff na Penha, para crianças que faziam tratamento de câncer, até quando trabalhei em um projeto chamado ITCP, Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares, que é um projeto da COPPE, no CT (Centro de Tecnologia) da UFRJ. Esse projeto existe até hoje. É um trabalho com catadores de lixo e ajuda as cooperativas a se organizarem. Lá ministrei oficinas de artes visuais, mas também dava aula de história da arte, passava filmes, apresentava cinema mudo, alemão, coisas que realmente envolviam a cultura visual. Ali, sempre que eu terminava as aulas, seja para as crianças ou nesse contexto das cooperativas dos catadores de lixo, eu saía muito emocionado, porque era muito impactante. Você vê a importância dos laços que acaba desenvolvendo com pessoas de contextos tão distintos, seja para uma criança encantada vendo que quando mistura azul com amarelo dá um verde, ou para um catador de cinquenta anos de idade emocionado por estar fazendo uma exposição de pintura no CT com os materiais que a gente encontrou no lixo da cooperativa. Esse senhor realmente levava muito jeito, eu apresentei para ele a têmpera vinílica com cola Cascorez e pigmento. Acabamos organizando uma exposição e foi fantástico. O trabalho como professor traz essas relações de troca. No entanto, o trabalho de artista usualmente é mais solitário, e acho que acaba tendo mais essas incertezas.



IMAGO: Recentemente você passou no concurso para se tornar professor efetivo da Escola de Belas Artes. Mas, ao longo da última década, também foi professor de diversas disciplinas, entre elas Teoria da Pintura, Análise da Composição e as Pinturas I e II. Como foi sua experiência de transitar por estas disciplinas?

Rafael Bteshe: Acho que o trabalho como artista é também um trabalho de pesquisador por essência, você sendo pesquisador da área acadêmica ou não. Eu lembro, por exemplo, de ver uma reportagem sobre o Portinari que mostrava ele criando o painel Tiradentes. A mesa aparecia com vários estudos de indumentária, livros de poesia, etc. Ou seja, quando ele foi fazer o painel de Tiradentes, ele estava pesquisando História, lendo os livros que já foram escritos e documentos da época. Nós sabemos que vários pintores faziam isso, mesmo quem não trabalhava com a pintura histórica. Se pensarmos no Kandinsky se aproximando do Schoenberg, investigando a música, a dodecafonía, e como isso poderia reverberar na pintura, então começamos a perceber que de fato o trabalho de arte é um trabalho de pesquisa. Pra mim todo artista é um pesquisador por natureza.

Isso sempre foi uma coisa que me encantou na arte: ter me conduzido a pesquisar assuntos variados. Quando estamos na escola, parece que existe uma metodologia quase de memorização, como se tivéssemos somente que decorar aqueles assuntos, mas não necessariamente compreendê-los com mais profundidade, em como isso pode reverberar no nosso cotidiano. Por meio da arte, eu pude resgatar esse estudo que na escola muitas vezes eu não tinha interesse, como por exemplo o afresco. Comecei a estudar um pouco de química porque eu queria ver o ciclo da cal. O afresco também te leva a estudar um pouquinho de arquitetura, já que você está trabalhando com muralismo... e logo você quer conhecer os pedreiros e conversar com eles sobre alvenaria.

A arte vai te conduzindo para essas outras disciplinas. Eu poderia dar uma série de exemplos, como a anatomia que te leva pro campo da biologia, e então você começa a querer entender o corpo humano, como é feita essa estruturação. Essas disciplinas variadas são parte desse universo que esbarra na arte, como filosofia, biologia, arquitetura, música, etc. Elas foram muito importantes na minha vida, porque me obrigaram a aprofundar esse estudo. Como em Pintura I, que é a disciplina da iniciação às técnicas de pintura. Ali eu tive que me aprofundar no meu estudo sobre as técnicas, os materiais, os preparos de suporte, etc. Pintura II foi o processo da pintura, ou seja, pintura em camadas; Teoria da Pintura foi até parecido com Pintura I, já que aborda parte da cozinha da pintura e Análise da Composição era algo que eu já pesquisava. No fim, acho que vejo uma ligação entre todas essas disciplinas, no sentido de que quando você cria, você organiza esses elementos, escolhe as técnicas que vai utilizar e pensa sobre como vai dispor isso no trabalho. Então é aí que entra a questão da composição.

IMAGO: Seu trabalho percorre diversas técnicas como pinturas, desenhos e gravuras. Você tem alguma preferência por estas mídias? E como você acha que sua poética se encaixa e se desenvolve em cada uma delas?

Rafael Bteshe: Para mim, a técnica é parte da composição. Essas escolhas sobre suportes, sobre técnicas, dimensões, formatos, tudo isso já é parte da criação. Isso é justamente uma das coisas que eu enfatizo muito na Pintura II.

O mais importante é compreender as características de cada técnica e tirar proveito disso, não brigar com a técnica. Por exemplo, o óleo demora a secar, então eu particularmente não uso o secante de cobalto, não fico querendo acelerar sua secagem. Se eu trabalho com a acrílica, não fico botando médium para sua secagem ficar mais lenta,



Os Pescadores do Evangelho, detalhes
Técnica: afresco
Dimensão: 3,40x6,15 m | 2015

eu procuro realmente escolher de acordo. A gravura é interessante pela questão da reprodução: você pode reproduzir aquilo em série, tendo possibilidade de tornar esse trabalho acessível. Fora isso, ela também é imprevisível, sempre uma surpresa. É uma técnica que se impõe muito fortemente.

Eu como pesquisador das técnicas, dessa questão da materialidade, acho que vou além das técnicas tradicionais. Sempre gostei realmente de observar texturas, como cascas de árvores, muros, cascalhos, objetos velhos... Sempre gostei de entrar no site do

Metropolitan de NY e ver sapatos antigos, roupas antigas, escudos medievais... gosto da ação do tempo. Então acho que a questão dos materiais entra nisso. Por exemplo, a gravura, no sentido do atelier, para mim já é fantástica. Acho linda a prensa, suas engrenagens... Eu gosto daquilo, sabe? E sobre os vernizes, eu fico com vontade de fazer trabalhos com o verniz da gravura. Sempre quis fazer, como aquelas monotípias do Degas. Sempre gostei de deixar o material me dar as ideias, de ficar brincando com mancha e deixar a matéria instigar a minha imaginação.

IMAGO: No primeiro semestre de 2021 você ministrou um curso no Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM) sobre o Pedro Luiz Correia Araújo, que também foi o tema da sua tese de Doutorado. Discorra um pouco sobre como foi a experiência com o público, proporcionando o curso.

Rafael Bteshe: Foi uma experiência interessante porque era um curso de História da Arte e eu sempre tive a minha formação em Pintura. Parece que na Pintura é como se eu estivesse em casa e a História da Arte é um universo que foi surgindo ali na pós-graduação, que foi me encantando, algo mais recente.

Foi uma experiência ótima, principalmente porque a turma não era de iniciantes. Havia colecionadores e críticos importantes. Foi até um impacto pra mim quando vi alguns desses críticos de arte fazendo o curso. Foram muito interessantes os debates, deu super certo e foi uma experiência valiosa. No fim, são olhares diferentes. Nosso olhar que é do atelier nem sempre é o mesmo olhar da História da Arte. Cada disciplina tem a sua própria lógica, o seu modo de pensar a imagem, de construir narrativas.

Penso o trabalho como professor realmente como uma oportunidade de pesquisador. Não é só ensinar, você está ali também aprendendo com os encontros. Acaba sendo uma troca. Então, o curso acabou gerando um debate maravilhoso que me fez aprender muito e estudar assuntos que talvez eu não estaria estudando se não tivesse tido essa oportunidade.

Os Pescadores do Evangelho, detalhes
Técnica: afresco
Dimensão: 3,40x6,15 m | 2015





Nessa e nas próximas páginas: A Dança da Vida
Técnica: têmpera de caseína e óleo sobre
painel de madeira
Dimensão: 4,90x2,40 m | 2018



IMAGO: Em 2018 você foi selecionado para realizar um painel no Instituto Fiocruz. Como foi o processo de seleção para a realização do trabalho? Conte um pouco sobre o processo de criação do painel.

Rafael Bteshe: A seleção foi feita por meio de um edital público e a ideia inicial era de que a pintura contasse a história da saúde no Brasil. Já de início eu pensei, junto com a temática da história da saúde, em também trazer uma questão sobre as técnicas de pintura tradicionais. Isso porque a Fiocruz também tem projetos nesse sentido. A casa de Oswaldo Cruz, por exemplo, é um setor da Fiocruz que é responsável por projetos de resgate de técnicas tradicionais e também de restauração do acervo desta Fundação. Pensei que seria interessante que esse painel também trouxesse um pouco dessa carga das técnicas tradicionais. Então eu segui os processos desde o renascimento, com essa ideia dos painéis de madeira, que preparei com cola de coelho. Depois fiz o esboço com têmpera de caseína e finalizei com tinta a óleo. Essa é uma técnica realmente tradicional da pintura europeia ocidental.

No meu primeiro projeto montado, apareciam três pesquisadores no centro conversando. Em volta, coloquei Oswaldo Cruz e Carlos Chagas. Quis colocar esses grandes personagens da história da Fiocruz, até porque isso aparecia no edital. Então, houve um empate entre dois candidatos: eu e um outro artista. A banca nos convidou para uma conversa e propôs uma nova etapa para esse desempate: sugestões de mudanças nas composições. Lógico que nada objetivo e específico, mas teve um diálogo sobre os nossos dois projetos terem sido muito fechados sobre esses personagens específicos, enquanto deveria ser uma questão mais ampla.

Por fim, fiz outro projeto e fui selecionado. Atualmente agradeço por essa oportunidade de poder modificá-lo, pois o segundo é melhor que o primeiro. Tive quatro meses para executar o painel e ajuda de dois amigos e artistas também formados pela EBA: Alex Nery e Matheus Grimião, que atuaram como assistentes. Tam-





bém a artista Monique Queiroz, com quem sou casado, acompanhou e participou do processo.

IMAGO: Em 2020, você realizou residência artística na Academia de Belas Artes de São Petersburgo, na Rússia, com bolsa do projeto Innopraktika and Russian Seasons. Você poderia nos contar quais foram os maiores ensinamentos que você tirou dessa experiência?

Rafael Bteshe: Já acompanhava a Academia Russa desde minha graduação. Acompanhava as publicações, os livros e sempre fui encantado pela metodologia deles. Diferente das Academias Norte Americanas, os russos tem uma pegada mais próxima do Renascimento, no sentido de terem um olhar mais metafísico e realista do que propriamente fotográfico. Então, eles têm uma grande questão com o estudo de anatomia. Quando olham o modelo vivo, eles não querem um olhar de superfície externa, querem imaginar o osso ali dentro, a estrutura óssea. Também exageram um pouco os ritmos, então eu sempre me identifiquei com essa pegada.

Esse processo também foi por meio de edital. Recebi um e-mail com ele e me inscrevi sem muita esperança de que acontecesse e então realmente aconteceu. Em julho, no meio da pandemia, eu recebi um e-mail falando que tinha sido selecionado. Em agosto eu embarquei para São Petersburgo e foi bem desgastante chegar lá. Em cada fronteira houve uma dificuldade: umas duas horas só pra sair daqui do Rio de Janeiro.

Esperava que o principal da viagem pra mim fosse conhecer essa Academia dos meus sonhos. E foi, mas também preciso dizer que o contato com artistas de outros países como Alemanha, França, Síria, Itália e Espanha foi incrível. É muito interessante perceber como nós somos próximos, como somos parecidos. Havia mais semelhanças que diferenças. Acabamos criando um laço

tão forte que no último dia todos nós ficamos emocionados, choramos, nos abraçamos... foi engraçado! E esse contato com outros artistas me marcou muito, não esperava que isso fosse acontecer. Não sei se foi por conta da pandemia, eu já estava há vários meses isolado, e lá a dinâmica era muito diferente da do Brasil. Estávamos no ápice da pandemia aqui e lá eles estavam já com a situação em queda, melhorando.

Esse projeto não pegou artistas voltados só para o estudo da tradição e do figurativo, pelo contrário. Os artistas da Itália, por exemplo, eram escultores, e eles eram ligados mais a mídias como performance e instalação. Lembro de achar ótimo essa oportunidade de poder conversar com pessoas tão diferentes, de pesquisas distintas. Tomando café, almoçando e jantando juntos, trocando ideias. No fim aconteceu uma exposição que contou com uma performance, uma instalação de projeção, uma gravura e minha pintura. Era tudo muito plural.

Logicamente a Academia mantém uma tradição muito forte da parte artesanal, de técnica. Eu pude ver os professores de pintura fazerem um retrato de 1,5 metros em três aulas: uma obra tecnicamente muito boa. O escultor também faz uma cabeça de um modelo vivo em uma aula de três horas. Ver os professores trabalhando, ver esse domínio técnico que eles mantêm, foi bem impressionante. A instituição era grande, mas os professores que conheci tinham referências variadas. Foi interessante porque eu achava que a Academia Russa era super conservadora e fechada. Não sabia que lá havia trabalho como performances e instalações.



Para compor o painel A Dança da Vida o artista utilizou-se de fotografias e colagens digitais e teve, de início, colaboração de Lício Bossolan e Martha Werneck.

Podemos encontrar como modelos os atores e dançarinos Everton, Lidiane, Erica, Armstrong e Camelo, do Instituto Cohen. Everton Almeida e Ariel Cohen, responsável pelo Instituto, ajudaram a organizar a sessão de fotos.

Também observamos nesse grupo artistas amigos de Rafael. Também ele se retrata algumas vezes. As mãos no centro da composição são dele e de sua companheira, Monique Queiroz.

Percebemos que alguns modelos se repetem ao longo da composição, com modificações sutis.

- 01 / 04 - Erica Barsan
- 02 / 07 / 12 / 19 - Everton Almeida
- 03 / 13 / 14 - Lidiane Andrade
- 05 / 16 - Carlos Camelo
- 06 - Caio Armstrong
- 08 - Jhonata Carvalho
- 09 / 15 - Aline Martinelli
- 10 / 11 / 17 - Rafael Bteshe
- 18. Erica Barsan (corpo)
- 20. Lício Bossolan (cabeça)
- 21. Falcão (cão do artista)
- 22. Alice Richard

As figuras sem nome foram criadas a partir de referências retiradas da internet.



*Trabalho desenvolvido na Academia de Belas Artes de São Petersburgo, Rússia.

Пангея/ Pangea

Técnica: têmpera e óleo sobre tela

Dimensão: 150x140 cm | 2020

IMAGO: O choque cultural sempre ocorre em viagens, e principalmente em viagens de trabalho e pesquisa acadêmica. Quais foram as maiores diferenças entre as práticas das Academias brasileira e russa? Comparando nossa metodologia com a de lá, no que você acha que podemos aprimorar; e onde eles poderiam aprender conosco?

Rafael Bteshe: Eu fui super bem recebido lá e os professores foram muito generosos. Fiquei muito feliz, porque nós temos essa ideia de que os europeus são fechados. Claramente eles têm suas peculiaridades, mas no âmbito do evento foram super receptivos. Ficaram animados com a possibilidade de futuros projetos e parcerias. É algo que espero que se concretize, quando as coisas melhorarem. Até porque eu mantenho contato até hoje com eles. É muito legal como me trataram bem, porque lá eu estava como estudante e não como professor. Um artista jovem, começando.

Sobre as diferenças entre as Academias, eu acho que a Academia Brasileira tem paralelos com as Academias da Europa, principalmente com as Academias da Alemanha, da França e da Itália, que tiveram uma abertura maior para essas mudanças ligadas à arte contemporânea. Por exemplo, dos artistas italianos, três eram de Carrara e um era de Roma. Esses artistas de Carrara me falaram que a Academia de lá era muito voltada para essas novas mídias, não uma Academia voltada para cópia de David ou algo assim. Porque já existem inúmeros ateliers de cópia lá, não precisam de uma universidade para isso, pelo menos é o que eles me passaram. Eu acho que a nossa Academia também tem essa pluralidade. A Escola de Belas Artes tem o propósito de ser plural. Cada Pintura tem um professor com uma proposta diferente.

Uma das diferenças entre as Academias é a seguinte: não tem Pintura I, II, III, IV e V. Lá o estudante faz um básico de dois anos, e depois desse tempo ele vai escolher um atelier com um professor, que tenha uma pesquisa relacionada com a

dele, para estudar nos próximos três anos. Por exemplo, tem um atelier de arte monumental que tem uma pegada mais cubista, geométrica, até abstrata muitas vezes. O de pintura realista é voltado para modelo vivo, uma pegada mais do realismo. São muito diferentes, e isso remonta a metodologia das Academias antigas. Como na Academia francesa do século XIX, onde também não se estudava pintura, se estudava desenho. A pintura você estudava no atelier de um artista, que você escolhia dessa mesma maneira, e lá você iria estudar durante muitos anos. Já aqui no Brasil, nós não escolhemos um professor e ficamos com ele três anos. Nós vamos aprendendo um pouquinho com cada, e saímos do curso com uma visão mais ampla das possibilidades. Não sei dizer o que é melhor e o que é pior, são simplesmente metodologias distintas.

Fora isso, percebo na minha formação na Escola de Belas Artes que tive um aprofundamento sobre a teoria da imagem, esse pensamento sobre a organização do espaço, da imagem, da composição. Vejo que a formação que eu tive com os professores Nelson de Macedo e Marcelo Duprat, principalmente, foi muito importante. Ela me deu uma bagagem e graças a ela eu consigo transitar em eventos e seminários internacionais. Eu preciso considerar que a Escola tem um diferencial nesse sentido. A Rússia talvez busque um aprofundamento nessa parte artesanal e técnica, que é admirável, e acaba atraindo pessoas do mundo inteiro que buscam esse domínio técnico, algo que não se encontra em qualquer lugar. Já as Academias da França, da Alemanha e da Itália caminharam em uma outra direção, mais para o campo conceitual.

Realmente não existe melhor ou pior, depende de você enquanto artista e do que você está interessado em aprofundar. Para mim tudo é importante, então depende do que você está querendo desenvolver. Porque eu acho também que só a técnica sem o conhecimento poético mais profundo, pode fazer com que você se repita.

IMAGO: Atuando como artista e professor universitário, agindo assim como formador de futuros artistas, você tem muito contato com a arte contemporânea nacional sendo produzida atualmente. Levando isso em consideração, qual direcionamento você acha que a arte brasileira vai tomar nos próximos anos em termos de campo de trabalho para os artistas?

Rafael: Fugindo do clichê de “Ah não tem como, a arte é incerta...”, eu vejo que há uma revisão historiográfica acontecendo desde a década de 60. Já há uma necessidade de revisão historiográfica e revisão da arte como um todo. Eu acho que as mudanças que aconteceram no âmbito da pintura, as fronteiras que foram dissolvidas entre pintura, escultura... Essas categorias já não existem mais. A arte visual acabou englobando todas essas categorias.

Isso também reverberou na própria história e crítica da arte. No sentido de repensar essa narrativa que predominou durante tanto tempo. Pelo menos, desde o Renascimento, houve uma narrativa hegemônica, colocada como uma grande história oficial que influenciou a curadoria dos museus. Durante muito tempo você tinha aquilo: a sala dos italianos, dos alemães, os grandes períodos históricos, e uma repetição que deixava de lado muitas outras produções artísticas e culturais das quais não tivemos informações, que foram realmente destruídas e esquecidas.

Eu acho que há claramente uma mudança nesse sentido, de rever essas referências. É um movimento que não é de agora, mas talvez nesse momento esteja mais forte. Olharmos para as culturas que existem no Brasil e que durante muito tempo não olhamos. Para as manifestações folclóricas de cada região desse país que tem um tamanho continental. Me parece que estamos caminhando nesse sentido de buscar novas referências: esse olhar para as nossas raízes, para as comunidades indígenas, para todas essas manifestações. Isso já está tendo um impacto na produção, e não apenas no que se refere à temática, porque não é só uma

questão de representar temas indígenas, ou temas folclóricos brasileiros, mas uma mudança na forma também.

Mas volto a dizer, isso não é de agora, lá no modernismo já estava acontecendo. Basta pensar no Mário de Andrade fazendo viagens pelo Brasil. Mas talvez naquele momento ainda pareciam artistas de fora olhando para dentro. E agora não, agora os próprios indígenas estão como atores. Eles não são mais os entrevistados, agora eles são os agentes que fazem exposições e estão ali na linha de frente, e isso acaba tendo um impacto na produção. Então, eu acredito que isso reverbera na produção artística e também na própria metodologia de aula. Eu particularmente me sinto muito tocado por essas transformações, e há uma necessidade de reciclagem, de rever as minhas referências, e realmente também enriquecer um pouco mais a minha formação nesse sentido. Porque de fato a gente age quase automaticamente, repetindo essas grandes narrativas, e não pensa que isso também foi uma construção ligada a uma série de fatores políticos.



Пангея/ Pangea (detalhes)
Técnica: têmpera e óleo sobre tela
Dimensão: 150x140 cm | 2020



Artistas
e Poéticas

imago_
EBA
sobre(vivências)

Simply Divine

grinned as Jane poured him another glass of Moët foam with a wobbling hand.

'You can see the plot now.' Tom stared at the ceiling. Impecunious writer takes flat of a beautiful blonde who lives in basement of the city. He doesn't realise how lucky he is. He meets girl over romantic dinner. He leaves her to leave for New York the next morning.

...the champagne.
...tension before, although all
...that he wasted it and he
...the real thing. The air
...thick with energy. Jane
...if she touched him,
...of the South Park Show. By
...of her mind.
...Not for the time
...being at all.

She stole a glance at Tom from under her triple-lashed eyelashes. He had all the developer glamour of one of those single-lead models in the Calvin Klein ads, except that Tom's seemed genuine and effortless. His hair had obviously not seen a comb for at least a day and his jeans were ripped at the knee. The most convincing testament of all to his lack of vanity was the T-shirt proclaiming 'Some Idiot Went To London And All I Got Was This Lousy T-shirt'.

'I always wondered who actually bought those,' Jane said, breaking the crackling silence.

J.M. 2020

Lucas Mourão

Instagram: @lucasmourart

A palavra "sobrevivência" nos traz diferentes interpretações, sejam metafóricas ou literais. Durante meados de 2020, após meses resguardado em casa, resolvi, sem expectativas, desenhar algumas conchas nas páginas de um livro velho guardado. Como um bom amante da vida marinha, comecei a estudar sobre moluscos e pude perceber como nós humanos podemos ser bastante parecidos com eles. Minha identificação foi grande, especialmente quanto à forma como eles sobrevivem. Muitas espécies se mantêm recuadas em suas conchas, a fim de manter um refúgio protetor e confortável para a garantia de suas vidas. Afinal, na natureza não há controle de idas e vindas: vive o mais hábil e bem resguardado. Como os moluscos, fomos obrigados a nos manter em nossas conchas em meio a tantas notícias caóticas. Nossa zona de conforto foi ampliada para além de uma cama aquecida, expandindo-se para a descoberta de novas atividades e a valorização de um contato mais caloroso com nós mesmos. Necessito da minha concha para entenderem que preciso me familiarizar antes de sair dela

e que, de vez em quando vou recuar, pois faz parte da minha natureza. Sou atento e pressinto os predadores que me assolam física e emocionalmente, do mesmo modo que um molusco faria instintivamente. Coincidentemente toda essa produção foi feita sem ansiedades e sob uma certeza de que o resultado final seria satisfatório. Fazendo uso de técnicas confortáveis de se trabalhar, entendi que o estado de sobrevivência não se baseia apenas no instinto ágil, como de um polvo (que por vezes ainda procura uma concha para se esconder), mas também como um gastrópode que quimicamente pressente quando há um irmão ferido por perto, e diante disso precisa agir racionalmente sobre como cuidará de si, não muito distante da realidade na qual estamos enquadrados. Diariamente temos buscando novas formas de nos manter ativos, mas sem nos retirar da concha que nos mantém sãos. É necessário um pouco de conforto no mar aberto de incertezas caóticas.

Dinocardium robustum
Série: Zona de Conforto
Técnica: Grafite sobre página de livro envelhecida
Dimensão: 11x17 cm | 2020

Simply Divine

first view of the house, and along her windscreen, she was surprised and relieved to see it still seemed to be standing, more or less in its entirety. Across the shimmering oxbow lake, the pile of mellow stone glowed yellow as butter in the soft sunshine. The leaded glass in the eponymous mullioned windows glittered like slices of diamond, and over the crumbling stable block, the weathercock that pointed the same way no matter what direction the wind came from shone in what was almost a spirited fashion.

As she drove past the rose garden, heavy with overblown, pin-deadheaded blooms, Jane looked hard for the sweat lodge Tally had mentioned, and the mysterious mercurial harp. But there was no sign of either. She turned into the stableyard, which backed on to the litchen wing. This, for the last hundred years at least, had been the main entrance to Mullown, ever since the massive front door had come off its hinges while being opened to admit Queen Victoria – who, on that occasion, had apparently been amused.

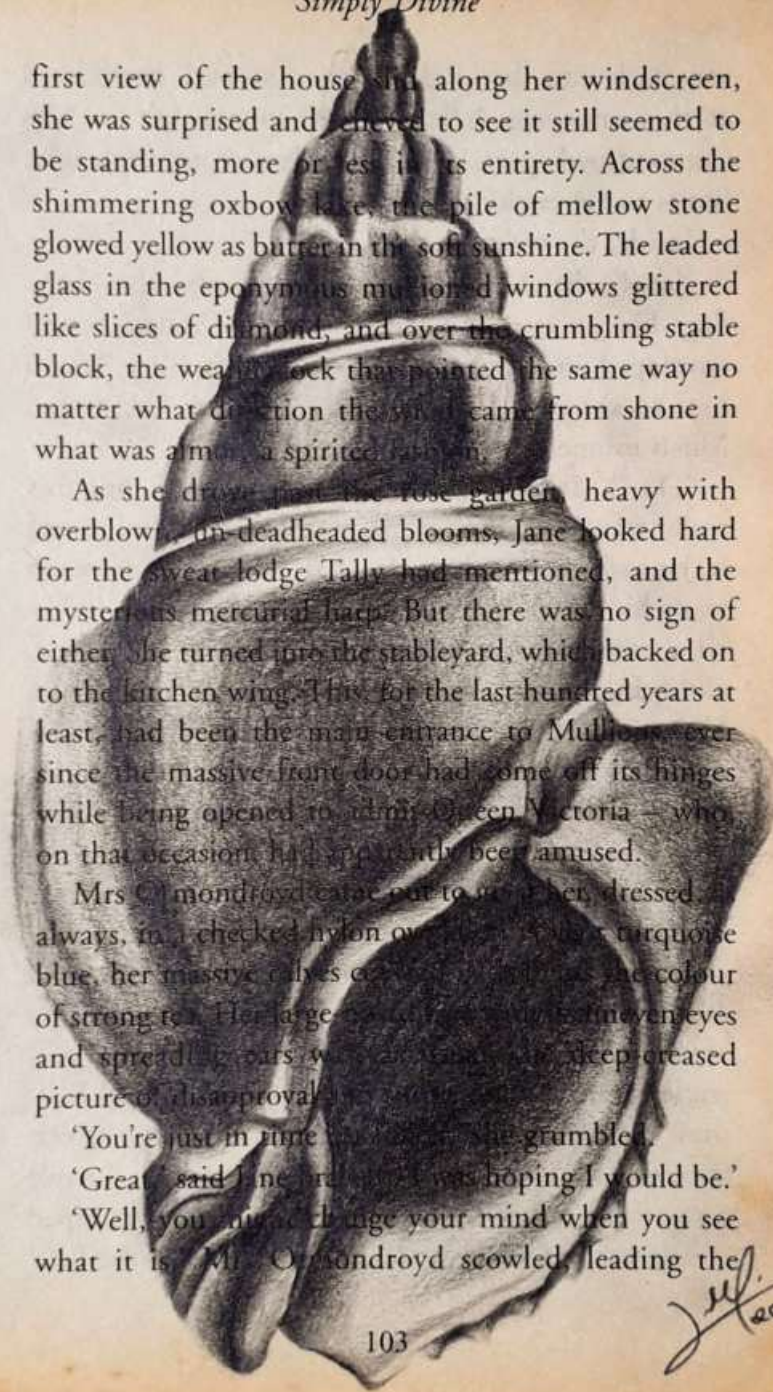
Mrs Omondroyd came out to meet her, dressed always in a checked nylon overcoat and a bright turquoise blue, her massive calves covered in the colour of strong tea. Her large, dark, almond-shaped eyes and spreading ears were set in a deep creased picture of disapproval.

'You're just in time for dinner,' she grumbled.

'Great,' said Jane, and she was hoping I would be.'

'Well, you might change your mind when you see what it is,' Mrs Omondroyd scowled, leading the

JUL 2020



Gaudy nautica

Série: Zona de Conforto

Técnica: Grafite sobre página de livro envelhecida

Dimensão: 11x17 cm | 2020

Northia pristi

Série: Zona de Conforto

Técnica: Grafite sobre página de livro envelhecida

Dimensão: 11x17 cm | 2020



Luan Cruz

Instagram: @luan_cruz_abreu

Baseado no tema sobre(vivências), decidi criar uma série de pinturas que abordam um aspecto fundamental sobre o bem-estar total e o cuidado com nossa saúde nos mais variados planos. De acordo com a filosofia clássica grega nós, seres humanos, somos constituídos por 3 camadas de existência: Soma (físico), Psique (psíquico) e Nous (espiritual/mental). A plenitude da saúde se dá, então, pela harmonia e equilíbrio dessas três esferas.

Segundo os gregos muitas doenças têm como fonte a desarmonia (através de sentimentos negativos ou mal elaborados como ódio, revolta, inveja, entre outros) que envenenam o ser e se transformam

em sintomas somáticos em meio a uma tensão entre o psíquico, que vai para um lado, e as emoções, que vão para o outro, e se refletem no corpo. Para isso, não há melhor remédio que o equilíbrio, que ocorre através da investigação das causas da disordem e na elaboração dessas questões.

Nessa série, abordei essas esferas do ser representadas por três personagens cada: Nous (azul), Psique (vermelho) e Soma (verde), assim como os processos de elaboração, o enfrentamento aos instintos animais (ódio, intolerância, ganância, negacionismo), até a harmonização desses planos de forma simbólica.



Os três mundos: nous, psique e soma

Série: Jardins interiores

Técnica: pintura digital

Dimensão: 1200x1200 px | 2021

Sacr(ócio) animal

Série: Jardins interiores

Técnica: pintura digital

Dimensão: 1200x1200 px | 2021

Na próxima página:

Harmonia e pureza

Série: Jardins interiores

Técnica: pintura digital

Dimensão: 1200x896 px | 2021

LULU's



Vitoria Alves

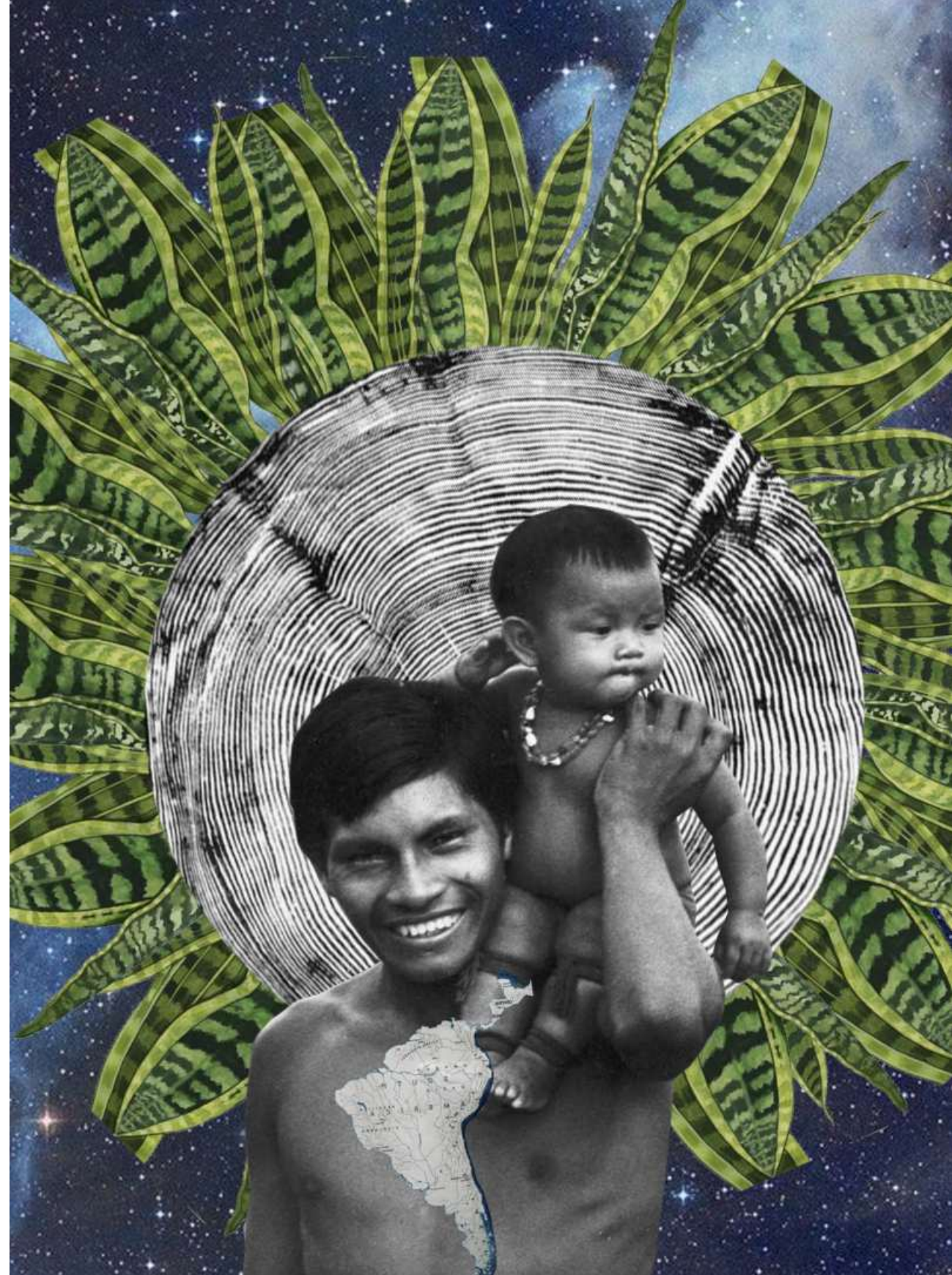
Instagram: @vick.bar

Nesta série de trabalhos transmito a importância do AXÉ, palavra que carrega na bagagem toda a ancestralidade, força e coragem que construiu este país. AXÉ é a energia vital de cada ser, a energia movedora do mundo, do meu mundo. O AXÉ é um agradecimento, pois me trouxe a fé na raiz, a fé na força. Se sobrevivi até aqui, nesses dias em que se passam solitários, eu devo ao ORIXÁ, devo aos guias, pois nunca estive só, sempre estive nos berços e nas nuvens de OXALÁ, nas raízes fincadas na terra dos

índios e caboclos, nas risadas transpassadas de guerra e luta das mairas, na teimosia de viver dos cangaceiros. É através dessa homenagem que ilustro com fotografias, pinturas e colagens digitais, a presença deles em cada tipo de brasileiro. País com figuras marcantes e inspiradoras, personalidades reencarnadas da história e da ancestralidade.

AXÉ!

Identidade Latino-americana
Série: AXÉ
Técnica: Colagem digital com foto
Dimensão: 2480x3508 px | 2021

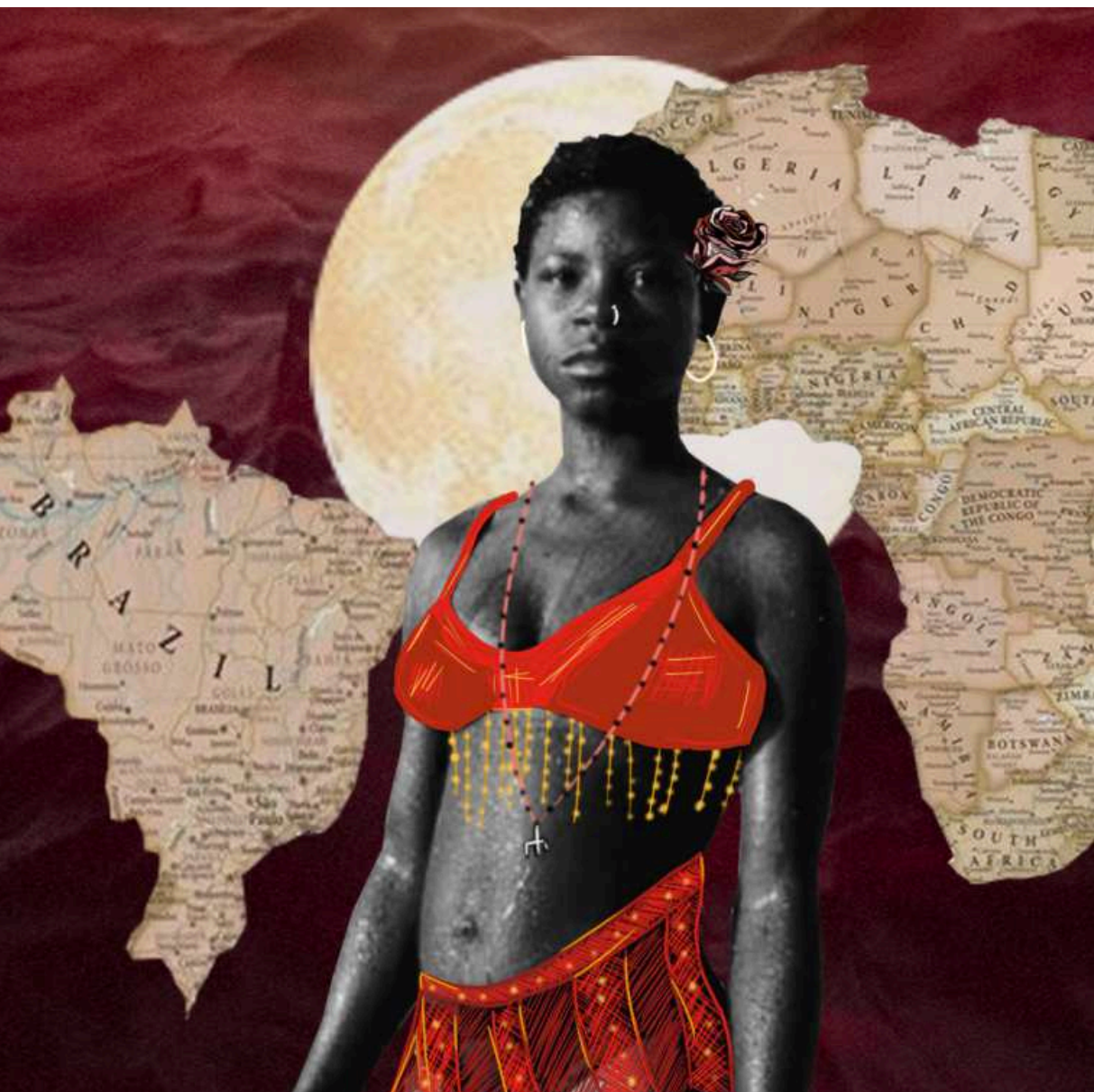




Deus é uma mulher negra que mulambeia
Série: AXÉ
Técnica: Pintura e colagem digital sobre foto
Dimensão: 1200x1200 px | 2021



O sertão é dentro da gente
Série: AXÉ
Técnica: Colagem digital com foto
Dimensão: 1200x1200 px | 2021



Maria Menina
Série: AXÉ
Técnica: Pintura e colagem digital sobre foto
Dimensão: 1200x1200 px | 2021



Oxalá é brasileiro
Série: AXÉ
Técnica: Pintura e colagem digital sobre foto
Dimensão: 1200x1200 px | 2021



Breno de Carvalho

Instagram: brenogama__

Meu objetivo com essas pinturas era me divertir com cenas às vezes escatológicas, na criação de manchas coloridas e texturas, sem compromisso com uma mensagem específica. Conseguir forças para criar pode ser um ato de sobrevivência em um tempo tão difícil como o da pandemia e da crise, mas acredito que essa série de pinturas vá além disso.

O elemento de um assento, por exemplo, como uma cadeira ou uma poltrona, têm aparecido naturalmente nos meus desenhos ultimamente. É o tipo de mobiliário doméstico onde acredito que a maior parte das pessoas têm passado a maior parte do tempo, bem como o computador e o celular que aparecem em *Xingando na Net*. O clima nessas pinturas também é opressor e fechado, a postura dos personagens é desconfortável e a maior parte das cenas parece se passar em algum tipo de inferno ou num mundo pós-apocalíptico.

Xingando na Net: Durante a pandemia, me desentendi com diversas pessoas devido ao cumprimento das medidas de proteção pessoal e coletiva. É possível dizer que sobreviveu à uma pandemia, vivendo como se ela não existisse? A decepção e a irritação com amigos mais próximos foi especialmente dolorosa e os conflitos foram inevitáveis. Na cena, o personagem principal está numa poltrona, mas aparenta

estar desconfortável e parece achar um certo alento ou divertimento no mundo digital.

Menino azul: Pintada em superfície de formato irregular, os elementos da cena parecem igualmente irregulares tal qual as paredes parecem distorcidas, como que feitas de material instável sob a ameaça constante de cair. A lâmpada faz a função do sol, um sol falso, o sol das nossas casas. A cadeira, parece até mais imponente que o Menino, agachado e encolhido, não importa quão instável tudo seja, continuamos a maior parte do tempo sentados impotentes, à espera.

Bocejo: Do lado de fora, parece impossível entender o que está acontecendo, o cenário é caótico, o sol é um sol-zumbi. A criatura no centro parece cansada, indiferente, sentada numa cadeira dentro de uma boca enorme que boceja assim como ela (seria a casa do personagem?), mas esse bocejo pode ser também um grito...

Suturador: Talvez a mais violenta dessa série, não por acaso se encontra em um ambiente externo, onde o risco é sempre maior. Não sei dizer se a criatura com a lança está a enfiando ou a retirando, ou ambos. O meu sentimento principal é a indiferença diante do acontecido. É como se estivessem anestesiados de sofrimento, ou a violência não chocasse ninguém.

Xingando na Net

Série: Inferno

Técnica: Acrílica sobre papel

Dimensão: 29,7x42 cm | 2020



Criança Azul
Série: Inferno
Técnica: Acrílica sobre papel telado caseiro
Dimensão: 39x29 cm | 2021



Bocejo
Série: Inferno
Técnica: Acrílica sobre tela
Dimensão: 40x30 cm | 2021



Surturador
Série: Inferno
Técnica: Acrílico sobre tela
Dimensão: 30x21 cm | 2020

Danilo Howatt

Instagram: @rauate

Durante a pandemia tive muitas crises melancólicas. Pude sentir na pele a potência dos escapismos virtuais mais do que nunca. Para lidar com minhas próprias carências e necessidades de afeto, passei muitas horas consumindo mídias das mais diversas, mas principalmente as que continham relacionamentos gays.

Assistir personagens vivendo aquilo que eu queria viver era um alívio ao mesmo tempo em que era uma tortura.

Tive a necessidade de traduzir isso para os meus trabalhos. A conexão que sen-

tia pelos personagens, o desejo que sentia pelos atores e a vergonha de me transportar para aquelas situações completamente irreais e distantes da minha realidade.

Quis fazer dessa situação horrível de pandemia e impotência uma forma de aprendizado. Ao mesmo tempo que é triste ter que buscar resiliência em um período tão irritante, fiz dos meus trabalhos uma celebração de todos os pensamentos que me deram o mínimo de conforto.

Quando eu era pequeno eu não falava quem eu tinha escolhido no Akinator porque tinha medo dele estar me ouvindo

Técnica: Óleo, acrílica, e pastel oleoso sobre madeira

Dimensão: 60x42 cm | 2019



Uma ode à pirataria online
Técnica: Acrílica, pastel oleoso, glitter e
marcador permanente para CD sobre tela.
Dimensão: 80x60 cm | 2020





Mil beijinhos 1

Série: Mil beijinhos: crônicas de um gay carente

Técnica: vídeo sobre pintura em acrílico, spray,
guache e pastel oleoso sobre lona solta

Dimensão: 217x158 cm | 2021

Maria Clara Gouvêa

Instagram: @macla.gouvea

Durante o início da Pandemia de Covid-19 no Brasil, em 2020, criei alguns trabalhos que representam muitos dos sentimentos com os quais lidei e ainda estou lidando nesse período. Não por acaso, a maioria deles são pinturas digitais. Devido à quarentena enfrentei dificuldades para comprar material, não apenas pelo isolamento em si, mas também pelo medo de expor a mim e minha família ao vírus, que mexeu muito com meu estado psicológico.

A primeira pintura Smother fala sobre a sensação de sufocamento, de sentir-se pressionado por si mesmo e a apatia

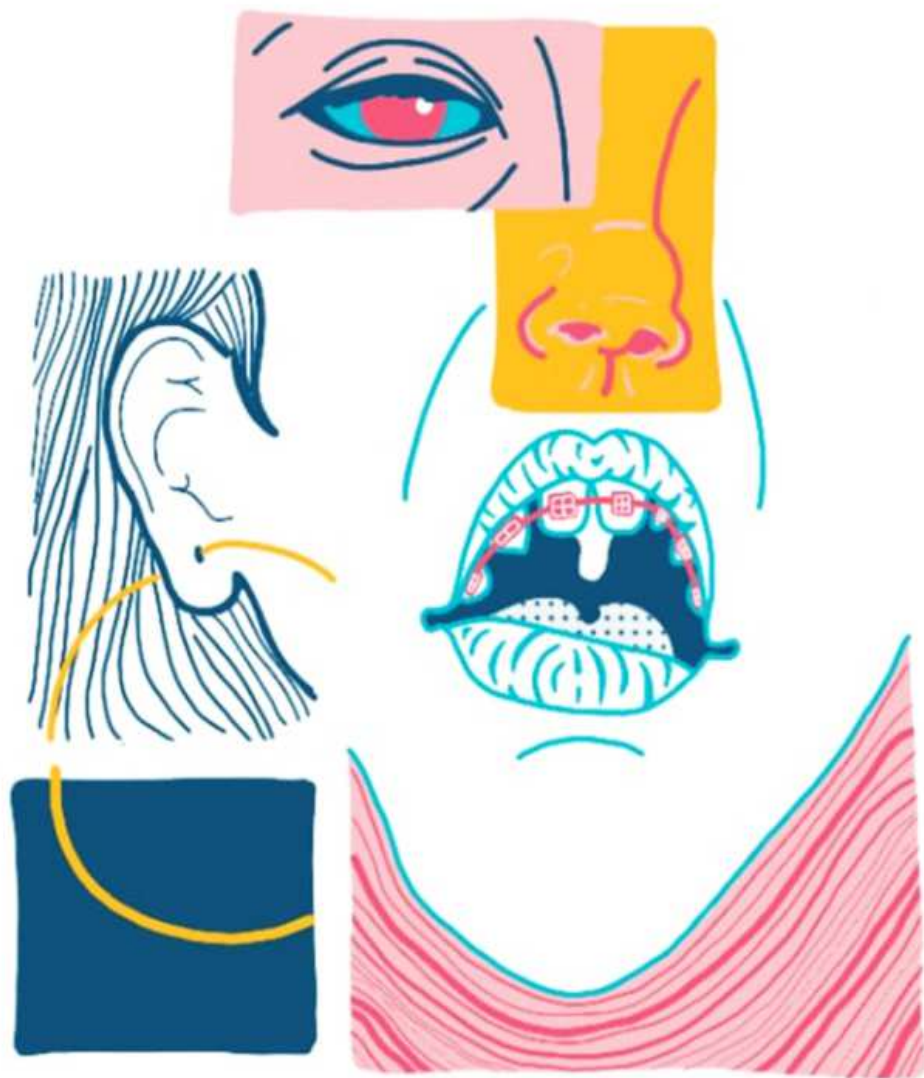
que nos impede de sair de tal situação: é a dificuldade de lidar com o fato e carregar o peso de se estar vivo.

Já o auto retrato representa a fragmentação do ser, o já não reconhecer-se mais em seu próprio reflexo, torna-se uma pilha de cacos e imagens que não se encaixam. Representa a desconexão com a realidade e comigo mesma.

Em Postura de Artista fiz mais um auto retrato que também comunica a apatia e a dificuldade de manter-se produtivo neste cenário.

Smother
Técnica: pintura digital
Dimensão: 1350x2277 px | 2020





Autorretrato Fragmentado
Técnica: pintura digital
Dimensão: 1393x1558 px | 2020



Postura de Artista 1
Técnica: pintura digital
Dimensão: 1515x2328 px | 2020



Ana Carolina Oliveira

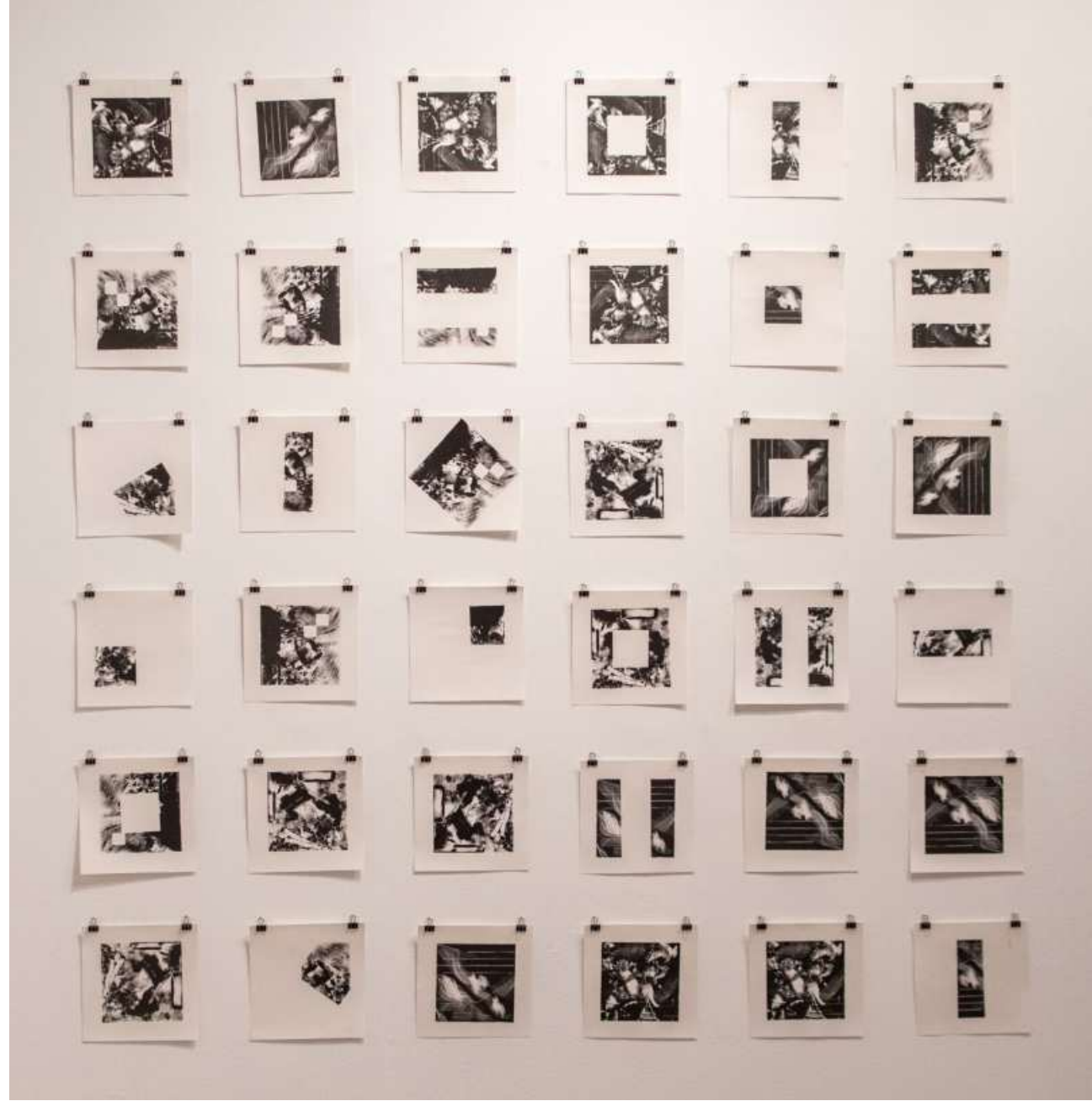
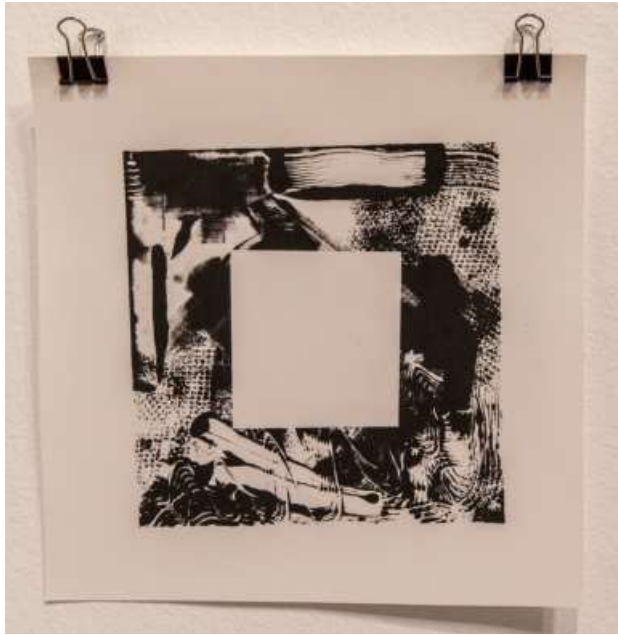
Instagram: @nacarolinaoliveira

Essa litografia foi pensada para ser exposta no Paço Imperial, antiga casa da Família Real Portuguesa, na cidade do Rio de Janeiro, e que, hoje em dia, abriga uma galeria de arte contemporânea: um Cubo Branco. Nesse prédio, há mais de 130 anos, foi assinada a lei que supostamente aboliria a escravidão no Brasil, um dos últimos países a tornar livre a população negra.

Impulsionada por tantos simbolismos, senti a necessidade de deixar a minha assinatura na parede desta casa, como se

essa marca fosse um organismo vivo que se reproduz e se multiplica até que o espaço em branco seja ocupado pela tinta negra, em busca de uma ocupação igualitária, provocando um movimento de impregnação crescente. A escolha da forma quadrada e da cor do papel faz alusão ao cubo branco, impregnado de formas e traços negros, raspagens e pinceladas não convencionais, como fluidos que penetram o espaço branco em busca de sobrevivência.

Impregnação
Técnica: Litografia
Dimensão: 1,85x1,85 cm | 2019
Foto: Renato Mangolin





BANANA I a VII
Série: Banana Manchadinha | Políptico
Técnica: Acrílica sobre papel Canson 300g/m2
Dimensão: 10,5x14 cm (BANANA I a
BANANA VI); 10x14 cm (BANANA VII)
2021

Vera Schueler

Instagram: @_verascheler

Ao viver em um momento tão catastrófico, desesperador e agonizante, é natural que minha mente me leve para lugares não condizentes com a realidade. Lugares onde a mais pura imaginação aflora em plena luz do dia, quando meu inconsciente toma o meu consciente com devaneios lúdicos de um mundo de utopia que só existe para mim e para mais ninguém.

Dessa forma, objetos banais do cotidiano ganham destaque na composição, posando como modelos e ganhando vida na superfície pictórica através de jogos de formas e cores fantasia, oriundas de um mundo de sonho consciente, lúcido.

Em tempos tão difíceis parece necessário dizer: sou uma artista viva, que pode morrer a qualquer momento. Logo, somos artistas vivos que podem morrer a qualquer momento.

Minha herança é a arte.

Maria Fernandes

Instagram: @mariaeduarda.lf

Sempre senti uma forte conexão com a água e via esse elemento surgir de forma inconsciente em meus trabalhos. Há um tempo venho desenvolvendo uma poética sobre feminilidade por ser uma questão latente em minha vida como mulher. Após o momento de introspecção forçada a partir da quarentena, me percebi mais sensível a essa e a outras questões semelhantes e encontrei, muitas vezes, a água como refúgio. Durante esse processo, pude perceber também o caráter substancialmente feminino da água. Assim, iniciei uma nova pesquisa: a união entre a água e o feminino.

Vejo meu trabalho como uma pausa e uma forma de continuar existindo nesse mundo caótico e inconstante. Uma forma de sobrevivência.

Falo sobre recorrer ao íntimo, mergulhar em si, recordar e sentir. Trabalho conceitos como introspecção, impermanência, memória, efemeridade e ciclos. Com isso, quero que minha pintura transmita emoções, que despertem memórias e provoquem sensações de

introspecção. Creio que hoje, essa consciência de si e a conexão com as próprias experiências se faz muito necessária. Através da água me sinto capaz de representar esses conceitos de forma densa e pertinente.

Na série Afundo, quis abordar um processo de introspecção e reconhecimento do eu. O se perceber, lidar consigo mesmo e com a impermanência do indivíduo.

Em Flutuar, quis mostrar a estranheza e melancolia presentes no processo de introversão e a fluidez na qual esse processo se inicia.

Em Mergulhar, abordei a agitação e violência de se encontrar. Quis retratar um ser fragmentado e despersonificado, representando as incertezas e inseguranças dentro dessa reflexão.

Em Afogar, quis exprimir o medo e angústia de se confrontar e a busca por uma permanência inalcançável. Mas também a criação de um novo sujeito a partir deste confronto.



Flutuar
Série: Afundo
Técnica: óleo sobre tela
Dimensão: 40x60 cm | 2021



Mergulhar
Série: Afundo
Técnica: óleo sobre madeira
Dimensão: 60x60 cm | 2021



Afogar
Série: Afundo
Técnica: óleo sobre tela
Dimensão: 40x50 cm | 2021



EBA
Além dos Muros

imago_
EBA
sobre(vivências)



Equipe Imago_EBA

A Escola de Belas Artes, para além do recente centenário da Universidade Federal do Rio de Janeiro, soma 206 anos de história que, por sua vez, atravessou a de inúmeros estudantes. Esses estudantes estão sempre a modificar os rumos da Instituição, que é organismo vivo.

Sendo o homem fruto de seu próprio tempo, são inúmeras as gerações que nela foram acolhidas, cada uma com suas diversas demandas, obstáculos e aspirações. Independentemente da mudança de tecnologias, regimes e séculos, a Academia Imperial, Escola Nacional de Belas Artes ou até de Ciências, Artes e Ofícios aprendeu a manter-se em movimento, se adaptando às mutações.

Dessa forma, cada grupo que passa por ela a transforma, deixando a Universidade diferente daquilo que existia ao nela ingressar, proporcionando o legado de sua produção artística e acadêmica para novos estudantes que chegam.

A seção EBA Além dos Muros ocupa-se dessa herança, pondo em foco a produção de discentes que se formaram pela Instituição e continuam a desenvolver seus trabalhos autorais no campo da pintura.

Imagem retirada do Instagram de
Monique Queiroz | @moniquegaleria

Monique Queiroz: atravessada por luzes e sombras

Por Caio Andrade | caiobamascarenhas@gmail.com / @caiones99

Monique Queiroz é artista formada em Pintura na Escola de Belas Artes (EBA/UFRJ) que tem o desenho como linguagem dominante, com ênfase sobretudo na representação da figura humana. Característica fundamental para maior compreensão de sua poética é sua baixa visão. Em seu Instagram a artista já contou ao público várias vezes como enxerga o mundo, as figuras que desenha, apresentou seus processos criativos e os meios que foi criando para continuar produzindo.

Mais do que o desenho de modelo, as representações corpóreas de Monique são reflexo muito particular de suas experiências sensíveis para com o mundo. Nas obras, para além de qualquer técnica apurada, é possível perceber a forte expressividade que marca seu traço. Se necessário fosse escolher um único termo para compreender a produção da artista, esse seria vivacidade, especialmente na série intitulada Constructo. Nela Monique apresenta o corpo humano com maestria técnica: seja o próprio corpo, em autorretrato, seja o corpo de um modelo. Percebe-se não só uma excelente com-

preensão de perspectiva, luz, sombra e composição, como também o uso do instrumental pertinente ao desenho e ao seu tradicional suporte: o papel. A artista possui bagagem no mundo das artes que ultrapassa já uma década.

Em diversos trabalhos percebe-se a organização do espaço alinhando-se com a exploração de ângulos e formas de modo sublime, aspectos que deixam a marca de Monique em cada detalhe do papel. Cada fragmento da obra pode ser explorado de maneira isolada, recortado, e ainda sim apresentará um capricho nas formas vívidas, as quais tencionam-se e movimentam-se sem deixar de dialogarem entre si. Talvez isso aconteça porque, como ela mesma explicou, enxerga partes de um todo e junta-as como quem junta um quebra-cabeça.

Percebe-se assim que a experiência pessoal é posta em evidência em sua produção, fazendo com que a vida particular e a artística coexistam de maneira indissociável. É necessário que o espectador conheça seu contexto de trabalho para que possa dimensionar a proporção de suas obras.

A cada dia morro um pouco...
Visão tátil

Técnica: Grafite e aquarela sobre papel
Dimensão: 100x70 cm | 2022





Percepções improváveis
Série: Constructo
Técnica: Carvão sobre papel
Dimensão: 100x70 cm | 2020



Casulo
Série: Constructo
Técnica: Carvão sobre papel
Dimensão: 100x70 cm | 2020



Atravessada por luzes e sombras 02
Técnica: Grafite sobre papel
Dimensão: 30x30 cm | 2021



Atravessada por luzes e sombras 01
Técnica: Grafite sobre papel
Dimensão: 30x30 cm | 2021



Detalhe da obra Movimentos em verdes e laranjas, de Rafael Agostini
Detalhe da obra Memórias da Paisagem N09, de Diana Chagas

Arte e Saúde: Diana Chagas e Rafael Agostini

Por João Paulo Ovidio | joaopaulovidio@gmail.com / @ovidio_jp

Há um ano e meio, no final de fevereiro de 2020, em pleno Carnaval, recebemos a notícia sobre o primeiro caso de contaminação de Covid-19 no Brasil e, menos de um mês depois, o primeiro registro de morte/ óbito registrado. Diversos locais precisaram fechar suas portas por medida de segurança, pois naquele momento sabíamos pouquíssimo sobre o vírus, mas era certo que ele representava um perigo à vida de todos. Um inimigo invisível. Entre as medidas adotadas para combater a pandemia estava a suspensão de atividades que não se enquadram na categoria de serviços essenciais. Se por um lado as escolas, museus e cinemas ficaram vazios, os hospitais passaram a ficar lotados, sem leitos disponíveis para internações, sendo necessário abrir postos de apoio para o atendimento médico. Sentimos medo, angústia, desesperança, sentimentos que se alternam durante o isolamento social, exigindo-nos buscar forças onde não existe para seguirmos em frente, mantendo-nos

saudáveis para viver o amanhã. A arte foi uma grande aliada nesse processo, como era de se esperar, uma vez que estudos da Organização Mundial da Saúde (OMS) já haviam comprovado seus benefícios para nossa saúde mental e física.

Com os museus e galerias fechados em razão da pandemia de Covid-19, surgiram diversas iniciativas de exposições *online*, em diferentes formatos, alguns utilizando recursos de 360º, outros a publicação de imagens e vídeos em sites. A internet é uma importante ferramenta de comunicação, no entanto, estava sendo pouco ou nada explorada por diversas instituições. Foi preciso criar estratégias de aproximação, reconectar-se com seu público antigo e alcançar novas pessoas. As obras de artes não devem ficar trancafiadas em acervos, como se fossem relíquias. Ao contrário, sua existência passa a ter sentido quando são vistas. Qual é o lugar da arte? Onde deve ser exposta? Para alguns a resposta parece óbvia, para outros não.

1 Primeiro caso de covid-19 no Brasil completa um ano. Agência Brasil - EBC. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2021-02/primeiro-caso-de-covid-19-no-brasil-completa-um-ano>> Acesso em 15 set. 2021.

2 Estudo da OMS mostra que a arte pode fazer bem à saúde. ONU News. Disponível em: <<https://news.un.org/pt/story/2019/11/1694131>> Acesso em 15 set. 2021.

Particularmente, defendo que ela deve estar onde é solicitada, independentemente deste ser ou não um local institucionalizado pela história da arte, e também não restrita aos espaços de cultura e educação. Desse modo, a arte também pode atender aos locais de saúde, como na mostra “Arte e Saúde”, de Diana Chagas e Rafael Agostini, realizada no Hospital Estadual Adão Pereira Nunes (HEAPN), localizado no município de Duque de Caxias, Baixada Fluminense – RJ. Com apoio da Equipe de Humanização, a exposição aconteceu durante a Semana de Enfermagem, entre os dias 12 a 20 de maio de 2021, sendo prorrogada até o dia 25. Os artistas levaram os seus trabalhos para o corredor do Centro de Estudos, de paredes monótonas pintadas de branco, tornando-o menos frio e mais acolhedor. A iniciativa pode ser compreendida como uma forma de aproximar as pessoas das artes visuais, levando-as ao encontro delas, ao mesmo tempo que visa proporcionar uma sensação de bem-estar. Quem passa por ali, seja por conta do trabalho, para visitar alguém, fazer um exame, se consultar ou se internar, acaba conhecendo um pouco da produção desses dois artistas.

Diana Chagas e Rafael Agostini são artistas da Baixada Fluminense, respectivamente de São João de Meriti e Duque de Caxias, formados no curso de Pintura da bicentenária Escola de Belas Artes da UFRJ.

Desde a graduação, Diana Chagas desenvolve pesquisas acerca do gênero da paisagem, adotado não só em sua prática artística, mas também como objeto de estudo para o TCC, defendido em 2019. Entre tantas possibilidades, confessa ter dificuldades para explicar como se deu a sua escolha, talvez por ter seguido uma paixão. E esse sentimento intenso e profundo não se explica. Não com palavras. Sem dificuldades, expressa o que sente pela natureza por meio de tintas e pincéis, capturando-a e a reinterpretando em suas telas. Em vista disso, busca mantê-la sempre perto de si, promovendo investigações a respeito da memória, identidade e pertencimento, somando-as ao estudo da cor.

Inicialmente, quando começou a se dedicar à paisagem, Diana adotou como referência as memórias da infância, construindo assim imagens que remetiam ao lugar onde cresceu. Quando criança, morava em uma casa com um grande quintal, com muitas árvores para subir, de onde conseguia ver montanhas ao longe, na cidade vizinha. Todo artista tem muito em comum com a criança, pois também se permite dar asas à imaginação e criar mundos, sem amarras. As lembranças dessa época constituem parte do repertório visual ao qual recorre para as composições de sua pintura. Diana Chagas pinta, em sua maioria, paisagens desabitadas, sendo a natureza a única protagonista. Ao mesmo tempo que nós, seres

humanos, estamos fora da cena, somos convidados a estar dentro, a nos imaginarmos ali, em meio a troncos, galhos e folhas, admirando a linha do horizonte e a infinitude do céu. Cada pessoa estabelece uma relação diferente com o que vê, por vezes, motivado por valores afetivos.

As imagens têm a capacidade de despertar nossa sensibilidade. Durante a pandemia de Covid-19, a artista deu início a série de acrílica sobre tela nomeada de Paisagens Sentidas - Memórias da Paisagem, da qual selecionou 5 trabalhos para a exposição no HEAPN, sendo eles: Paisagens Sentidas, do nº 1 ao 4, e Obstáculos. Com a necessidade do isolamento social, viu-se cada vez mais distan-

te da natureza, grande motivação de sua arte. Dentro de casa, recorreu à internet para encontrar imagens que possuíam os mesmos elementos visuais presentes em suas lembranças de infância, usando-as como referências para gerar suas composições. Quanto à paleta, faz uso de cores bastante saturadas, com forte presença de roxos, azuis, laranjas e verdes, desviando-se do naturalismo mediante a forma com que emprega a cor, ativando diversas sensações. Desse modo ela nos lembra que suas paisagens são irreais, sem quaisquer pretensões de representar um local exato ou ser um registro histórico-geográfico.



Obstáculos
Técnica: acrílica sobre tela
Dimensão: 30x90 cm | 2020

3 CHAGAS, Diana de Almeida das. Sobre sonhos e memórias: lugares inventados. Um estudo do comportamento da relação entre figura e fundo na leitura da imagem pictórica. Monografia (Bacharel em Pintura) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019. Disponível em: <<https://pantheon.ufrj.br/bitstream/11422/12437/1/DACHagas.pdf>> Acesso em 16 set. 2021.



Memórias da paisagem N2
Série: Paisagens Sentidas
Técnica: acrílica sobre tela
Dimensão: 30x40 cm | 2020

Ao receber o convite de Rafael Agostini para expor junto a ele no corredor do Hospital, Diana Chagas selecionou entre seus quadros aqueles que acredita transmitir, em certa medida, conforto para as pessoas. Nesse momento tão difícil, de tanta dor, sofrimento, perda e incerteza, faz-se necessário nos apegarmos às boas lembranças para seguirmos na caminhada,

termos uma motivação, não desistirmos da vida. Diante dessas pinturas, o observador interrompe seu fluxo, o corpo descansa e a mente o transporta para um outro lugar, alternando-se entre paisagens adormecidas e as inventadas no momento, frutos da imaginação.

De modo informal, a artista disse ter escutado o relato do Dr. Marcos, um



Memórias da paisagem N4
Série: Paisagens Sentidas
Técnica: acrílica sobre tela
Dimensão: 30x40 cm | 2020

dos funcionários do HEAPN que, frente a um de seus trabalhos, compartilhou suas impressões com ela.⁴ Colocar-se nessa posição de escuta é fundamental para que ela mesma possa melhor compreender o alcance de sua proposta. O que o público tem a dizer? O que ele vê nessa imagem e que foge aos seus olhos? Qual mensa-

gem passar e/ou emoções provocar? Com emoção, Diana me relatou ter alcançado seu objetivo, demonstrando também a impagável sensação de dever cumprido.

4 ARTE E SAÚDE: Rafael Agostini e Diana Chagas apresentam suas artes no hospital de Saracuruna. [S. l.: s. n.], 2010. 1 vídeo (4 min 11 seg). Publicado pelo canal Rafael Agostini. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=8TWpEflCOkg>> Acesso em 16 set. 2021

Já há algum tempo Rafael Agostini vem manifestado o interesse por realizar exposições em locais diferentes, não convencionais, como uma estratégia para aproximar sua arte do público. Em 2018, conseguiu pôr em prática esse querer, tanto com a sua individual Arte Mais Saúde, que fez parte da programação dedicada a comemorar o 20º aniversário do HEAPN, quanto por meio de uma mostra feita em praça pública. Portanto, sua relação com esse espaço é anterior à exposição sobre a qual me dedico a escrever aqui, visto que lá ocupa o cargo de Auxiliar Administrativo.

Tal atitude do artista visa democratizar o acesso às artes visuais, sobretudo em territórios periféricos, como a Baixada Fluminense. Além disso, um de seus objetivos também era homenagear os funcionários que atuam e atuaram na linha de frente do combate a Covid-19 e outras enfermidades. Esses profissionais enfrentam uma árdua luta diariamente. No senso comum, o Hospital é um lugar associado ao sofrimento, para onde vamos quando estamos doentes, mas igualmente precisa ser encarado como lugar de cura e recuperação. Quem poderia imaginar que ao sair de casa encontraria ali uma mostra de pintura? Só o exercício de observar os quadros já contribui para a diminuição do estresse provocado nesse ambiente de constante tensão. A recepção dessa iniciativa foi tão positiva que os artistas receberam convites para levá-la a outras unidades, ainda sem uma data prevista.

Por ser artista, Rafael Agostini busca constantemente promover atividades artísticas no seu local de trabalho, como os exemplos mencionados anteri-

ormente e o projeto de Saúde e Cultura, iniciado em 2020. Sobre esse último, vale ressaltar que em parceria com a terapeuta ocupacional Rosângela da Silva Ferreira, dispõem-se a adotar técnicas a fim de promover o bem-estar, a autoestima e a saúde integral das crianças internadas.

O artista relatou que tem acompanhado reuniões da Equipe de Humanização, e que foi através desse contato que apresentou a eles a proposta da exposição Arte e Saúde. Naquele momento vivíamos o aumento do número de casos de Covid-19 no país, situação que impossibilitava a realização de eventos presenciais com muitas pessoas, e justamente por isso se fazia necessário uma ação que levasse alento para quem estava no Hospital. Mas por que dessa vez chamou alguém para expor ao seu lado? Segundo o próprio artista, sentiu a necessidade de ter pinturas com cores mais saturadas e vibrantes. Sendo assim, convidou Diana Chagas para exibir seus quadros. Por se debruçarem em pesquisas diferentes, o conjunto selecionado nos ofereceu uma diversidade não só na paleta de cores como também no repertório temático. Desse modo, diferentes considerações puderam ser feitas, enriquecendo as análises.

Como trabalha no hospital, Rafael Agostini não possui a disponibilidade que gostaria de ter para se dedicar à pintura e isso o angustia. Às vezes, a noite acaba sendo o único momento que tem para desenvolver sua produção. Infelizmente, trata-se de uma situação pela qual passam muitos artistas em nosso país. Quando ele dá início a uma série, pinta mais de uma tela ao



Criança dormindo
Técnica: óleo sobre tela
Dimensão: 70x100 cm | 2016

mesmo tempo, sendo esse um caminho que lhe permite estabelecer maior diálogo entre as peças. Como são executadas concomitantemente, uma ideia acaba levando a outra e assim por diante. Na mostra realizada no HEAPN, expôs 4 trabalhos, sendo dois óleos sobre tela de 2016, intitulados De todo canto a ver I e Criança dormindo, e outros dois mais recentes, de 2019: Pássaro em tronco velho nº 1 e nº 2, também nomeados como Pardal e Anu. É possível observar uma mudança não só temática, mas também no modo de fazer, aspecto que reforça o propósito de

tornar cada investigação única, coerente e sem tolhimentos.

As inspirações de Rafael Agostini, em sua maioria, estão relacionadas ao seu cotidiano, tanto é que em Criança dormindo usa como modelo a própria filha. Ele a representa com pijama e cor clara, deitada sobre tecido estampado, ocupando toda a cena. A pose indica que ela acabou de cair no sono, com a mão esquerda apoiada no rosto, sustentando a cabeça, enquanto a mão direita acaricia um gato que a acompanha no repouso. Nesse caso, a motivação

5 Novo projeto de Saúde e Cultura saindo do forno! Secretaria de Saúde, Governo do Estado do Rio de Janeiro, Saúde e Cultura. <<https://www.saude.rj.gov.br/humanizacao/saude-e-cultura/2020/11/novo-projeto-de-saude-e-cultura-saindo-do-forno>> Acesso 16 set. 2021.

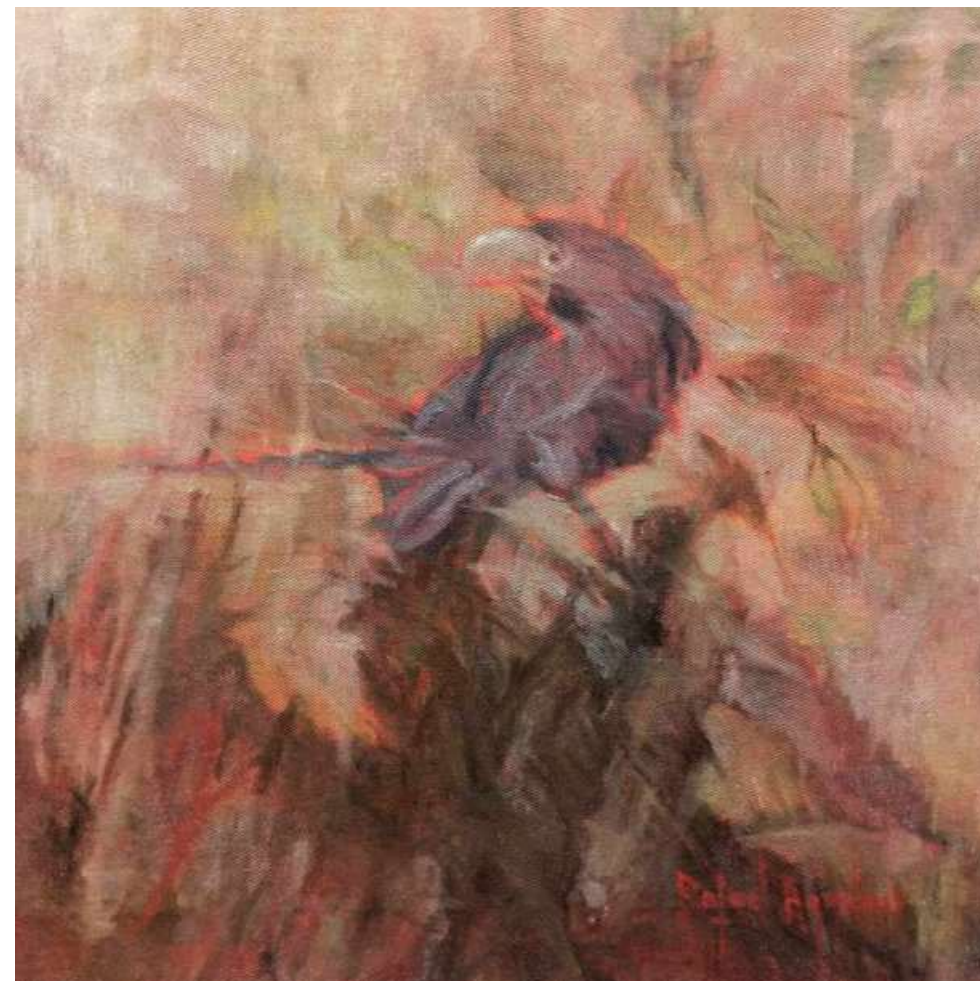


para criar a pintura está ligada ao desejo de expressar o amor que sente por sua filha. Já os pássaros, por sua vez, dizem respeito ao contato que possui com esses animais: o anu, que sempre vê próximo de onde mora, e o pardal, que observa na saída do hospital. Logo, escolheu se centrar em um recorte que possui valor afetivo para si, compartilhando-o com o público.

Se por um lado as paisagens de Diana Chagas são desabitadas, por outro a obra de Rafael Agostini complementa esse

vazio, representando aqueles que poderiam ocupar as árvores, ou seja, os pássaros. Tal interpretação aponta para uma das muitas narrativas imbuídas no discurso curatorial.

Em meio à pandemia, a exposição Arte e Saúde pode ser vista como uma preocupação dos artistas com o bem-estar do próximo, uma forma de cuidado. Que atitudes como essa, de fazer as artes visuais circular e ocuparem os espaços, possam servir de bom exemplo e se multiplicar.



Ao lado: Pássaro em tronco velho nº1
Técnica: óleo sobre tela
Dimensão: 40x40 cm | 2019

Pássaro sem tronco velho nº2
Técnica: óleo sobre tela
Dimensão: 40x40 cm | 2020

Vinicius Gerheim n'A Gentil Carioca

Por Beatriz Almeida | bealmbran@hotmail.com /@btrzlmd

A interpretação dos fenômenos mundanos pelo indivíduo é acometida por diversos fatores, intercorrências entre o nascer e o morrer. Nesse ínterim, acumula-se uma bagagem única e intransferível, a qual não só molda o sujeito, como também torna-se o filtro com o qual ele percebe e tateia seu entorno. A interpessoalidade, portanto, pode ser lida como o encontro entre ao menos dois indivíduos e seus modos ímpares de filtrar os estímulos que os circundam. A relação se dá entre o eu, o outro e todos os infinitos fragmentos que os compõem.

Em Primeiras estórias, série de pinturas a óleo e acrílica sobre tela de Vinicius Gerheim, exposta na Galeria A Gentil Carioca, Rio de Janeiro, entre os dias 16 de agosto a 09 de outubro de 2021, encontramos uma gama de possibilidades interpretativas bastante ampla. O afunilamento proposto pelo texto curatorial, cuja localização no espaço expositivo é bastante discreta, trabalha conceitos como o tempo, as vivências, os acontecimentos e as emoções que surgem durante a vida. Por não figurarem junto às obras seus respectivos títulos e etiquetas com ficha técnica, exposição faz-se uma experiência sensorial e íntima. Ademais, operando com agendamentos, em decorrência da Covid-19, a

galeria recebe pequenos grupos de pessoas por vez, o que potencializa a intimidade com as pinturas. Assim, é concebido o encontro entre observador e obra.

Marco corriqueiro no trabalho de Vinicius é o estabelecimento de um diálogo entre o que é visto e quem está vendo. Ele cria um movimento cíclico ao direcionar o olhar de seus personagens ao espectador. Deparando-nos, pois, com as obras, nos sentimos intimados a participar de sua narrativa. Contudo, simultânea a essa convocação, a materialidade da série que dispõe de intenso empastamento e formas pontiagudas, além da temática em si, embarreiram a entrada do indivíduo na pintura. Existe, então, um convite à imersão e, logo em seguida, a barreira. O resultado é a mútua observação entre os personagens representados na pintura e o sujeito que a defronta. Deparados com tantos olhares direcionados para nós, deslocamos-nos da posição de *voyeur* e nos colocamos em vigia também.

Essa vigilância é acompanhada por diversas sensações, particulares em cada obra e próprias de cada espectador visto que, como discorrido previamente, o modo como são filtrados os estímulos a nossa volta é peculiar. Possivelmente essas distinções tornem a intenção das obras mutável também, insubstituíveis em seu significado.



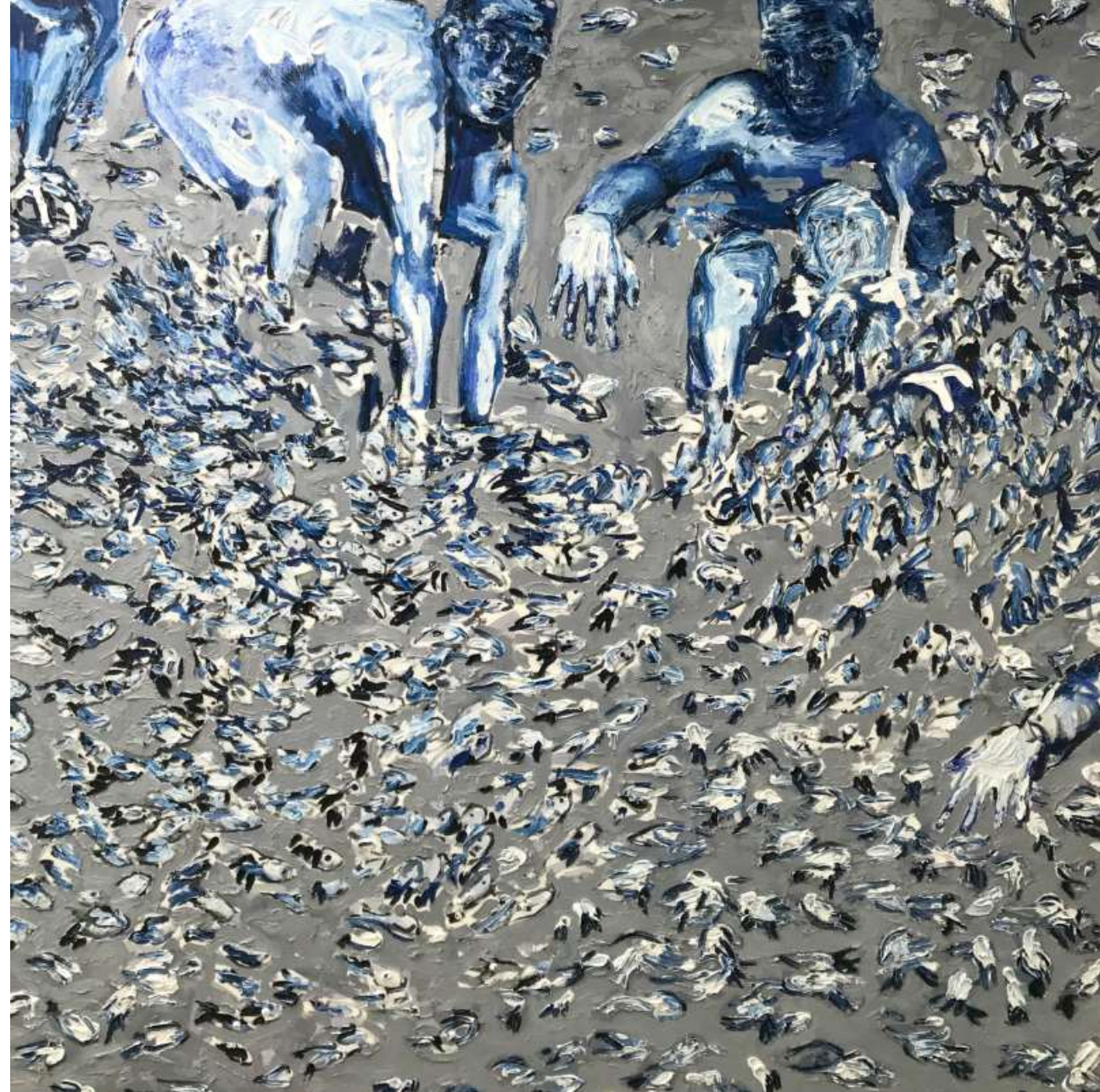
Maritaca
Técnica: óleo sobre tela
Dimensão: 200x320 cm (díptico)
200x160 cm em cada | 2021



Cachorra Madonna
Técnica: óleo sobre tela
Dimensão: 130x100 cm | 2021

Entre as pinturas expostas figura uma cadela amamentando seus filhotes e rosnando. Poderia se dizer que tal atitude é fruto do medo do animal, do instinto protetor direcionado às suas crias. Pode não ser oriunda da raiva. A cadela não sabe quem parou para observá-la, nem quais são suas potenciais intenções. O observador é um mistério para ela, assim como ela é um mistério para o observador. Talvez ele se ame-dronte diante de sua reação, bem como

existe a possibilidade de simpatizar com o instinto materno do animal. Quiçá ambas ou nenhuma das possibilidades. Já na pintura em que estão representados cachorros enraivecidos posicionados atrás de fios de arame farpado, a barreira que impede o espectador de penetrar na cena é enfatizada, tanto pela quantidade de animais, quanto pelo arame farpado dilacerante posicionado entre os dois. Adentrar aquele espaço é impossível devido à inospitalidade.



Açude
Técnica: acrílica sobre tela
Dimensão: 200x200 cm | 2021



Jabuticaba olho de boi
Técnica: óleo e acrílica sobre tela
Dimensão: 150x270 cm (díptico)
150x135 cm em cada | 2021

Na obra em que corpos masculinos encontram-se montados em uma jabuticabeira, assim como nos outros quadros expostos, os personagens fitam quem os observa de cima, em uma posição inalcançável. É impossível subir naquela árvore, assim como entrar naquele mar de peixes, atravessar a revoada de pássaros e caminhar pelas Coroas-de-Cristo. Essa última referência, inclusive, pode encontrar-se simbolicamente com a própria questão da observação, dado que o corpo, o qual olha para fora do quadro, está cercado por espinhos, historicamente associados à punição. Estaria o sujeito retratado condenado, preso, enquanto assiste aos acontecimentos em seu entorno? Estaria quem para ele olha entre os espinhos, também aprisionado?



Detalhe da obra Jabuticaba olho de boi



Rancho
Técnica: óleo e acrílica sobre tela
Dimensão: 120x160 cm | 2021



Cobertor
Técnica: acrílica sobre tela
Dimensão: 200x160 cm | 2021

Cobertor talvez seja a única obra em que o espectador ganhe um pouco mais de espaço para aproximar-se, devido às pinceladas menos pontiagudas e a ausência de personagens atentos ao ambiente externo ao quadro. Todavia, a intimidade das pessoas deitadas mantém-se privada. É mais convidativo ao olhar, mas não é possível ver, de fato, o que se passa embaixo da coberta.

A impressão que perdura, ao sair da exposição, é que o visitante esteve preso em si mesmo durante todo o tempo passado ali, tendo uma perspectiva aquém de tudo que é vivo e orgânico. O mundo mira-o de cima, enquanto ele o contempla de baixo, almejando participar de suas dinâmicas que sempre parecem intangíveis. Faz parte delas, mas delas é repellido. Diante da impossibilidade da ação, do congelamento pessoal e do aprisionamento em si, o sujeito contenta-se com especular.

Poder e Aura, de Cibelle Arcanjo: Por um exercício de desnaturalização da violência

Por Rafael da Silva | rafaelsilva.ha@gmail.com / @rafbleu

– Mãe, eles são do Afeganistão?

Essa foi a pergunta que fiz a minha mãe quando, por volta dos 5 ou 6 anos, minha casa foi invadida por homens armados. Estava na sala. Sua entrada repentina me causou tamanho susto que, hoje, enquanto escrevo, no mesmo dia em que meu retorno para casa é impedido pela interrupção da circulação causada pelo confronto entre grupos de milicianos na Zona Oeste do Rio de Janeiro, percebo que, talvez, dentre os episódios de violência que presencio desde a infância, aquele tenha sido um dos de maior impacto.

Aqui sim, temos um relato pessoal. E com isso desafio, inclusive, a norma do silêncio – e de silenciamento – vigente em territórios de violência: diga que nunca viu e que não sabe de nada.

– Fala que não viu nada. Se perguntarem, diz “não sei” e fica calado.

Não costumo escrever em primeira pessoa. Agora, porém, percebo que a impessoalidade não me cabe. Não quando me coloco, pela via da identificação e de vivência, em diálogo com o trabalho de Cibelle Arcanjo – especialmente as pinturas derivadas de sua pesquisa a respeito da cultura e das imagens da violência.

De volta à indagação inicial: “eles são do Afeganistão?”. Naquele momento,

princípio da década de 2000, com a invasão do território afegão pelo exército estadunidense sob a justificativa do discurso antiterrorista após episódio de 11 de Setembro, fervilhavam nos telejornais brasileiros as notícias a respeito dos confrontos armados. As cenas da guerra, claro, de repercussão mundial, impregnaram minha imaginação a ponto de, mesmo sem compreender ainda a própria realidade – a violência no quintal de casa –, projetar no espaço em que habito os acontecimentos vigentes no plano internacional.

Tais eventos, hoje, podem ser lembrados – certamente por conta da recente decisão de retirada das tropas norte-americanas do território do Afeganistão, duas décadas após a queda das Torres Gêmeas. E é possível, ainda, refletir que, principalmente pela atual situação do Estado brasileiro – na qual o chefe do Executivo, mesmo em meio a uma crise mundial de saúde, se empenha mormente em flexibilizar a utilização de armas no Brasil – perdura no imaginário coletivo as imagens da violência inculcadas não somente pela difusão dos meios de comunicação televisiva e da internet, mas também forjadas pelas experiências de vida.

É aí que, ao conhecer o trabalho de Cibelle, as crianças que pinta, as armas que expõe, sobrevêm os episódios violentos que povoam a mente de muitos dos que habitam espaços de violência.



Pormenor
Técnica: óleo e spray acrílico sobre tela
Dimensão: 58x82,5 cm | 2018



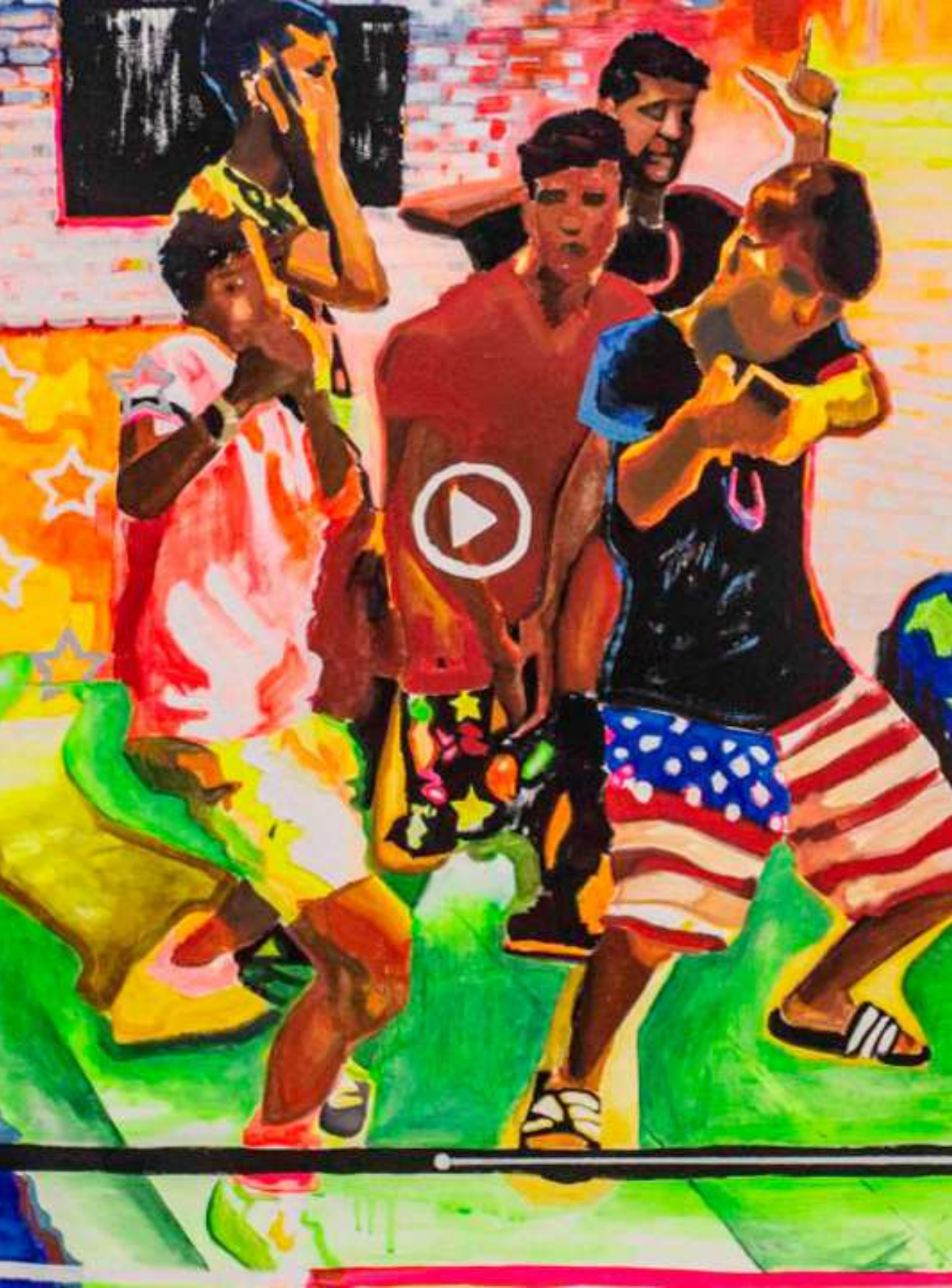
Picnic
Técnica: óleo sobre tela
Dimensão: 59x70 cm | 2018

A despeito de evocar as imagens difundidas pelos veículos de comunicação de grande abrangência, como a televisão e a internet (programas policiais, telejornais, redes sociais, filmes e seriados nos serviços de streaming, dentre outros), Cibelle opta por não representar o aspecto agressivo explorado pela mídia sensacionalista que lucra com a exibição de cenas de intensa violência, protagonizadas, na maioria das vezes, em territórios da periferia, áreas favelizadas, regiões dominadas por poderes paralelos em constante conflito com a força legitimada do Estado.

Suas pinturas alcançam uma ambiguidade em que a aparente naturalização da posse de armas e da presença de forças policiais coercitivas – uma espécie de ubiquidade beligerante que por vezes passa despercebida – adquirem nuances de estranhamento tanto pelo tratamento cromático – como em Cromofobia e (In)segurança – quanto pela composição de suas pinturas com elementos que contribuem para a desestruturação de um olhar displicente – é o caso de Comendo Bala e Bebendo Sangue e Picnic.



Comendo bala e bebendo sangue
Técnica: óleo sobre tela
Dimensão: 66x56 cm | 2019



Compra e venda (díptico)
Técnica: Óleo sobre tela
Dimensão: 63x108 cm | 2018

Ocorre, portanto, um deslocamento do estado inerte de uma relação amortizada frente aos acontecimentos e ao imaginário de violência; efeito de uma sutileza não apaziguadora, presente nas expressões, nos gestos corporais, no tratamento pictórico e construção imagética de cada pintura – cuidadosamente pensadas formal e conceitualmente.

Não é à toa, ainda, a referência clara aos Estados Unidos por meio da evocação da bandeira do país na vestimenta dos personagens que integram Compra e Venda e Culto a Ilusão. Sem dúvida, a hegemonia geopolítica dos EUA implica na difusão e estímulo da cultura do arma-

mento. Em Compra e Venda, a ênfase na empunhadura das armas, uma delas de brinquedo, apresenta, além da especulação a respeito de uma escolha profissional futura, a reprodução em práticas infantojuvenis da lógica armamentista – o que implica na normalização do uso de armas desde a infância, efeito que Cibelle também aborda em trabalhos como Brincar de Matar!.

Soma-se a isso a estetização dos signos de poder, atrelados às forças militares, reificados nas armas, vestimentas e atitudes corporais, cuja reprodução massiva e apologética é evidenciada, por exemplo, na emulação de um vídeo de internet feita por Cibelle em Culto a Ilusão; ou mesmo

Culto a Ilusão
Técnica: Óleo e acrílica sobre tela
Dimensão: 88x71 cm | 2019



Brincar de matar!

Técnica: Óleo, acrílica e caneta sobre tela
Dimensão: 67x64,5 cm | 2018

(In) segurança

Técnica: Óleo, acrílica e pastel oleoso
sobre tela
Dimensão: 54x60,5 cm | 2019



na corporalidade – postura e gestos – acentuada também em Pormenor, uma das pinturas mais significativas da série.

Nos trabalhos de Cibelle Arcanjo, a cultura da violência a qual estamos submetidos, em que signos de poder são normalizados na perenidade de um estado violento, é representada a partir de uma reorientação obtida por meio de uma leitura própria da autora, transmitida em suas pinturas e que, de maneira aguçada, recompõe a experiência do olhar ao propiciar um exercício de desnaturalização do imaginário da violência.

O espectador, portanto, pela explicitação mesma do regime de violência replicado nas imagens que nos chegam incessantemente, é convidado ao reposicionamento do olhar; e é chamado à reflexão acerca dos sistemas de domínio e coerção que, sobretudo no Brasil, são direcionados a corpos específicos. Exige-se, assim, uma postura politicamente ativa e socialmente consciente, na qual a combatividade perpassa a reconfiguração das relações com as imagens da violência cultivadas em nossa sociedade.



Cromofobia
Técnica: Óleo e acrílica sobre tela
Dimensão: 60x72,5 cm | 2018

Memória-estilhaço: sobre os retratos de Marcela Cantuária das combatentes da ditadura militar brasileira

Por Beatriz Schreiner | bz.schreiner@gmail.com / @beatrizschreiner

Em agradecimento às nossas companheiras.

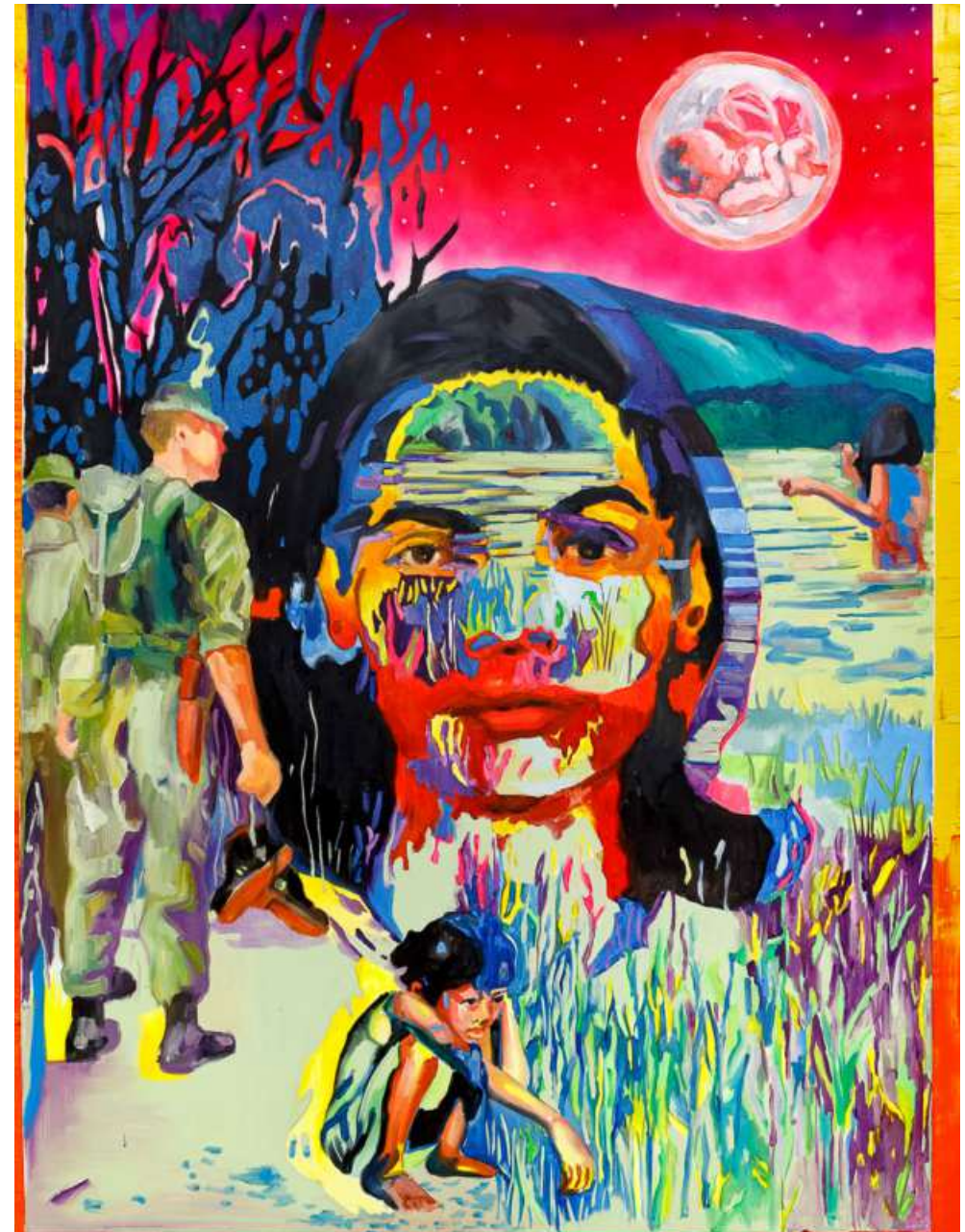
Em seu livro *Tempo Passado: cultura da memória e guinada subjetiva*, a crítica argentina Beatriz Sarlo afirma: “A memória foi dever da Argentina posterior à ditadura militar e o é na maioria dos países da América Latina” (SARLO, 2005). Esta frase ao mesmo tempo que tranquiliza nossos hermanos nos apavora: somos a exceção. Ao passo que este passado sombrio em comum nos une, a falta de comprometimento com esta memória traumática é um dos fatores que condena o brasileiro ao isolamento em seu próprio continente. E é a partir de seu apetite pela reintegração dos Brasis ao cenário latino-americano cultural, social e, especialmente, político, que Marcela Cantuária constrói seu universo imagético.

Sua pesquisa pictórica *Mátria Livre* consiste em pintar retratos de mulheres guerrilheiras e ativistas da América Latina. Marcela se propõe justamente a compilar as diferentes personagens femininas sem distinção de nacionalidade, conectadas por uma identidade latina derivada da resistência às opressões colonialistas. A lógica desta série é praticamente o oposto de *Futuro do Pretérito*, pesquisa pictórica que “compreende o passado como parte indissolúvel do presente” e cujas “figuras anônimas são o tema central” (A GENTIL CARIOCA, 2020). Em *Mátria Livre*, conhecemos seus rostos, nomes e codinomes, e resgatamos

suas histórias.

Na Mostra *Elas*, série virtual de conversas de idealização, curadoria e mediação da escritora e atriz Júlia Medeiros, realizada em junho deste ano, Marcela expôs esta pesquisa ao lado da historiadora Raquel Barreto. Sua apresentação, intitulada “Guerrilheiras Latino-americanas”, desperta curiosidade pelo subtítulo “A pintura ficcional a partir de documentos factuais”. Ao lê-lo, lembrei da advertência que o jornalista Bernardo Kucinski insistiu em colocar no início de seu romance *K-relato de uma busca*: “Caro leitor: Tudo neste livro é invenção, mas quase tudo aconteceu.” (KUCINSKI, 2014). Ambos debruçados sobre a difícil temática da perseguição política enxergaram na ficção/invenção uma via narrativa para o factual. Devemos apreender que o ficcional não é mentiroso assim como o literal não é verdadeiro. Neste sentido, o imaginário surge como um espaço que permite a sutura de memórias fragmentadas pelo trauma.

A metodologia da pesquisa de Marcela consiste justamente na recuperação e tratamento destes fragmentos. O escasso material disponível a respeito da trajetória destas mulheres é reimaginado como peças de um quebra-cabeça, distribuídas sobre a tela em branco. Como os elementos não são de fácil encaixe, cabe a Marcela suturá-los. Assim, a pintura surge sem pretensão de expressar uma cronologia ou linearidade, apresentando passagens sobrepostas, narrativas enviesadas.



Lúcia de Souza “Sônia”
Técnica: óleo e spray sobre tela
Dimensão: 160x120 cm | 2019

Observamos isso claramente em Lúcia de Souza “Sônia”: não sabemos se o rosto da guerrilheira está ascendendo ou desaparecendo das margens do Rio Araguaia e, simultaneamente, a vemos à direita de costas, em um momento de descontração, e, à esquerda, seus algozes à espreita. No centro, a criança de cócoras não deixa de se assemelhar ao feto envolvido pela lua, que simboliza a importante função de parteira das mulheres ribeirinhas que Sônia assumiu. É importante que esses personagens não sejam ignorados na composição da obra como foram e continuam sendo nas ações de reparação: o povo Suruí-Aikewara, habitante da região do Araguaia, foi submetido à humilhação e tortura pelos agentes de Estado envolvidos na caça aos “terroristas” e não recebeu até hoje indenização pelos danos morais, psicológicos e territoriais sofridos.

As cores vibrantes que Marcela utiliza fazem com que seja praticamente impossível desviar os olhos de suas pinturas. O fluorescente da tinta é atraente, atua como a luz neon de um *outdoor*; não por acaso em entrevistas ela fala sobre sua paleta “trazer cores muito quentes, de um imaginário vivo como que ligado na tomada” e “acender algumas memórias que eu [Marcela] julgo esquecidas”. Em Helenira ou “Fátima” aka preta, as pinceladas das cores complementares rosa e verde proporcionam um convidativo contraste. Ao mesmo tempo, da forma como estão dispostas, permitem que o rosto de Helenira se camufle na vegetação ao fundo, assim como o atirador parece brotar da margem folhosa à esquerda. As personagens à mesa em primeiro plano parecem flutuar no igarapé, como uma lembrança do tempo em que Helenira era professora, antes de se juntar à Guerrilha do Araguaia, e como presença da Casa de Referência para Mulheres Helenira Preta, ocupação em Mauá que carrega seu nome.

Para além do colorido e do saturado característico de sua produção, é interessante perceber o papel extraordinário do branco em, especialmente, duas telas. Em Heleny Guariba, uma mancha branca rasga o rosto multicolor e sonhador de Heleny, contaminando suas proximidades com tons mais amenos e diluídos que o resto. O efeito resultante é de um forte feixe de luz transversal, aludindo aos holofotes estrategicamente posicionados nos palcos de teatro dos quais fora afastada com a emissão do decreto do AI-5, em 1968; Heleny (ou “Lucy”), além de militante era teatróloga, e filósofa de formação. Marcela em um post do Instagram deixa uma pista em relação à presença das pombas na pintura, também brancas: “O Serviço Nacional de Informações (SNI), divulgou em 76 um documento que atestava que Heleny seria utilizada como “pombo correio” da militância e operava junto de ‘perigosos terroristas.’” (CANTUÁRIA, 2020). Mas talvez possamos absorver igualmente sua simbologia cristã considerando a participação do Espírito Santo na Santíssima Trindade, frequentemente representado como pomba, e a reprodução de uma tríade de personagens femininas debaixo do holofote que parecem participar de um ritual em um corpo d’água, como um batismo.

Em Ranúcia, o branco, que é a ausência da cor, representa a ausência de um filho. Ranúcia Alves Rodrigues, ou “Florinda” ou “Nuce” ou “Olivia”, militante e estudante de enfermagem, deu à luz a sua única filha, Vanuzia, em 1969, quando já havia sido presa e expulsa da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Por causa da perseguição política, se viu obrigada a deixar sua filha no cuidado de outras duas mulheres no bairro de Mangueira, no centro de Recife; acredito que uma delas seja a personagem em vermelho, que dá colo à silhueta vazia do bebê. Na frente de Ranúcia, vemos as ondulantes bandeiras escarlate do Partido Comunista Brasileiro Revolucionário (PCBR), ao qual era ligada.



Helenira ou “Fátima” aka preta
Técnica: óleo sobre tela
Dimensão: 150x110 cm | 2020



A tarefa de contadora de histórias que Marcela assumiu, “inscrevendo um possível alhures fora do par mortífero al-goz-vítima” (PIRALIAN apud GAGNEBIN, 1999) não é, definitivamente, uma tarefa fácil. A nossa Comissão Nacional da Verdade, criada pelo governo de Dilma Rousseff em 2011 e encerrada em 2014, apesar de ter trazido informações cruciais sobre o desaparecimento, tortura e assassinato destas mulheres que aqui tratamos, deixou de preencher muitas lacunas, e o que o relatório foi capaz de solucionar foi, pelo menos parcialmente, desprezado pelas autoridades. Creio que também seja preciso admitir que há acontecimentos que nunca conseguiremos entender com precisão. Neste sentido, Marcela se permite explorar o mundo das lendas e possibilidades místicas em Dinalva. As borboletas que povoam o igarapé no rosto de Dinalva, professora e guerrilheira do Araguaia, nos levam ao mito-fundador da “borboleta-Dina”. O historiador Carlos Hugo Studart Corrêa se debruça sobre este tema em sua tese de doutorado:

O episódio que deu ensejo ao mito-fundador ocorreu nos primeiros dias de junho de 1972, envolvendo o tenente paraquedista Álvaro de Souza Pinheiro. De acordo com a reconstrução do episódio por militares, em narrativas orais para esta pesquisa, chegou à Base Militar de Xambioá a informação de que Dina estaria em determinado ponto ao sul de São Geraldo. O major Thaumaturgo Sotero Vaz então enviou o tenente Álvaro para o local, à frente de uma equipe de 10 ou 12 paraquedistas. Ela de fato estava lá. Cercaram-na. Dina se escondeu atrás de um angico e começou a atirar. Um tiro acertou o tenente. A bala entrou pelas

costas e se alojou perto do coração. Os soldados então metralharam toda a área. O angico de fato ficou triturado, conforme relato de militares a esta pesquisa. Mas não chegou a cair, segundo reza a lenda popular. Dina, por sua vez, desapareceu de forma inexplicável. Álvaro foi operado em condições precárias, sem anestesia. Foi cortado mordendo um pedaço de madeira, episódio que lhe provocou amnésia parcial. Filho do general Ênio dos Santos Pinheiro, que foi um dos fundadores do SNI e próceres da linha-dura, Álvaro tornou-se depois desse episódio homem de inteligência. Retornaria depois à região na Terceira Campanha. Álvaro chegou a general. Dina, por sua vez, emergiria de vez com o mito da borboleta. Em 2013, o general Álvaro, já na reserva, seria convocado a prestar depoimento à Comissão Nacional da Verdade sobre sua participação no episódio. A respeito desse episódio específico, que ensejou no mito-fundador da borboleta-Dina, Álvaro alegou esquecimento. (STUDART, 2013)

O inexplicável desaparecimento de Dina nas mãos do imaginário popular da região tornou-se motivo para acreditar em sua transformação em borboleta. Até hoje há quem diga que a viu pela mata e sorri por saber que a professora que enfrentou seus carrascos é uma sobrevivente. Ao contemplar a cosmovisão do povo do Araguaia e fazendo com que sua própria produção seja uma extensão da vida de Dina e das demais, o discurso de Marcela Cantuária se distancia mais uma vez da história hegemônica e reforça camadas por ela apagadas. Seu papel é cumprido brilhantemente ao não se contentar com o fim convencional e nebuloso, com biografias resumidas ao momento de suas mortes, com os depoimentos desonestos dos capitães do mato. Cada fragmento das trajetórias de luta das mulheres retratadas tem potencial de se tornar um estilhaço que Marcela arremessa, doa a quem doer.

Heleny Guariba
Técnica: óleo e acrílica sobre tela
Dimensão: 160x120 cm | 2020



Ranúsia
Técnica: óleo e acrílica sobre tela
Dimensão: 160x120 cm | 2020



Dinalva
Técnica: óleo sobre tela
Dimensão: 160x120 cm | 2020

Referências:

CANTUÁRIA, Marcela. Helyny Guariba, óleo y acrílica st, 160x120 cm. Disponível em: < Marcela Cantuária (@marcelacantuaria) • Fotos e vídeos do Instagram > . Acesso em: 24 set. 2021.

CANTUÁRIA, Marcela. Portfólio Marcela Cantuária. Rio de Janeiro: A Gentil Carioca, 2020. Disponível em: < Portfólio Marcela Cantuária by producao-agentilcarioca.com - issuu > . Acesso em: 24 set. 2021.

CORRÊA, Carlos Hugo Studart. Em algum lugar das selvas amazônicas: As Memórias dos Guerrilheiros do Araguaia (1966-1974). 2013. Tese de doutorado - Departamento de História da Universidade de Brasília, Brasília, dez. de 2013.

FERRAZ, Iara. Os Surui-Aikewara e a guerrilha do Araguaia: um caso de reparação pendente. Campos - Revista de Antropologia, [S.l.], v. 20, n. 2, dez. 2019. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/campos/article/view/70051>. Acesso em: 14 set. 2021.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. Lembrar esquecer esquecer. São Paulo: Ed. 34, 2006. KUCINSKI, Bernardo. K. Relato de uma busca. São Paulo: Cosac Naify, 2014. Pílula de Arte - Marcela Cantuária. Canal Curta!, Rio de Janeiro, 21 de jan. de 2020. Disponível em: < (4) Pílula de Arte - Marcela Cantuária - YouTube > . Acesso em: 24 set. 2021.

Prêmio Décio Noviello de Artes Visuais 2020 | Joyce Delfim e Marcela Cantuária- Figurar o impossível. Palácio das Artes - Fundação Clóvis Salgado, Rio de Janeiro, 7 de jan. de 2021. Disponível em: < (4) Prêmio Décio Noviello de Artes Visuais 2020 | Joyce Delfim e Marcela Cantuária- Figurar o impossível - YouTube > . Acesso em: 24 set. 2021.

MEDEIROS, Júlia. MOSTRA ELAS | Marcela Cantuária e Raquel Barreto 23/06/2021. Júlia Medeiros, 23 de jun. de 2021. Disponível em: <(4) MOSTRA ELAS | Marcela Cantuária e Raquel Barreto 23/06/2021 - YouTube > . Acesso em 24 set. 2021.

Mostra Elas: evento reúne artistas que narram histórias de outras mulheres. Revista Marie Claire, 25 de jun. de 2021. Disponível em: < Mostra Elas: evento reúne artistas que narram histórias de outras mulheres - Revista Marie Claire | Cultura (globo.com) > . Acesso em 24 set. 2021.

SARLO, Beatriz. Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007.

SOBREIRA, Vinicius. Memórias da Resistência | No RJ, militares matam estudante pernambucana Ranúsia Alves. Brasil de Fato, Pernambuco, 31 de mar. de 2021. Disponível em: < Memórias da Resistência | No RJ, militares matam estudante | Cultura (brasildefatope.com.br) > . Acesso em 24 set. 2021.



Alçando Vôos

Formandos do curso de Pintura

imago_
EBA
sobre(vivências)



Ilustração digital: Processos para criação de narrativas visuais

Por Felipe Cavalcanti

O trabalho de conclusão de curso de Felipe Cavalcanti apresenta uma exploração dos processos e meios da pintura digital para criação de ilustrações narrativas. A partir da observação das dificuldades enfrentadas por ilustradores estudantes em entender a produção dessas imagens, verificou-se a necessidade da produção e publicação deste trabalho. Para tanto, pesquisou-se nos principais sites e livros das áreas de ilustração fantástica e design de personagem. Com essa junção de aspectos da pintura digital como iluminação, cores, linha e renderização, espera-se que alunos interessados em buscar o mercado de ilustrações fantásticas sejam capazes de articular uma narrativa visual. Também que descubram a praticidade e a eficiência das ferramentas digitais de ilustração, como o Adobe Photoshop, capaz de realizar com precisão esses trabalhos. O formato foi escolhido com o objetivo de facilitar a leitura e compreensão do material proposto e, por isso, este trabalho também foi publicado em forma de livro.

Caçadora de recompensas
Técnica: Pintura digital
Dimensão: 3840x5304 px | 2019



Processo do personagem Mordred
Técnica: Pintura digital
Dimensão: 6911x10728 px | 2020



Cavaleiro de Gansos
Técnica: Pintura digital
Dimensão: 3840x2625 px | 2020



Lista de personagens contendo todos os seis (6) designs de personagens (jovem Arthur, Rei Arthur, quatro personagens escolhidos abaixo) e um (1) design de criatura.

Técnica: Pintura digital

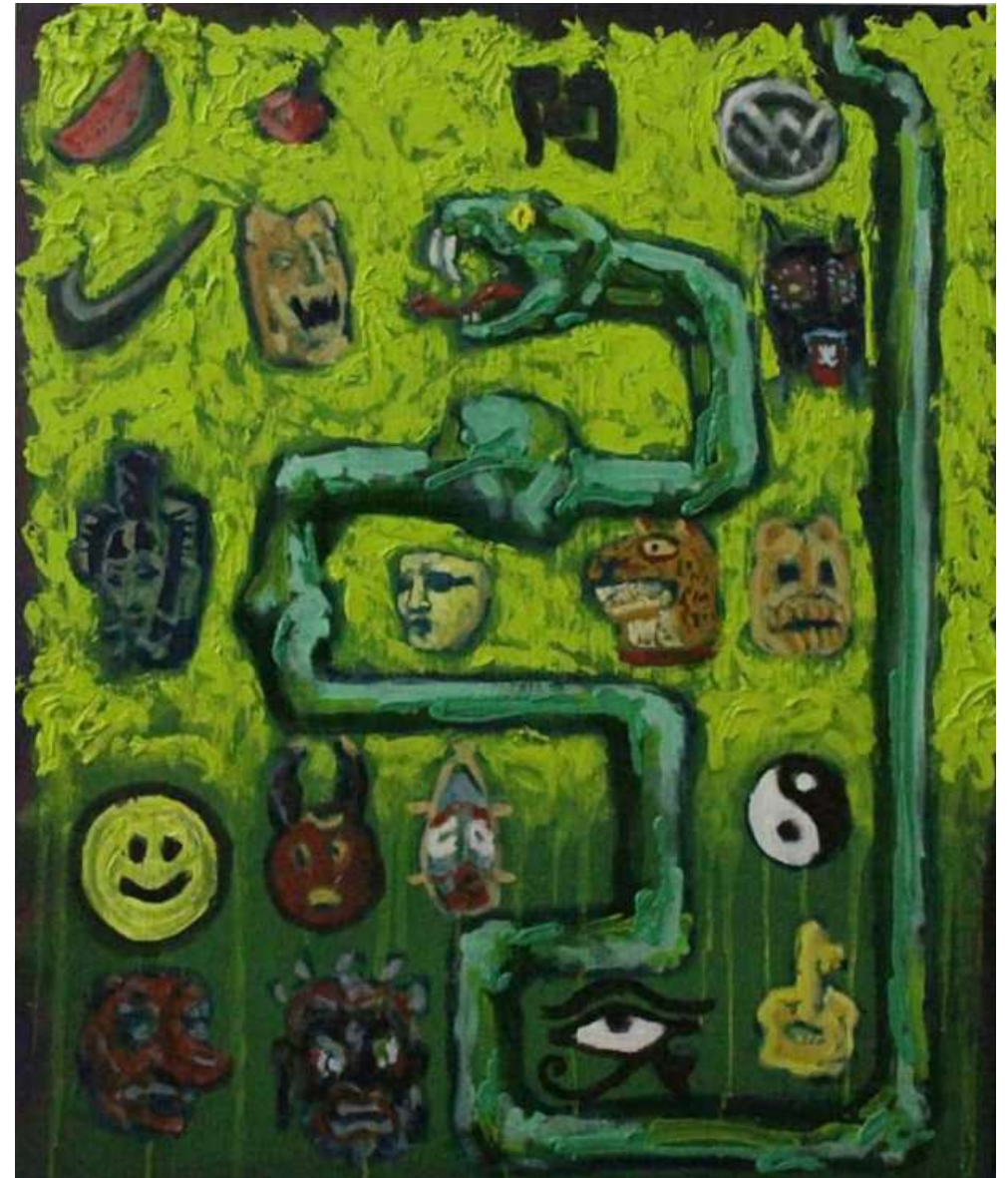
Dimensão: 1940X760 px | 2020

Serpen-Tear

Por João Torraca

Como o movimento sinuoso do réptil esguio, através dessa série rondo e circundo as diversas e ermas culturas e etnias pertinentes ao ser humano, impregnando os fios de meu fazer artístico com os simbolismos e arquétipos mais arcaicos e contemporâneos, ligando-os, no objeto de fabricação têxtil, à teodisséia de uma malha mitológica que expressa a linguagem atribuída, pela Psicologia Analítica, ao inconsciente coletivo, antropofagiando arquétipos antropológicos em um movimento endogâmico, em direção à subjetiva ligação arquetípica a sintaxes e signos, de maneira glífica, transportando o movimento da popart ao nível da escrita, produzindo poesias imagético sincretistas, sampleando as figuras do banco de dados da psique humana,

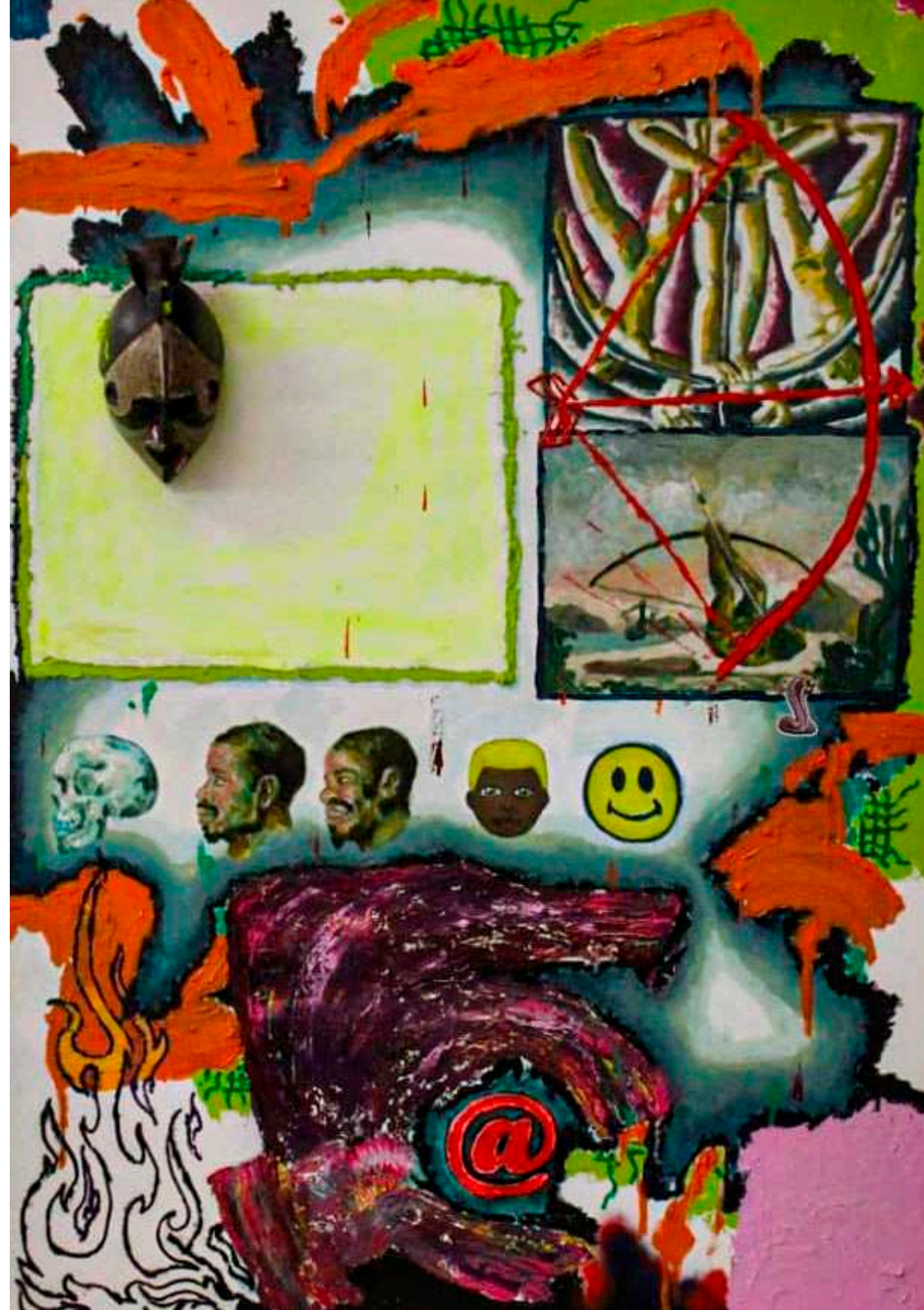
tecendo com escamas neo-emojis semióticos. Não literais como um texto literário, palavras que são pictoglifos, letras são imagens, e poesias são objetos artísticos. De volta a Babel, um esperanto em amálgama apropriatório visual, movimento processual de sobreposição e organização imagética de ícones ancestrais, virtuais e propagandistas, propagação de uma linguagem íntima e universalista, caótico-esteticista. Organizada reunião de uma globalização linguística, Imagem, pintura e artes dizendo sim ao *status* de linguagem, e o artista sobre um local racial diminuído, dando vozes signos de minoria representativa lado a lado aos de maioria. Surto catártico de escrita, Pangeia que grita, assim como o imaginário de um Brasil sincretista.



Snake game nokia 1
Técnica: óleo sobre madeira
Dimensão: 72x59,5 cm | 2018



Serpente-tearfagia
Técnica: Óleo e spray sobre madeira
Dimensão: 159x138 cm | 2018



Palimpsesto
Técnica: técnica mista sobre tela
Dimensão: 200x140 cm | 2018



Beli-cidades(Deepweb City Rejects)
Técnica: técnica mista, óleo e colagem sobre tela sobre cerâmica
Dimensão da tela: 200x140 cm
Dimensão da cerâmica:19x25x15 cm | 2021

Incronibotage
Técnica: técnica mista sobre madeira
Dimensão: 97x71 cm | 2018

Ficções na bolha de Sabão

Por Ravi Tubenchlak

O desenvolvimento da série de pinturas *Ficções na bolha de sabão*, aqui apresentado como Trabalho de Conclusão do Curso de Pintura da UFRJ, se iniciou no ano de 2018 quando Ravi Tubenchlak decidiu mudar o seu processo criativo. As pinturas que estava produzindo até então partiam de imagens fotográficas registradas pelo artista, por meio do celular, eram imagens de lugares, pessoas e objetos que, de alguma forma, habitavam o seu dia-a-dia. No desenvolvimento desse processo, o artista sentiu a necessidade de extrapolar o registro de sua vivência individual, se debruçando sobre o material fotográfico de outros autores já em circulação, obtido na internet, retirados de bancos de imagens direcionados para a publicidade, das redes sociais, reportagens etc.

A variedade desproporcional de possibilidades em relação ao limitado tempo disponível para a própria fruição dessas mesmas possibilidades, assim como a sen-

sação de que estar sempre atrasado, mal (in)formado, aumenta a sensação de estar diante da impossibilidade do erro. Para Tubenchlak, nos é apresentada uma vida ao mesmo tempo repleta de novidades, mas também de “novidades requentadas”, um certo *déjà-vu* onde os sucessivos acontecimentos instantâneos, não permitem a maturação devida para que os indivíduos, assim como as suas ideias e práticas, possam se constituir no devido tempo.

Ravi passou a refletir sobre como essas imagens e o meio em que se inserem contribuem na construção da identidade do indivíduo contemporâneo que ciclicamente devora e é, em seguida, devorado para ser reinventado através das mídias, em um esforço normatizador e talvez limitador das suas potencialidades, bem como, na direção oposta, alargando as fronteiras do que estava anteriormente posto socialmente.

Transparente
Técnica: Óleo sobre tela
Dimensão: 70x50 cm | 2021





O sacrifício
Técnica: Óleo sobre tela
Dimensão: 100x90 cm | 2020



Horizonte
Técnica: Óleo sobre tela
Dimensão: 130x120 cm | 2020



Sem título
Técnica: Óleo sobre tela
Dimensão: 90x80 cm | 2020

Portal
Técnica: Óleo sobre tela
Dimensão: 147x116 cm | 2021



imago_
EBA
sobre(vivências)

Galeria Macunaíma: Memória e Legado

Por Prof. Dr. Ricardo A. B. Pereira
Coordenador do curso de Pintura
Administrador e curador da Galeria Macunaíma

Fundada em 1959 por estudantes da Escola Nacional de Belas Artes (ENBA) com o objetivo de expor a produção do corpo discente, a Galeria Macunaíma funcionava numa pequena sala cuja entrada dava para a rua México, no mesmo prédio onde hoje, como naquele tempo, funciona o Museu Nacional de Belas Artes (MNBA). Em 1975, quando a Escola (nessa altura já como EBA-UFRJ) foi forçada pela ditadura militar a se transferir daquele seu prédio para a Cidade Universitária, na Ilha do Fundão, a Macunaíma continuou funcionando no mesmo local, passando a ser parte da Funarte, porém sendo perdida a exclusividade que os estudantes tinham para expor nela, tornando-se uma galeria com edital aberto a todos os artistas nacionais. Em 1990, com a saída da Funarte do prédio do MNBA, a Galeria Macunaíma deixou de existir.

Em 2008, durante a grande reforma do ateliê do curso de Pintura, lá foi criado um espaço específico para as exposições dos estudantes. Com o objetivo de refazer os laços com sua História, os professores do departamento BAB (responsáveis pelos cursos de Pintura e de Gravura), deram a este espaço expositivo o nome de Galeria Macunaíma, revivendo seus objetivos originais. Assim, funcionando como

galeria institucional no ateliê de pintura, antigo “Pamplonão”, atual Ateliê Portinari, foi inicialmente administrada pelos professores Júlio Sekiguchi e Lourdes Barreto, estando a partir de 2017 sob responsabilidade de Ricardo A. B. Pereira, professor e atual coordenador do curso de Pintura. Desde sua reinauguração, nela já foram realizadas diversas exposições individuais e coletivas, na maioria de alunos do curso de Pintura, mas também de alguns estudantes de outros cursos da Escola como Artes Visuais, Cenografia e Conservação/Restauração

Desde 2020, devido ao distanciamento social forçado pela pandemia de Covid-19, a Macunaíma vem funcionando virtualmente por meio de sua página no Facebook e no Instagram. Desta forma, ainda que remotamente, continua mantendo a sua função original: viabilizar as exposições individuais dos alunos do curso de Pintura, mostrando a diversidade de linguagens desenvolvidas por seus estudantes. Nesse contexto, recentemente a Galeria Macunaíma foi transformada numa ação de extensão associada ao Projeto de Extensão Pintura Contemporânea e Sociedade: processos de criação, exposição e diálogos.



Maria Karenina: Primeira Infância

Instagram: @mariakareninalo.94

Este trabalho apresenta o processo que deu origem à série de minha autoria intitulada “Primeira Infância”, desenvolvida como formanda do Curso de Pintura da Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Partindo de fotografias de família, do período que compreende do meu nascimento aos três anos de idade, quando, então, morreu minha mãe, selecionei fotografias que retratassem o cotidiano de uma família dos anos 1990, vivendo no subúrbio carioca. São fotos que compõem minha memória desse período e que, ao mesmo tempo, é uma memória que só existe por causa desses registros.

De modo a contar essa história agora, através da pintura, busquei nos artistas Diego Velázquez, Gerhard Richter e Yigal Ozeri as referências – no primeiro, em relação ao processo, nos dois últimos, pela afinidade temática. Também fui à Roland Barthes para avançar na compreensão da linguagem fotográfica e assim, poder explorar seus diálogos com o processo pictórico. Muito de meu processo pode ser entendido através da referência desses artistas, mas também pelo enfrentamento direto na tela, um método que vem marcando todo o meu trabalho.



Larissa no Sofá
Técnica: óleo sobre tela
Dimensão: 65x55 cm | 2018



Larissa e Eu
Técnica: óleo sobre tela
Dimensão: 80x80 cm | 2018



Aparecida
Técnica: óleo sobre tela
Dimensão: 40x40 cm | 2018



Vó Gil
Técnica: óleo sobre tela
Dimensão: 135x85 cm | 2018



Lavínia Kerk: Pinturas de Brinquedo

Instagram: @laviniakerk

Por Prof^ª. Dr^ª. Martha Werneck
Dep. BAB EBA/UFRJ

O trabalho de pintura reserva surpresas também para quem o faz. O autor de imagens em sua pesquisa está sujeito a um universo amplo de referências e possibilidades, mas, ao vasculhar a vastidão do que já foi produzido pela humanidade, o artista muitas vezes é conduzido de volta para casa. A pesquisa da pintora Lavínia Kerk dialoga com a História da Arte, com as imagens que a marcaram enquanto estudante e pesquisadora, com os processos de pintura e estéticas que a seduziram. Entretanto, no percurso de sua graduação, Kerk acabou construindo uma narrativa extremamente pessoal e íntima.

Elementos da sua infância, de quando via o mundo sob a perspectiva de uma criança sentada embaixo da máquina de costura de sua mãe trabalhadora, são trazidos de forma sucessiva e brotam como símbolos daquilo que a marcou. Os tecidos ricos e vaporosos, espelhos, flores, manequins e bonecas, da forma como estão dispostos,

projetam inseguranças e dificuldades do que seria essa difícil travessia da infância.

Em suas pinturas, estudos e ensaios observamos melancolia e nostalgia, a fusão do infantil com a vida dos adultos que a cercavam, a relação com as outras crianças que com ela enfrentavam um cotidiano de incertezas, permeado por embates, necessidades e, sobretudo, a preocupação permanente de se ganhar o pão de cada dia. Há nessa produção uma confluência entre o universo do sonho infantil, do trabalho, do lazer e do vício.

Tudo que nos é trazido em aparente riqueza é, ao fim e ao cabo, simplicidade travestida por uma mente que estetiza e materializa no campo do simbólico algo que, doravante, não está mais no nível do recalque. Em seus trabalhos vem à tona a condição da criança sensível, observadora que Lavínia foi e da mulher artista que se tornou.

Espelho
Série Pinturas de Brinquedo
Técnica: óleo sobre tela
Dimensão: 150x110 cm | 2018



Cartas
Série Pinturas de Brinquedo
Técnica: óleo sobre tela
Dimensão: 115x160 cm | 2018



Tsurus
Técnica: óleo sobre tela
Dimensão: 150x100 cm | 2018



$\frac{5}{12}$ Xilogravura "Cavalinhos" - Lavinia/2004

Cavalinhos
Técnica: Xilogravura sobre papel japonês
Dimensão: 45x35 cm | 2014



$\frac{05}{13}$ Litogravura "Deslumbrada" Lavinia/2014

Deslumbrada
Técnica: Litogravura sobre papel Reeves
Dimensão: 45x35 cm | 2014

Alice Gastaldo: Histo é Arte

Instagram: @pflantzineas

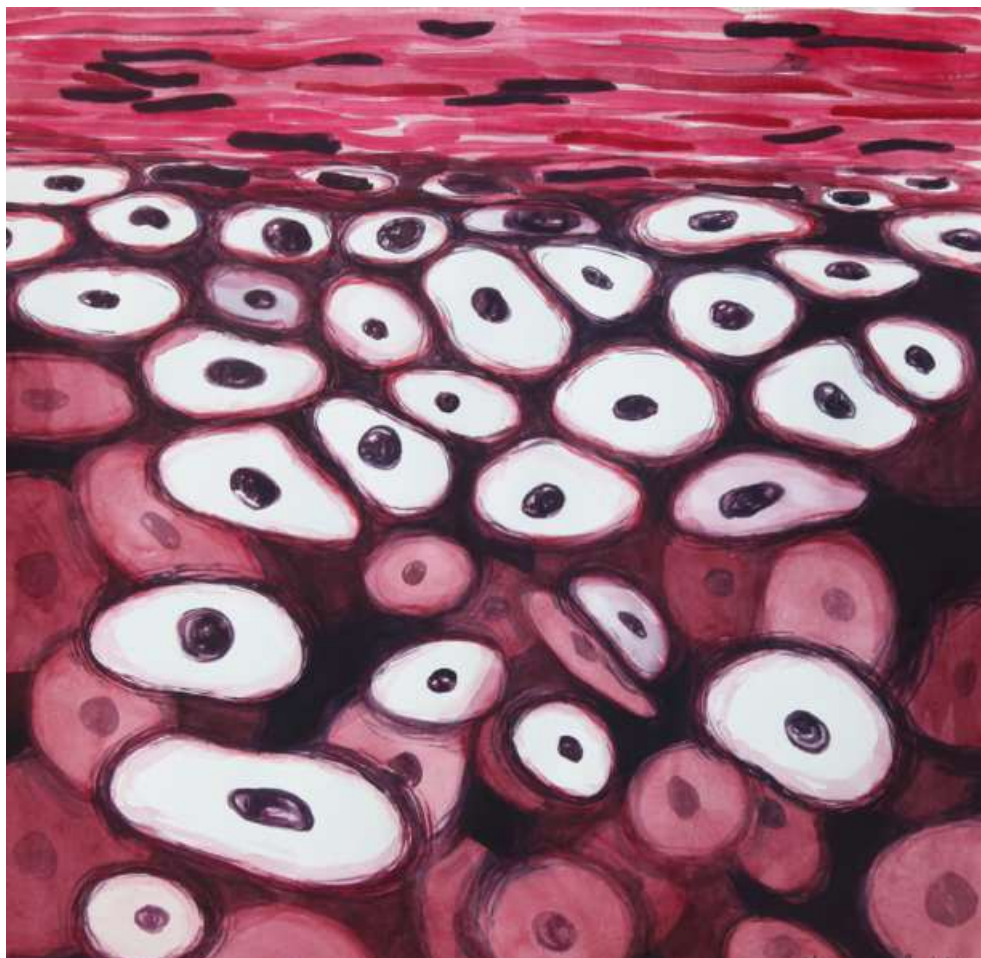
As obras que acompanham esta monografia foram produzidas em aquarelas, nanquins e outras tintas com técnica de aguada, papéis e linhas de algodão para as partes em crochê. A escolha dos materiais foi feita com base na conveniência com a qual se pode usá-los na melhor representação dos tecidos celulares, que são o tema central da exposição.

A exposição consiste em uma espécie de gradiente que se inicia na representação figurativa de uma pilha de descartes na calçada (pintura 1), uma cena que muitas pessoas, se a vissem ao vivo, não dariam muita importância. O nome da pintura tam-

bém não é acidental, considerando título homônimo ao filósofo René Descartes, um dos primeiros pensadores a incluir a dúvida como primeiro passo para o conhecimento. Tanto o amontoado de restos sem uso quanto o gesto de pintá-lo, ambos podem parecer escolhas estranhas de objeto estético. Este trabalho serve como início da exposição por convidar quem o observa a achar bela uma correlação de elementos que não se costuma considerar especialmente pitorescos. Há delicadeza na pintura, há a pilha de Descartes e nada mais. E é nessa miscelânea que vamos adentrar nas próximas pinturas.

Pilha de Descartes
Técnica: nanquim e aquarela sobre papel
Dimensão: 14x21,6 cm | 2018





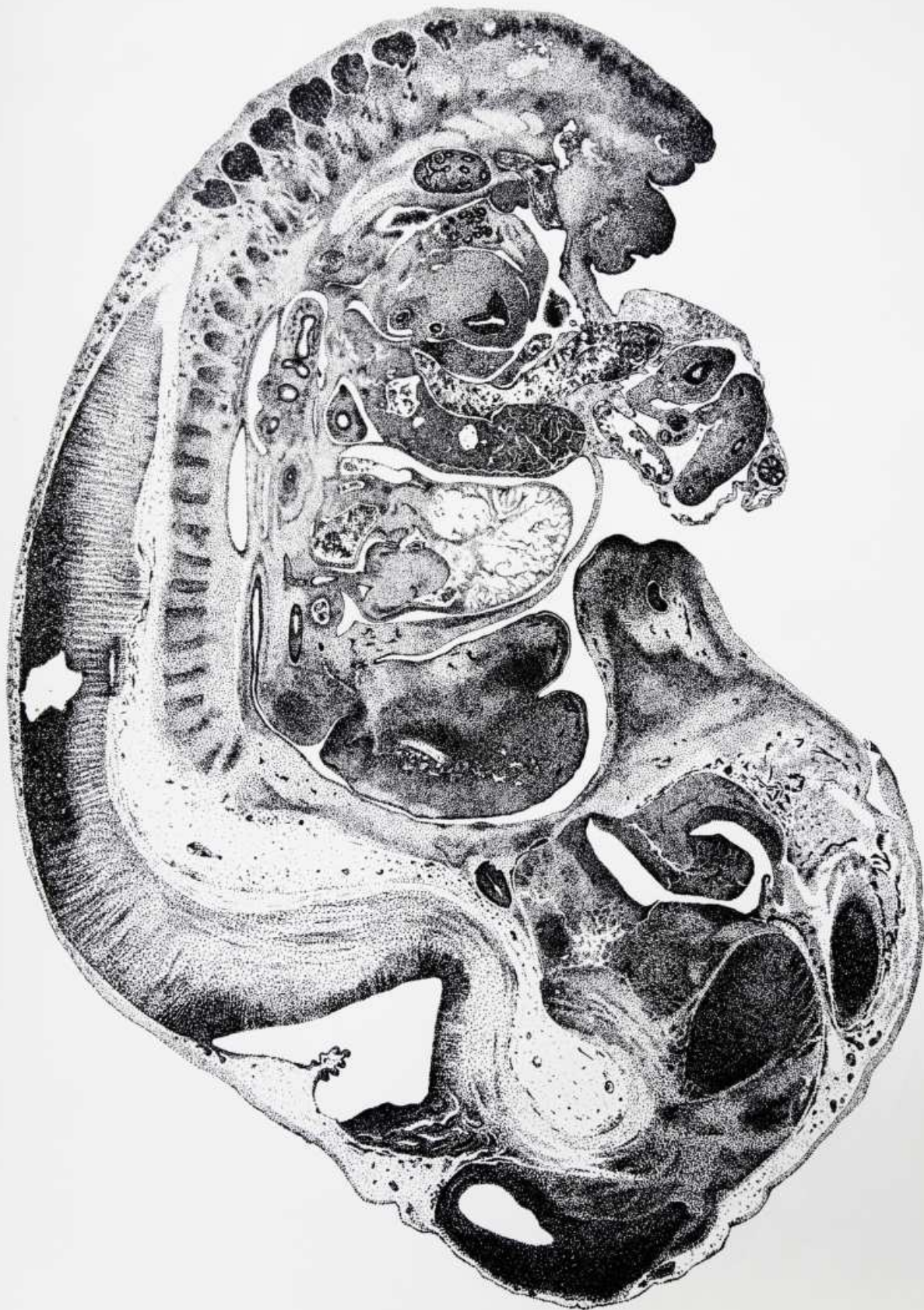
As folhas ainda se encontram com a mesma razão conceitual que a pilha de Descartes, mas já com o aumento presente. É como se, da primeira pintura, tivéssemos pego uma folha daquele chão e parado para apreciá-la. As folhas são de árvores comuns da cidade do Rio de Janeiro, já queimadas ou comidas por insetos. São também folhas das menos exuberantes, amareladas, gastas, exatamente do tipo que esta exposição pretende ressaltar.

As microscopias começam a dar forma ao gradiente pretendido com a exposição. Seccionamos um pedaço do visível e novamente o aumentamos. Ainda coloridas e delicadas, o objetivo das microscopias é exatamente que nos mostre a orgânica abstração dos tecidos celulares. Elas funcionam como sucessoras das folhas no sentido de que aproximam nosso olhar mais ainda do universo do minúsculo, dos fractais formados por organelas e tecidos conjuntivos.



Microscopia nº 1
Técnica: aquarela sobre papel
Dimensão: 29,7cm² | 2019

Folha nº 2 (amendoeira)
Técnica: aquarela sobre papel
Dimensão: 14x20 cm | 2019



Embrião
*Feita em coautoria com Agnes Antonello
Técnica: nanquim sobre papel
Dimensão: 42x59,4 cm | 2020

Crochélula nº 2
Técnica: linha de algodão, agulha nº 1
e grafite sobre papel
Dimensão: 20 cm² | 2021

O embrião vem à frente das obras maiores da exposição. Seu tamanho nos permite “passar” por dentro de cada detalhe daquele ser. Por ter sido feito em pontilhismo, também nos dá a ideia de ser composto por várias partículas ou fragmentos - várias células - que podem de muito perto parecer abstratas e desconexas, mas de longe formam algo com formas bem definidas e incrível complexidade.

As crochélulas marcam o final do gradiente através de uma volta ao início.

Parece que entramos mais fundo para dentro da célula, abrindo-a em fatias, mas ao mesmo tempo voltamos ao centro de mesa feito em crochê, aos objetos pelos quais muitas vezes passamos sem perceber e que têm, cada um, sua *finesse* artística.

Lucas Garcia

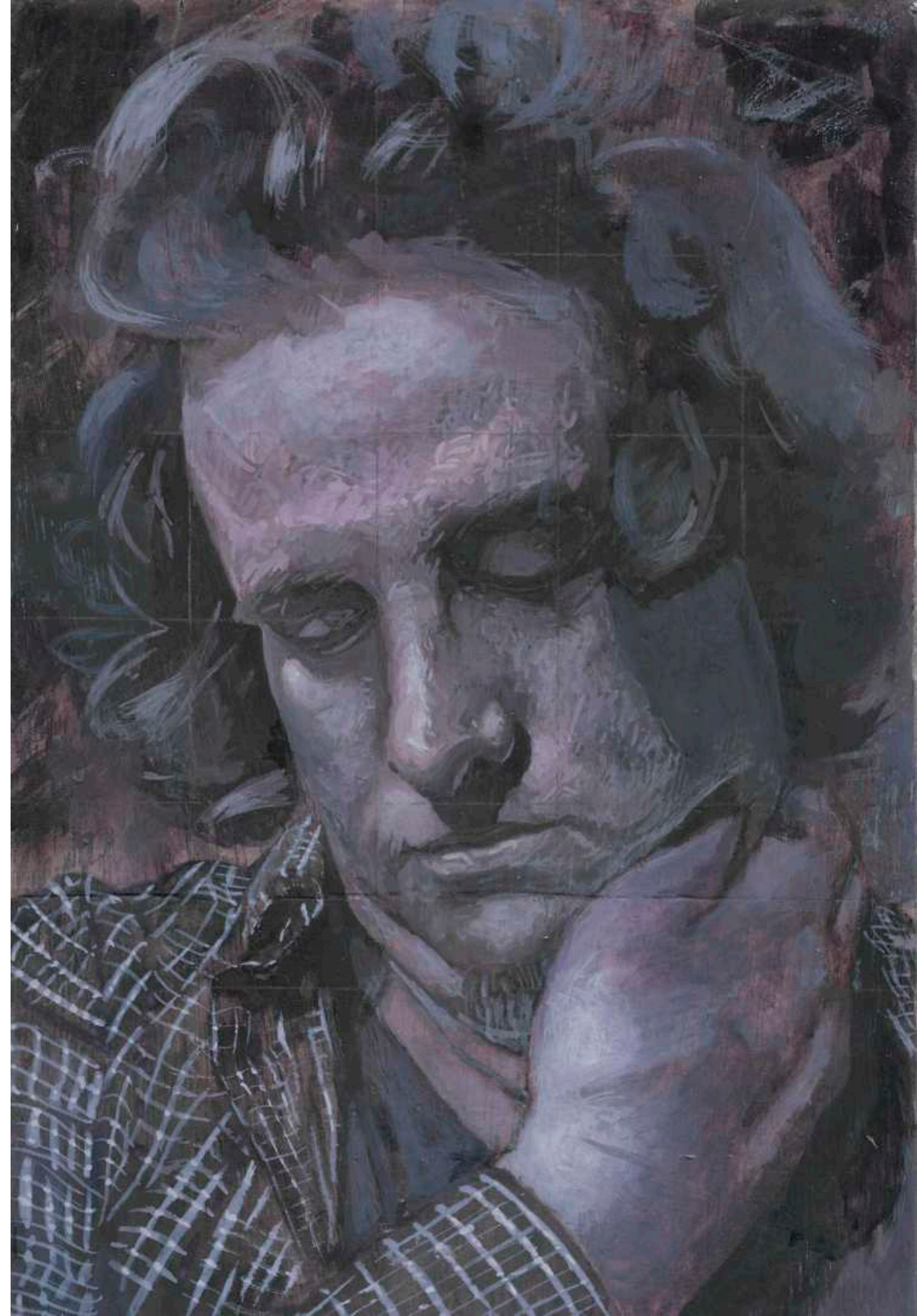
Angústia: De Quadros Para Quadrinhos

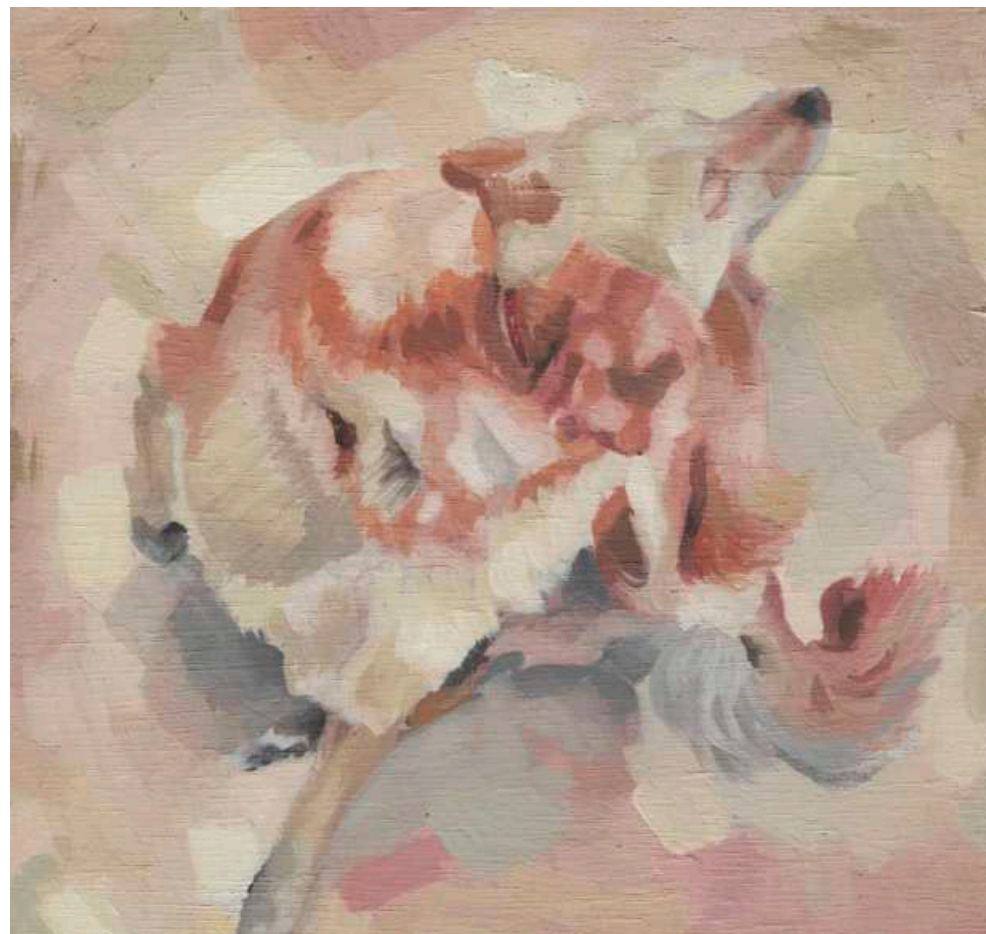
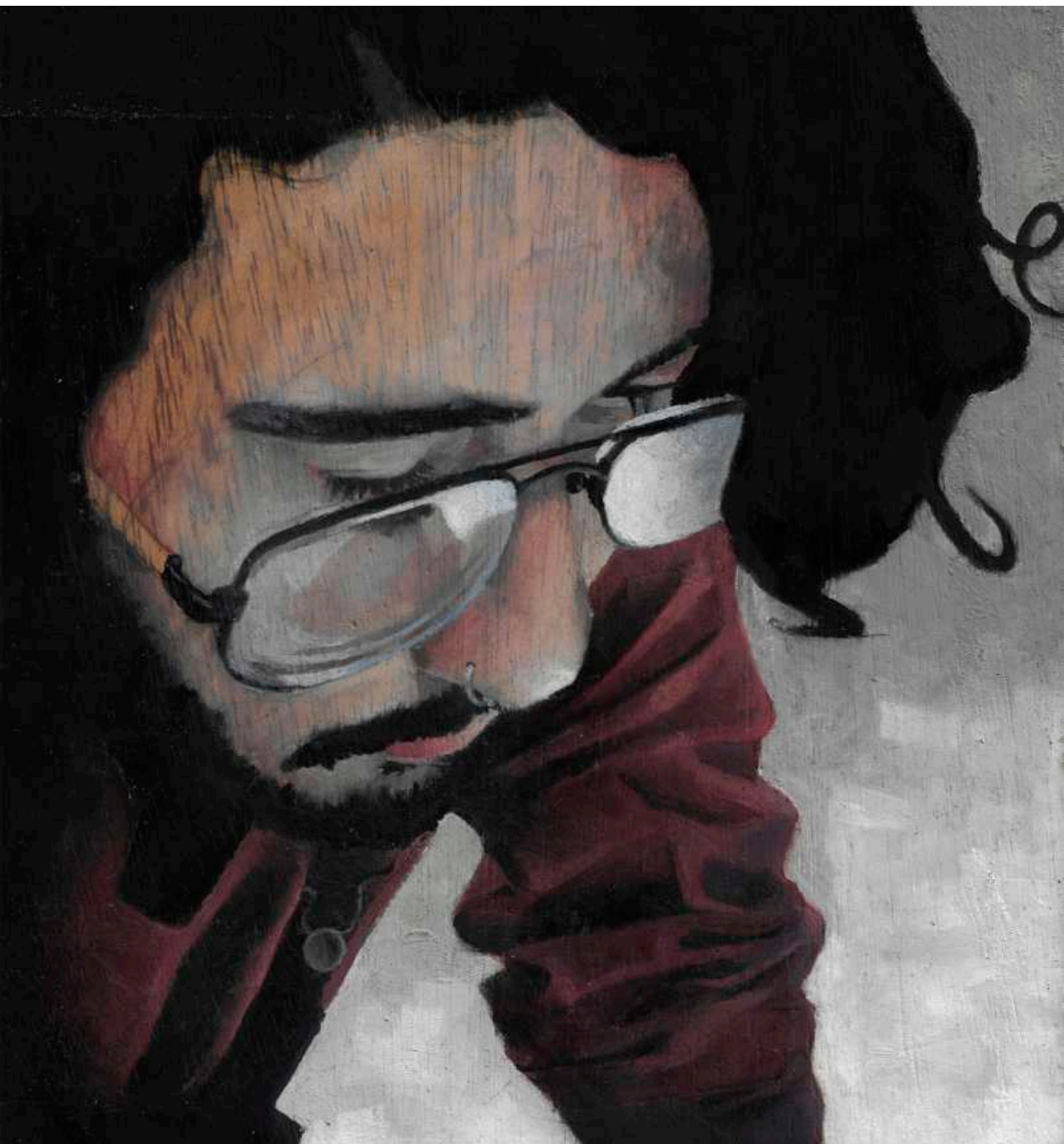
Instagram: @lucasgarcia.art

Nesta exposição apresento os desenhos e as pinturas que fazem parte da monografia “Angústia: de quadros para quadrinhos”. Aqui exponho algumas pinturas da minha série de retratos, assim como as minhas cinco primeiras histórias em quadrinhos.

Cada HQ conta uma história diferente, adaptando, cada uma, um conto do autor Anton Tchekhov. E em cada uma exploro um estilo diferente, com técnicas diferentes, como: guache, grafite, esferográfica, entre outras.

Autorretrato Dormindo
Técnica: guache sobre madeira
Dimensão: 24,8x29,8 cm | 2018





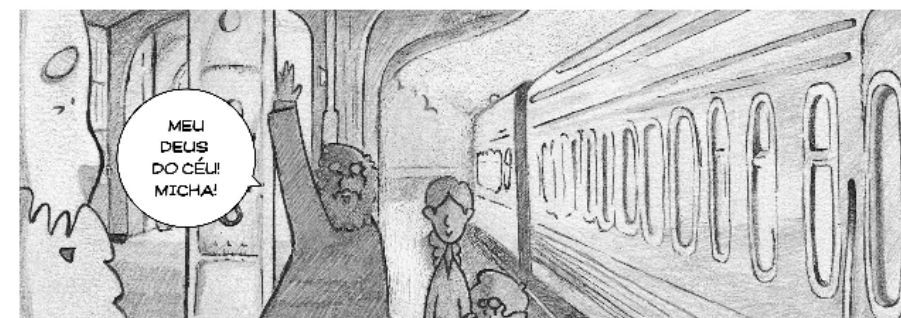
Mel
Técnica: óleo sobre madeira
Dimensão: 19x19 cm | 2018

Álef
Técnica: óleo sobre madeira
Dimensão: 17x17 cm | 2017

O GORDO E O MAGRO

INSPIRADO NA OBRA DE ANTON TCHEKHOV

Primeira página da história em quadrinhos
O Gordo e o Magro
Dimensão: 2086x2948 px | 2021



E COMO VAI
A VIDA? JÁ
ESTÁ RICO?
CASADO?



Marcio Couto: Coiote

Instagram: @marcio.couto1

Por Prof. Dr. Julio Ferreira Sekiguchi
Dep. BAB EBA/UFRJ

Nesta produção artística de Marcio Couto os componentes de subjetivação do indivíduo estão presentes em suas pinturas como narrativa própria do quadro. Trabalhando o sonho, mídia, literatura, contemporaneidade e pintura, para citar algumas das relações presentes, promove uma interação psicológica social com as linguagens artísticas. As imagens fragmentam-se como no O Grande Vidro de Marcel Duchamp, onde o vidro quebrado é fundamento da obra.

Seu interesse pela linguagem é seu impulso artístico. A pesquisa se esparrama por diversas áreas artísticas livremente - um sonho: meio razão/meio emoção. A narrativa é uma miscelânea de interpelações que se exprimem por meio do viés artístico, como ele assevera.

Cinema, literatura, ilustração, teatro ou pintura? Tudo importa, tudo faz parte. Somos conduzidos para uma experiência de totalidade e fragmentação, reflexo da contemporaneidade.

A produção é um ensaio sobre a experiência do homem diante do mundo atual, mundo presente, mundo em transformação. A arte, quando na vanguarda, corre riscos onde erros e acertos fazem parte da experiência. A Arte se renova ao assumir riscos.

SEM TÍTULO: COIOTE
Técnica: acrílica sobre tela
Dimensão: 120x100 cm | 2018



SEM TÍTULO: TRÊS
Técnica: acrílica sobre tela
Dimensão: 80x150 cm | 2018



SEM TÍTULO: MIL CENTO E TRINTA E NOVE
Técnica: acrílica sobre tela
Dimensão: 120x100 cm | 2018



SEM TÍTULO: QUARENTA E DOZE
 Técnica: acrílica sobre tela
 Dimensão: 100x80 cm | 2018



SEM TÍTULO: UM
 Técnica: acrílica sobre tela
 Dimensão: 122x90 cm | 2016

Ricardo Ramos: Paisagens

Instagram: @carvalhoricardoramos

Por Prof. Dr. Ricardo A. B. Pereira
Dep. BAB EBA/UFRJ

“Paisagem” é o nome que se dá a um dos mais tradicionais gêneros da pintura, encontrando-se exemplos na arte ocidental desde a Antiguidade, quando ainda não era estabelecida como tal, tendo sido muito praticada no Barroco pelos holandeses, ganhando diversos desdobramentos semânticos e técnicos até se tornar fulgurante através das obras de Turner e de alguns dos mais importantes impressionistas como Monet, Pissarro, Sisley entre outros. Com Van Gogh a paisagem ganhou uma dimensão psicológica que reflete toda a sensibilidade interior daquele artista quando tocado pelo estímulo da Natureza.

Ricardo Ramos, formando do curso de pintura da EBA-UFRJ, retoma a pintura de paisagem sob uma visão que trata de algo sobre o qual a Academia debateu calorosamente por um bom tempo, desde seu alvorecer em fins do século XVI, na Itália, até o século XVIII; a linha ou a mancha, qual destes elementos formais é o mais importante para a pintura? Sabedor, logicamente, que tal disputa deixou há muito de existir, o artista toma este antigo embate como uma questão de seu interesse pessoal, des-

dobrando-o em um conjunto de 14 obras plenas de energia e significação plástica. Em suas pinturas agrestes, linhas explícitas ou pressentidas em suas composições como impulsos dinâmicos, conjugadas com contrastes fortes de luz e sombra, dentro dos quais a cor e a textura também desempenham um papel dinamizador importante, travam um contato íntimo com as manchas. Isso demonstra que se no passado haviam dois campos opostos na Academia quanto a linha e a mancha, na sua obra isso é apenas um pretexto para que sua imaginação recrie a Natureza de forma livre, com personalidade e poesia.

As árvores merecem em suas obras uma atenção toda especial, não no sentido meramente mimético, mas num sentido mais amplo, que mostra uma energia intensa que vem não só da seiva que extraem do fértil solo pictórico, mas também do seu cerne de artista. As rochas brutas e os céus agitados com nuvens fortemente texturizadas, formam outra característica marcante, apresentando-se de maneira dramática e, sob alguns aspectos, barroca.

Árvore n2
Técnica: acrílica sobre tela
Dimensão: 60x95 cm | 2018





No conjunto de árvores inclinadas para o lado esquerdo o tema é trabalhado com variações nas cores, modelado e fatura pictórica - sendo todas vigorosas, mas nunca iguais. "Árvore na rocha", por seu turno, parece mostrar um encontro de titãs onde, no fim das contas, as forças naturais acabam se harmonizando sem, contudo, deixarem de exprimir seu poder individual.

Em "Paisagem 1", a rocha se torna uma montanha imponente, porém suavizada pela distância, enquanto os troncos intensamente modelados de uma árvore de casca grossa a emoldura a partir do primeiro plano, como que barrando a ascensão do cume montanhoso; ao pé da árvore e da montanha arbustos crescem cheios de vida. "Colosso" e a obra seguinte, "Ro-

cha", colocam o observador na beira de vertiginosos precipícios, o primeiro feito com blocos de rochas vermelhas e o segundo com aglomerados de pedras musgosas nas quais se destacam grandes folhagens escuras.

Trata-se de um poderoso conjunto de paisagens que Ricardo Ramos apresenta na Macunaíma Virtual, fruto de suas pesquisas poéticas sinceras, repletas de expressão e sentimento de admiração pela Natureza. Ao observador cabe se deixar envolver pela força deste trabalho que, sendo a conclusão de uma etapa importante de aprendizado do artista, se mostra em plena via de crescimento - como uma jovem árvore.

Sucesso ao artista.



Paisagem 1

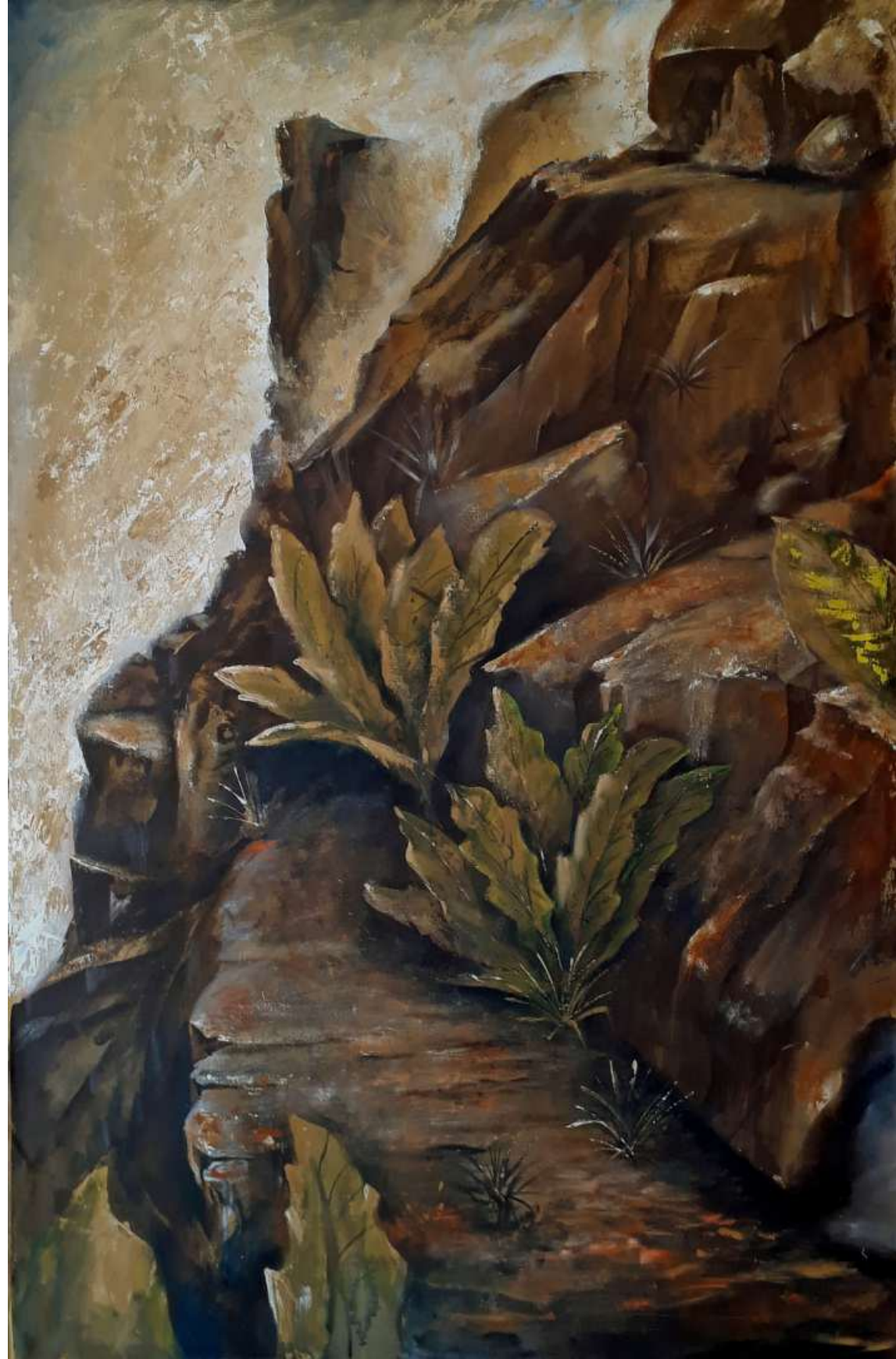
Técnica: acrílica sobre tela encolada em madeira
Dimensão: 80x60 cm | 2015

Árvore na rocha

Técnica: acrílica sobre madeira
Dimensão: 60x80 cm | 2018



Colosso
Técnica: acrílica sobre tela
Dimensão: 75x110 cm | 2018



Rocha
Técnica: acrílica sobre tela
Dimensão: 100x153 cm | 2018



Bruna Rafael: Evolução

Instagram: @brunarafaelatelier

A exposição “Evolução” apresenta um pouco da minha trajetória e do meu processo artístico. De um começo leigo em relação à técnica de pintura e às artes em geral, até a evolução pessoal e profissional dentro da Escola de Belas Artes da UFRJ. Ao longo do processo, momentos corriqueiros de frustração e desânimo, longe de se tornarem constantes. En-

tretanto, esses se tornaram insumos para percepção e análise do caminho percorrido e suas transformações. A busca pela evolução nos torna capazes de perceber e aproveitar os desafios e oportunidades da vida. Nossa evolução é particular e o autoconhecimento é a chave de tudo. Encontrar o que a impede nos ajuda a pausar metas e objetivos.

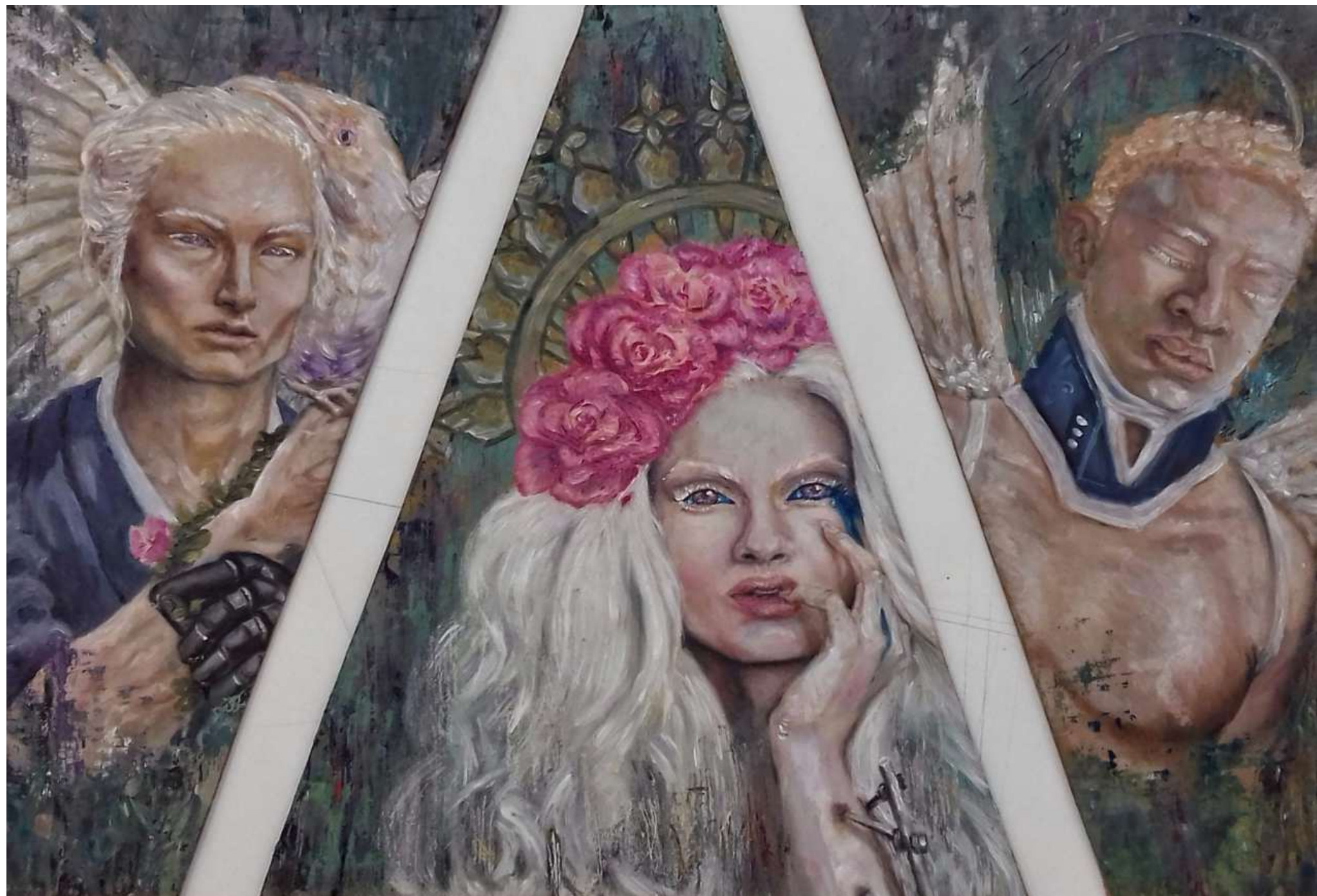
Cardo Santo
Técnica: Acrílica sobre tela
Dimensão: 150x95 cm | 2021



O Pesadelo
Técnica: Acrílica sobre MDF
Dimensão: 110x80 cm | 2019



Uma Vela Para Ela Seguir Seu Caminho
Técnica: Acrílica sobre madeira
Dimensão: 40x30 cm | 2019



Solene
Técnica: Óleo sobre MDF
Dimensão: módulos de 40x22x12
cm e 40x33x8 cm | 2018

L.U.C.I.

Um animal fossilizado, gravado em meus ossos

Instagram: @lucioliveirart

Para você eu não tenho uma canção de amor
Apenas uma canção agonizante e faminta
Vomitando as cores mais sombrias
E uns olhos vazios
Mirando teu rosto crepitar
E minha saliva provando as cinzas
Não quero carregar este fardo
Escolhas nos acorrentam
E eu preciso de possibilidades
Minha alma é destrutivamente livre

Vi-me perdida entre as ruas onde cresci
Enquanto corria à tua procura
Um cortejo negro deslizava pelas vias
Acompanhava o esquife do não amor
Eu te procurava porque iam enterrar
Aquilo que era nosso
Apenas porque eu não tinha uma canção de amor
Ou será você que ia no caixão?

Flores secas e bichadas
Meu bem, eu tenho para lhe dar
Deposito um beijo em cada um dos teus olhos
Como se moedas fossem
Para que Caronte o conduza
Através das águas do esquecimento
Sou rainha num castelo arruinado
E o rei ejacula nos escombros do meu ser.



Rainha de nada III (vazio)
Técnica: Óleo sobre placa de metal
Dimensão: 28x41 cm | 2019



L.U.C.I. se formou no curso de Pintura pela EBA-UFRJ em novembro de 2020 de forma remota. O nome da exposição foi extraído de um dos poemas da artista, que trabalha a pintura e poesia ao mesmo tempo, de forma que uma complementa a outra. Na mostra estão reunidos trabalhos do seu TCC, Relicário, alguns extras, como objetos estéticos, que a artista chama de cadáveres esquisitos, e algumas fotografias, ambos parte indissolúvel de sua pesquisa.



Ao lado: Sem Título
Técnica: Óleo sobre tela
Dimensão: 50 cm de diâmetro | 2019

Cherry Bomb
Técnica: Óleo sobre tela
Dimensão: 50 cm de diâmetro | 2019



Cadáver Esquisito I
Técnica: Assemblage
Dimensão: 43x103 cm | 2019



Cadáver Esquisito II
Técnica: Assemblage
Dimensão: 36x78 cm | 2019



Portfólio
Coletivo

imago_
EBA
sobre(vivências)



Rosita

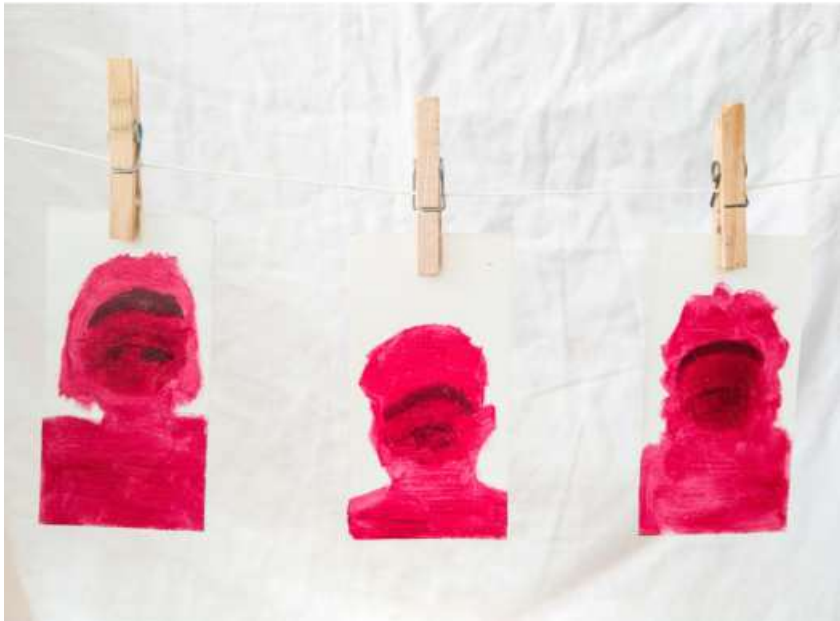
Instagram: @rositaxeifs



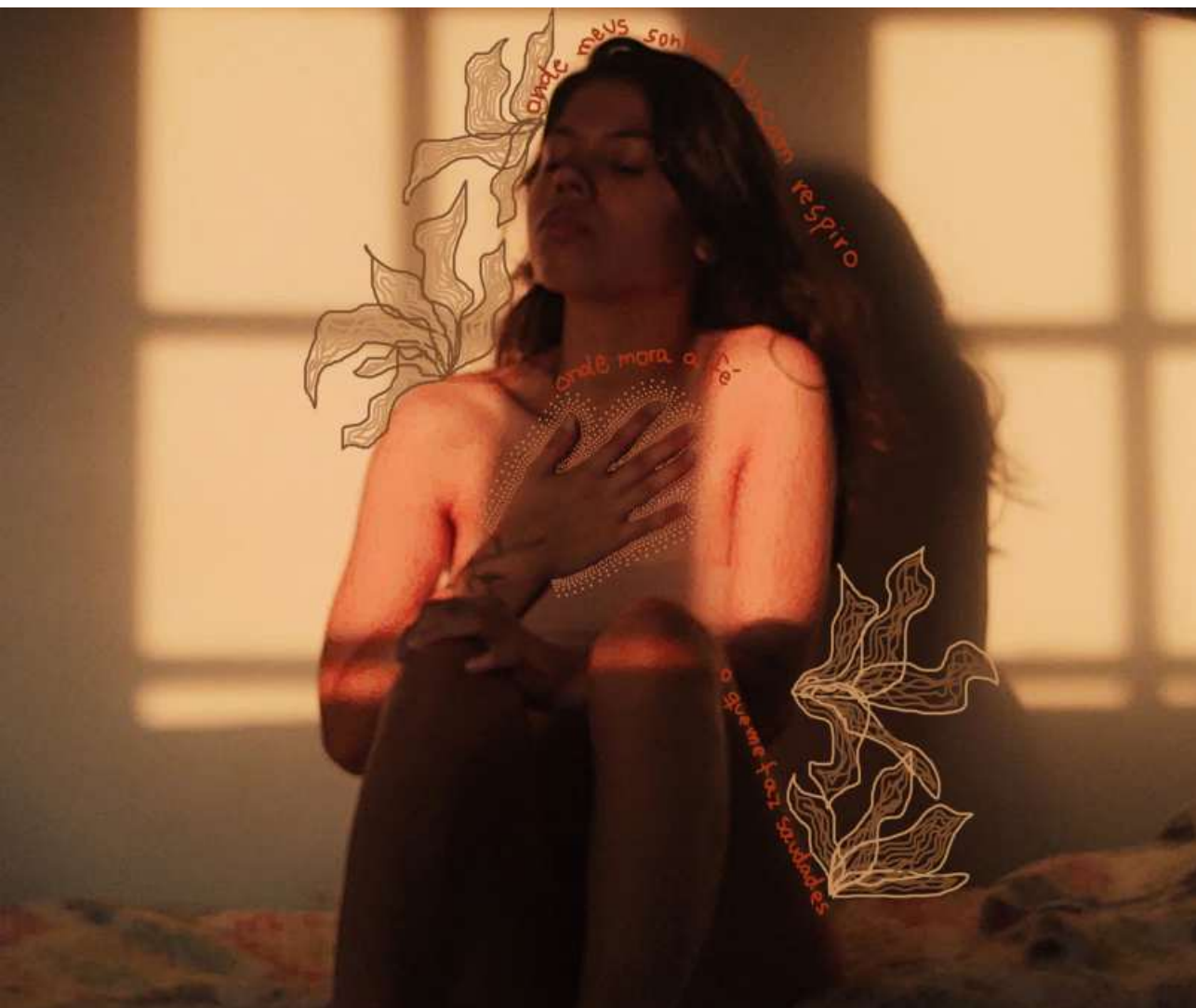
Amanda Olbel
Instagram: @olbel_amanda







Barbagelata
Instagram: @bgelatart



Clarice Saisse
Instagram: @clarice.saisse



Albarte
Instagram: @alb.arte





Mel Anselmo

Instagram: @crack.se





Danda Odara

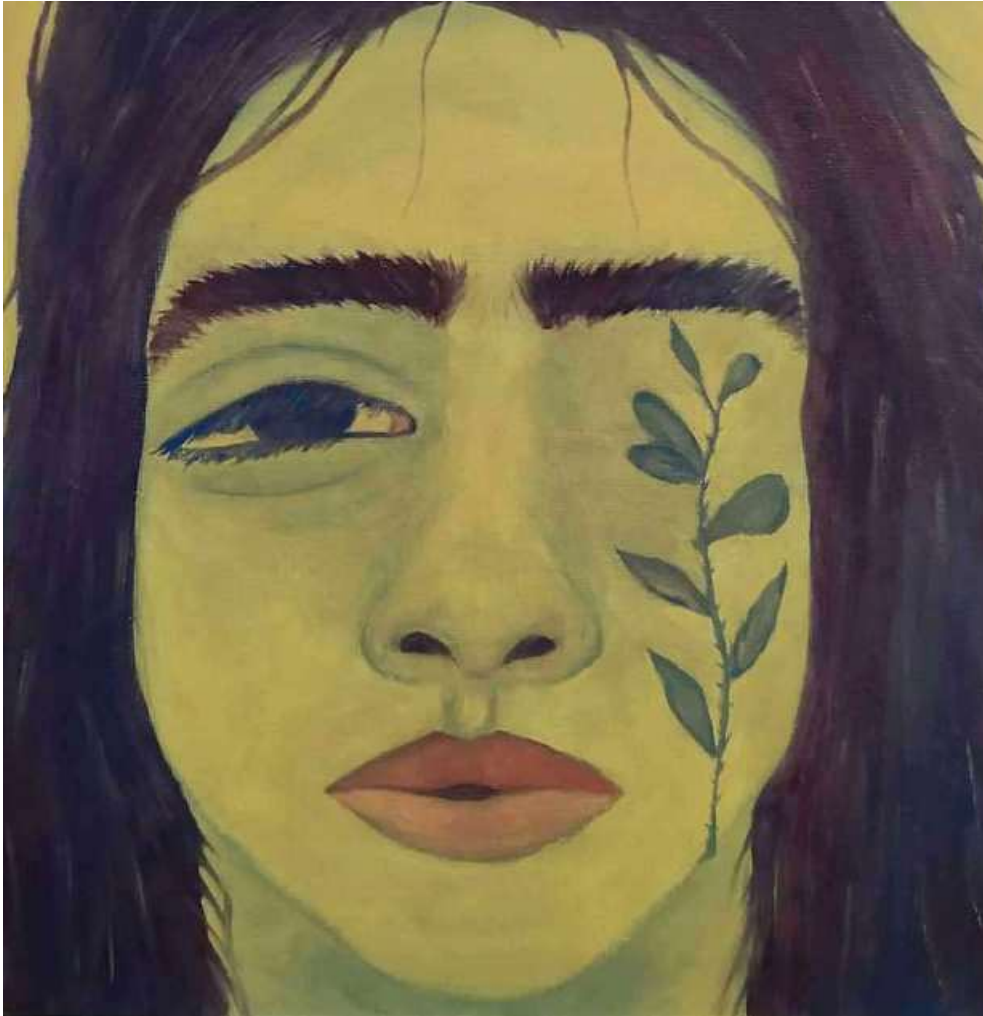
Instagram: @danda.odara





Bea Machado
Instagram: @beamachado





Giu Cabral
Instagram: @giu_lya





Felipe Carnaúba

Instagram: @carnauba.felipe

Fichas Técnicas

Portfólio Coletivo

Rosita - p. 202

Historinhas Medievais
Técnica: acrílica sobre papel 220g
Dimensão: 139,5x65 cm | 2020

Amanda Olbel - p. 204-207

O Cheiro do Ralo - Heitor Dhalia
Série: Aguadas de Cinema
Técnica: Gouache sobre papel 300g
Dimensão: 14x21 cm | 2020

O Profissional - Luc Besson
Série: Aguadas de Cinema
Técnica: Gouache sobre papel 300g
Dimensão: 14x21 cm | 2020

Aquarius – Kleber Mendonça Filho
Série: Aguadas de Cinema
Técnica: Gouache sobre papel 300g
Dimensão: 14x21 cm | 2020

Bicho de Sete Cabeças – Laís Bondanski
Série: Aguadas de Cinema
Técnica: Gouache sobre papel 300g
Dimensão: 14x21 cm | 2020

Barbagelata - p. 208

Envelhecendo
Técnica: óleo sobre papéis
Dimensão: 7x14 cm | 2021

Clarice Saisse - p. 210

Por onde o corpo escorre pra respirar:
saude
Série: Água Viva
Técnica: intervenção de desenho digital
sobre autorretrato
Dimensão: 2788x2342 px | 2020-2021

Me tornar rio
Série: Água Viva
Técnica: intervenção de desenho digital
sobre autorretrato
Dimensão: 2285x1728 px | 2020-2021

Me tornar concha
Série: Água Viva
Técnica: intervenção de desenho digital
sobre autorretrato
Dimensão: 2766x2400 px | 2020-2021

Albarte - p. 212

Qual a salvação?
Série: Onde tudo acontece
Técnica: acrílica sobre papel 300g
Dimensão: 21x24,7 cm | 2020

Mel Anselmo - p. 214

Sem título
Série: Costela Mulher
Técnica: PVA sobre tábua de madeira
Dimensão: 14x29 cm | 2021

Danda Odara - p. 216

A sutileza também sou eu
Técnica: pintura digital
Dimensão: 2408x3508 px | 2021

Firma ponto
Técnica: pintura digital
Dimensão: 2408x3508 px | 2021

Bea Machado - p. 218

Cicatriz n.2
Técnica: óleo sobre tela
Dimensão: 20x30 cm | 2021

Ferida aberta n.1
Técnica: óleo sobre tela
Dimensão: 20x30 cm | 2021

Giu Cabral - p. 220

Não Sei o que é Ser
Série: Vida Sobre Mim
Técnica: óleo sobre tela
Dimensão: 15x15 cm | 2020

Nasce Sobre Mim
Série: Vida Sobre Mim
Técnica: óleo sobre tela
Dimensão: 21x30 cm | 2020

Felipe Carnaúba - p. 222

Paisagem digital sobre A MENTE
dos CANUDINHOS
Técnica: acrílica sobre tela
Dimensão: 25x35 cm | 2021



É vedada a reprodução das imagens contidas nessa publicação para qualquer fim ou propósito. Os contatos dos autores foram listados ao longo da publicação.

Edição lançada em maio de 2022.

Quarta capa: Maria Fernandes
Afogar (detalhe)
Série: Afundo
Técnica: óleo sobre tela
Dimensão: 40x50 cm | 2021



Revista de imagens do Projeto de Extensão
Pintura Contemporânea e Sociedade:
processos de criação, exposição e diálogos.

CURSO DE GRADUAÇÃO EM PINTURA